

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política

Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação de Mestrado

Colapso Iminente:

Uma análise da reprodução da racionalidade neoliberal no governo do RS frente a
Covid-19

Pedro Schlee Soler

Pelotas, 2022

Pedro Schlee Soler

Colapso Iminente:

Uma análise da reprodução da racionalidade neoliberal no governo do RS frente a Covid-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Trabalho, organizações e identidade.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine da Silveira Leite

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S685c Soler, Pedro Schlee

Colapso iminente : uma análise da reprodução da
racionalidade neoliberal no governo do RS frente a covid-19
/ Pedro Schlee Soler ; Elaine Da Silveira Leite, orientadora.
— Pelotas, 2022.

141 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política,
Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Neoliberalismo. 2. Covid-19. 3. Pandemia. 4. Eduardo
Leite. 5. Think tanks. I. Leite, Elaine Da Silveira, orient. II.
Título.

CDD : 321.7

Pedro Schlee Soler

Colapso Iminente:

Uma análise da reprodução da racionalidade neoliberal no governo do RS frente a Covid-19

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 24 de março de 2022 às 9 horas.

Banca examinadora:

Elaine da S. Leite

Prof^a. Dr^a. Elaine Da Silveira Leite (Orientadora). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2011).

Denise B. Gros

Prof^a. Dr^a. Denise Barbosa Gros. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2002).

Marcio Barcelos

Prof. Dr. Marcio Barcelos. Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS-UFRGS).

Rodrigo Cantu de Souza

Prof. Dr. Rodrigo Cantu de Souza. Doutor Sociologia pelo IESP-UERJ (2016).

Dedico esta dissertação a todos que me apoiaram a chegar até aqui, a Pietro Strickler (In memoriam) e a todas as vítimas da Covid-19 no Brasil.

Agradecimentos

Na ordem daqueles os quais passaram mais tempo cronológico comigo nestes dois últimos anos:

À minha companheira Thaís por ter me apoiado em todo processo do mestrado e claro, da dissertação, me mostrando que mesmo em todos momentos em que eu queria surtar era possível encontrar uma calma em algum pedaço da minha cabeça e transformá-la em criatividade. Agradeço também por ainda estar comigo ao final deste processo...

À minha mãe, por também ter concedido um suporte inestimável nos momentos em que pensei em desistir. Da mesma forma, não poderia deixar de citar a sua genialidade e apoio em minha escrita, e agradecer por ter tentado tantas vezes me incentivar na leitura de Foucault, parece que finalmente tudo faz mais sentido.

À minha orientadora Dra.Elaine da Silveira Leite, a qual me acompanhou e iluminou desde o TCC, aos demais membros da banca, a todo corpo docente e colegas discentes do PPGS, que trabalham arduamente para a Sociologia, mesmo sendo difícil ser pesquisador no Brasil. E também a CAPES, pelo financiamento de minha pesquisa.

Aos meus irmãos, que desde que os conheço por gente, demonstraram um amor inenarrável por mim, o que sempre me motiva a seguir em frente.

À todos meus amigos de 4 patas que passaram por mim ao longo de minha vida. Teia, Eco e Hannah, que infelizmente já nos deixaram, e os meus novos amigos e companheiros Trotsky, Nane, Darlan e Olívio.

Ao meu pai, que de igual maneira, sempre foi uma grande influência de meu pensamento crítico e marxista. Sei que a maneira como sou e penso hoje em dia não seria nada sem muitos de teus ensinamentos.

Aos meus amigos, a família que escolhi para mim. Vocês são a minha inspiração para seguir vivo e poder encontrá-los aos finais de semana para dividirmos uma cerveja. Viva os dormidos!

E a duas pessoas que em tantos momentos foram tão presentes na minha vida, de maneiras diferentes, porém de extrema importância, Eugênia (prin) e

Eduardo!

Ao resto de minha família, tios, tias, primas, primos, avós, avôs, obrigado por tudo!

À todos vocês, eu agradeço imensamente por qualquer ajuda, imensa ou pequena, longa ou curta, a qualquer sorriso, por todos abraços, pelos puxões de orelha, incentivos ou críticas, vocês me fizeram chegar até aqui. Obrigado.

Resumo

SOLER, Pedro Schlee. Colapso Iminente: Uma análise da reprodução da racionalidade neoliberal no governo do RS frente a Covid-19. Orientadora: Elaine da Silveira Leite. 2022. 141f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A presente pesquisa visa contribuir para o debate a respeito da racionalidade neoliberal inserida na governabilidade, especificamente no campo em que diz respeito às políticas de combate à pandemia da Covid-19, sabendo-se do momento crítico (BOLTANSKI E THÉVENOT, 1999) que se construiu em todas sociedades. Nosso objetivo principal foi analisar como se deu a influência da racionalidade neoliberal na gestão do governador do estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, através das lives de pronunciamento do político nas páginas (Facebook/Youtube) oficiais do governo. No que tange os objetivos específicos, analisamos de que forma as falas do governador poderiam ser relacionadas às temáticas presentes no combate a pandemia da Covid-19, envolvendo dualidades que pudessem representar ou não uma racionalidade neoliberal, formuladas através de nosso referencial teórico, principalmente Brown (2020), Foucault (1982; 2008), Dardot e Laval (2016 a e b; 2019 a e b), Anderson (1999) e Gros (2008). Também analisamos os dois principais Think Tanks do RS, para relacioná-los com o conteúdo das lives do governador. Para execução da pesquisa utilizamos uma análise temática (BARDIN, 1977) de cunho qualitativo para o estudo das Lives e Think Tanks.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Covid-19; Pandemia; Racionalidade Neoliberal; Eduardo Leite; Think Tanks.

Abstract

SOLER, Pedro Schlee. imminent collapse: An analysis of the reproduction of neoliberal rationality in the RS government facing the Covid-19. Advisor: Elaine da Silveira Leite. 2022. 141f. Dissertation (Master degree in Sociology) – PostGraduate Program in Sociology, Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present research aims to contribute to the neoliberal rationality embedded in governance debate, specifically in the field of Covid-19 struggle politics, knowing that a critical moment (BOLTANSKI E THÉVENOT, 1999) was constructed in all societies. Our main objective was to analyze how the influence from the neoliberal rationality was embedded in the government management from the governor of the state of Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, through his political speech in their official lives of government pages (Facebook/Youtube). In the specific objectives, we analyzed how the governor speeches could be related to themes in the Covid 19 pandemic combat, involving dualities that might represent or not an neoliberal rationality, created through our theoretical references, mainly Brown (2020), Foucault (1982; 2008), Dardot & Laval (2016 a e b; 2019 a e b), Anderson (1999) and Gros (2008). We also analyzed the top two Think Tanks of RS, to relationate them with the content of the lives from the governor. To execute this research we utilize an thematic analysis (BARDIN, 1977) of qualitative nature to study the Lives and Think Tanks.

Palavras-chave: Neoliberalism; Covid-19; Pandemics; Neoliberal Rationality; Eduardo Leite; Think Tanks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS:

Figura 1 - Investidores IEE.....	P.75
---	-------------

GRÁFICOS:

Gráfico 1 - Gráfico Weitz.....	P.47
Gráfico 2 - Infectados por classe UFPel.....	P.85
Gráfico 3 - Infectados por grupos Étnicos UFPel.....	P.85
Gráfico 4 - Óbitos por mês.....	P.92
Gráfico 5 - Casos confirmados por mês.....	P.92
Gráfico 6 - Crescimento do total de confirmados e suspeitos em Leitos Clínicos e UTI.....	P.105
Gráfico 7 - Gráfico crescimento média móvel de 5 dias.....	P.106
Gráfico 8 - Gráfico crescimento média móvel de 5 dias picos.....	P.106
Gráfico 9 - Leitos livres de UTI.....	P.107
Gráfico 10 - Confirmados UTI + Clínicos.....	P.109
Gráfico 11 - Confirmados UTI Clínicos editado.....	P.109

QUADRO:

Quadro 1 - Lives analisadas na pesquisa.....	P.33
---	-------------

LISTA DE SIGLAS

CFM - Conselho Federal de Medicina

DEE- Departamento de economia e estatística

EUA - Estado Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEE - Instituto de Estudos Empresariais

IL- Instituto Liberdade

MC- Momento Crítico

OMS - Organização Mundial de Saúde

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PT - Partido dos Trabalhadores

RS- Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	P.13
2. CRISE E NEOLIBERALISMO.....	P.36
3. REFLEXÕES A RESPEITO DA SAÚDE, BIOPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO	P.43
4. O NEOLIBERALISMO ENQUANTO RACIONALIDADE.....	P.52
5. OS THINK TANKS COMO CONSTRUTORES DE UM PROCESSO GLOBAL E HEGEMÔNICO.....	P.62
6. PELA LIBERDADE - ANÁLISE DOS SITES DOS THINK TANKS GAÚCHOS.....	P.69
7. TE CUIDA, RS - ANÁLISE DAS LIVES DO GOVERNO DO ESTADO.....	P.76
8. A TENTATIVA DE DESPOLITIZAR O POLÍTICO - CRUZAMENTO DAS ANÁLISES.....	P.117
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	P.124
10.REFERÊNCIAS.....	P.129

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado, se propôs a investigar, se há e de que forma, reprodução da lógica neoliberal por parte do governo do estado do Rio Grande do sul (RS), através de uma análise temática das Lives de combate a pandemia da Covid-19, protagonizadas pelo governador Eduardo Leite (PSDB) nos anos de 2020 até o fim do primeiro trimestre de 2021. Sendo um período de crise, o Estado esteve à frente de uma conjuntura de tensão, permitindo um vasto material para observação e análise da natureza do discurso e políticas públicas do governo do RS.

A pandemia de COVID-19 acirrou debates a respeito da ética e do funcionamento do capitalismo, onde mudanças estruturais se mostram distantes, apesar da manifestação de grandes entusiastas do neoliberalismo brasileiro ao se posicionarem a favor do intervencionismo estatal sobre a crise econômica agravada pela pandemia, sendo esta uma “ruptura aguda” (CANTU, 2020, P. 6) que pede a mobilização do Estado. O fim do neoliberalismo apareceu e se foi rapidamente das discussões acadêmicas, e aparentemente, seu término não é provável na atual conjuntura (CANTU, 2020). Simultaneamente, a discussão a respeito da vida, da biopolítica¹ e dos limites do crescimento econômico ganharam um grande espaço no campo das ciências humanas e sociais, bem como, nos meios de comunicação em geral.

Para compreendermos esta situação, utilizamos as reflexões de Denise Gros (2008) e de Perry Anderson (1995), autor este utilizado por esta autora em suas reflexões. Segundo Anderson (1995), o neoliberalismo surge como uma “resposta teórica e política contra o Estado de Bem-Estar” (ANDERSON (1995) apud GROS, 2008, p.3) logo no pós segunda guerra, e vem a “tornar-se o projeto político e econômico dominante no capitalismo dos anos 80 e 90”, (IBIDEM, p.3). Este processo se dá, entre outros inúmeros fatores, em especial, pelo desenvolvimento

¹ “Biopolítica : Eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008, p.431).

dos Think Tanks², que se tornaram institutos de propagação da ideologia neoliberal.

No caso do Rio Grande do Sul, Cadoná (2009) afirma que:

Durante a década de 1990, ficou cada vez mais claro para as lideranças da burguesia industrial no Rio Grande do Sul que, diante da mundialização do capital, mas, também, da reorientação neoliberal do Estado brasileiro, havia a necessidade de uma intervenção política na esfera subnacional, objetivando criar condições regionais mais favoráveis ao desenvolvimento do capital local e, principalmente, para atrair novos investimentos, capazes de diversificar a estrutura industrial sul-rio-grandense e fomentar uma nova dinâmica de desenvolvimento econômico no território gaúcho (CADONÁ, 2009, p.322).

Segundo o autor, a partir da década de 1990, a pressão da reestruturação econômica nacional e mundial, despertou na burguesia gaúcha a necessidade de uma mudança no cenário econômico do estado. A partir de então, a burguesia clamou, e incentivou mudanças na economia gaúcha em que o Estado pudesse agir como fomentador do mercado, uma intervenção pró-mercado.

Outro ponto destacado pelo autor é o de que a burguesia gaúcha propunha uma “racionalização administrativa” nos modelos empresariais da gestão pública, “racionalizadas a partir de critérios mercadológicos de qualidade e produtividade” trazendo uma mudança no modelo de governança estatal, como por exemplo o enxugamento do tamanho do Estado. Para Cadoná (2009):

Os posicionamentos políticos da burguesia industrial no Rio Grande do Sul eram favoráveis, nesse sentido, às privatizações de empresas estatais, ao fim dos monopólios estatais, à concessão de serviços públicos para a iniciativa privada, à redefinição das funções da União, com transferência de obrigações para estados e municípios, a racionalização gerencial dos serviços públicos (com adoção de princípios gerenciais utilizados pelas empresas privadas), à diminuição do quadro de funcionários públicos (e, portanto, como indicado, ao fim da estabilidade no emprego nos serviços públicos), à desburocratização e desregulamentação estatais. (CADONÁ, 2009, p.268)

Neste sentido, como podemos classificar o neoliberalismo? Para compreendermos com mais clareza o surgimento do neoliberalismo, sua relação com a governabilidade, e com a América Latina e o Brasil, e mais especificamente o

² Entraremos no debate do conceito de Think Tanks alguns parágrafos abaixo, porém, é importante frisar que nos referimos especificamente aos Think Tanks de cunho neoliberal, modelos que seguem a linha de Institutos Liberais.

RS, replicamos a seguir um parágrafo de Gros (2008), em que o surgimento do neoliberalismo e algumas de suas bases ideológicas são exemplificadas. Nota-se a referência a “liberais” e não “neoliberais”, apesar de Gros (2008) estar se referindo ao neoliberalismo, inclusive o nome de seu artigo é “Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional”, o neoliberalismo é visto por ela, como fruto da volta do pensamento liberal, com adaptações e não exatamente da mesma forma de sua primeira maneira, e sim como um passo adiante na expansão da racionalidade de mercado.

Ou seja, apesar das diferenças entre os dois conceitos, neoliberalismo e liberalismo, estes, aparentam ser indissociáveis no que diz respeito ao nascimento e a projeção do neoliberalismo enquanto racionalidade. Aparecendo como a teoria defendida pela maioria dos autointitulados liberais da contemporaneidade. Percebemos também, nas falas da autora citada acima, referências a Think Tanks, até porque, em grande parte, os autores, institutos e obras que consideramos e são consideradas como “neoliberais”, no geral, não se intituam desta maneira, e sim “liberais” ou “libertarias”³. Enfim, eis o parágrafo de Gros (2008):

As ideias lançadas pelos liberais nos anos 30 e 40 permaneceram no nível da teoria por várias décadas, até a crise dos anos 70 e a recessão no mundo capitalista avançado. Segundo Hayek e outros liberais, a crise era consequência do excessivo poder do movimento operário, pois as reivindicações salariais e de gastos sociais feitas pelos sindicatos teriam comprometido a acumulação capitalista. A solução, para os liberais, estava em medidas como a estabilidade monetária, a diminuição dos gastos sociais e a restauração da taxa de desemprego, para, assim, enfraquecer-se a capacidade de reivindicação dos trabalhadores e, por fim, quebrar-se o poder dos sindicatos. Somente nos anos 80, as medidas propostas pelos liberais foram postas em prática pelos Governos Thatcher, a partir de 1979, e Reagan, a partir de 1980. Além desses casos, quase todos os países da Europa Ocidental tiveram governos de direita que adotaram as reformas liberais nesse período. Mas foi na América Latina que ocorreu a “primeira experiência neoliberal sistemática do mundo” (Anderson, 1995, p.19). Inspirado em Hayek, Friedman e no monetarismo da Escola de Chicago, o governo ditatorial do General Pinochet, no Chile, aplicou o receituário liberal em toda a sua extensão: desregulamentação, desemprego, repressão sindical, “redistribuição” de renda em favor dos ricos e privatização dos bens públicos (Foxley, 1988). (GROS, 2008, p.4).

³ A relação é, inclusive, a tese de doutorado de Gros, publicada em 2003. A relação já introduzida diretamente no nome, que se chama “Institutos liberais e o neoliberalismo no Brasil da nova república”.

Para Dardot e Laval (2016a), o neoliberalismo é uma nova página do capitalismo e é "imbricado" pelo liberalismo clássico. Entretanto, para os autores existem semelhanças e diferenças claras. Destacamos um parágrafo essencial para a compreensão do tema:

O que é novo é essa indiferença em relação à natureza concreta das áreas específicas sujeitas à imposição dessa norma; ela se aplica a todas as atividades e a todas as profissões; tal prescrição, ademais, é apresentada como "solução" para diminuir os custos de funcionamento dos serviços públicos e para aumentar a produtividade dos assalariados em geral. Mas essa transposição da concorrência de mercado para fora dele não é um efeito automático das "leis imanentes" do capitalismo. A relação entre o interior e o exterior é exatamente inversa daquela que Marx tinha em mente: a "restrição externa" da concorrência não se manifesta mais na superfície do jogo implacável das leis imanentes que operam nas profundezas da produção, mas deve conquistar também a interioridade de todos os sujeitos nessa última esfera. Ora, tal internalização implica uma política ativa, uma institucionalização da concorrência." (DARDOT E LAVAL, 2016a, P. 4)

A partir disso, podemos começar a discutir o que é a racionalidade neoliberal e onde podemos diferenciar o neoliberalismo do liberalismo clássico, apesar de suas estreitas relações. O neoliberalismo trata de externalizar a racionalidade econômica liberal para todas as outras esferas do mundo social não necessariamente ligadas ao mercado, mas que, porém, tornam-se, por sua vez, parte do mercado através do avanço dessa racionalidade. Também percebemos uma diferença quanto a governabilidade, se o *laissez faire* defendia a liberdade de mercado e uma participação estatal nas demais esferas sociais, no neoliberalismo, a esfera do mercado abraça as demais esferas sociais e requer? do Estado, os requisitos necessários para tal, uma espécie de agente facilitador da ordem econômica que deve reger a ordem social. Dardot e Laval (2016a) afirmam que:

É preciso, então, supor que a racionalidade neoliberal se caracteriza precisamente pela expansão e fortalecimento da "lógica de mercado" fora da esfera mercantil. Ora, isto quer dizer que o neoliberalismo deve ser caracterizado pela transformação da competição em forma geral das atividades de produção, especialmente daquelas que produzem serviços não mercantis e até mesmo daquelas atividades sociais fora da esfera produtiva. É esta pelo menos a tese deste trabalho: a autonomização e a extensão da concorrência não procedem da ação subterrânea de supostas "leis imanentes da produção capitalista", algo que a concorrência veio impor a cada capitalista individual sob a forma de um "constrangimento externo". (DARDOT E LAVAL, 2016a, p.2).

O papel do Estado por sua vez é apresentado pelos autores como:

Longe de ser, como se acredita, um obstáculo à extensão da lógica do mercado, o Estado tornou-se um de seus principais agentes, se não o seu principal vetor. Sob seu controle, os instrumentos de política pública herdados da gestão social democrática e keynesiana tornaram-se, paradoxalmente, alavancas para transformar, de dentro, a lógica de funcionamento da ação pública em função de uma mudança profunda da sociedade. (DARDOT E LAVAL, 2016a, P. 2).

Wendy Brown é outra autora que podemos citar em questão de analisarmos a relação entre política e neoliberalismo. Para Brown (2020), a figura do político é vista com desconfiança por parte dos pensadores neoliberais. Apesar da intrínseca ligação do neoliberalismo com a política, devido a sua natureza de modelo social e político, a imagem do político deve ser modificada, limitada e contida. Para a autora, deve ser reduzida a capacidade democrática do mesmo.

De suas aspirações e afirmação “pós-ideológicas” da tecnocracia até sua economicização e privatização das atividades governamentais, de sua oposição desenfreada ao “estatismo” igualitário até sua tentativa de deslegitimar e conter as reivindicações democráticas, de seu objetivo de certos tipos de estatismo, o neoliberalismo busca tanto restringir quanto desdemocratizar o político. Para isso, os neoliberais promoveram Estados e instituições supranacionais despolitizados, leis que “revestiriam e protegeriam o espaço da economia mundial”, a governança baseada em princípios de negócios e sujeitos orientados pelo interesse e disciplinados pelo mercado e pela moral. (BROWN, 2020, P.70).

Para Brown (2020), o ataque do neoliberalismo à democracia, foi responsável pelas rebeliões antidemocráticas, a emergência do populismo de direita, e claro, a própria figura do político tecnocrata, neoliberal por excelência. A política da técnica, a política desprovida de política, como se fosse possível, é a busca do neoliberalismo, a medida que se considera a política ideologizada e negativa, e a ordem do mercado positiva e natural.

De tal modo, o neoliberalismo nasceu deste processo da necessidade de repaginar e relançar o liberalismo clássico como modelo econômico dominante, isto faz com que, a maioria dos institutos/teóricos que consideramos neoliberais, se auto proclamam liberais ou libertários, uma “racionalidade pura” proveria a liberdade

através da ideologia neoliberal.

Neste sentido, nascem os think tanks, institutos neoliberais, uma forma de propagação da racionalidade neoliberal já que houve a seguinte necessidade de expansão da racionalidade de mercado, a busca por uma racionalidade totalizante que permitisse reproduzir-se em si mesma através das individualidades:

O neoliberalismo tinha que se constituir como uma forma “total” ou “transversal”, com base em um modelo de relação social que fosse transferível para todas as atividades. (DARDOT E LAVAL, 2016a, p. 2)

Para a completude do funcionamento do modelo neoliberal, esta racionalidade expandiu-se facilmente por garantir as necessidades da sociedade de mercado, espalhada e difundida entre todos os setores sociais. Houve a formação do neoliberalismo enquanto movimento ideológico que:

Desenvolveu-se, como se verá, através da formação de redes de articulação entre intelectuais, acadêmicos e suas publicações, empresas jornalísticas, organizações empresariais e um novo tipo de institutos privados de pesquisa sobre políticas públicas, os think tanks. (GROS, 2008, p.3).

Os Think Tanks são um veículo de comunicação e formação da ideologia neoliberal, são fomentados e financiados pelo grande capital e são responsáveis por levarem os debates aos mais diversos meios, incluindo os de estudo, como universidades (GROS, 2008, p.3). Mais a frente, neste estudo, retomaremos essa discussão para associarmos os think tanks com o neoliberalismo.

Assim, propomos investigar de que forma o estado do Rio Grande do Sul, um estado com uma relação íntima com o neoliberalismo, e que pode ser percebida através de trabalhos acadêmicos que se desenvolvem ao longo, principalmente, das décadas de 1990 e 2000 como Gros (2008), Dickel (2010), Cadoná (2012) e Bolzan (2010), entendemos que a racionalidade neoliberal se inseriu no estado através de Think Tanks, ligados por vezes aos governos estaduais, assim como houve adoções de políticas públicas de individualização, aumento da esfera do mercado sobre a esfera pública e de seguimento da cartilha do grande capital internacional. Portanto, tentamos compreender através do governador Eduardo Leite, se este pode ou não

ser reconhecido como um propulsor da governabilidade neoliberal a partir do momento histórico da pandemia de Covid-19, isto porque, ao que podemos analisar, há indicações que nos levam a traçar relações entre a bibliografia a respeito de neoliberalismo e o posicionamento do governo do estado no momento referido, aparentemente, a racionalidade neoliberal aparece nas falas discursivas do governador⁴ (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB).

Para pesquisarmos esta situação no estado gaúcho, acreditamos ser fundamental compreendermos o papel do Estado frente à pandemia no RS, assim como, o direcionamento de suas políticas públicas. Segundo Gros (2010), o estado do Rio Grande do Sul tem uma história recente intensa, envolvida com institutos liberais e de grande visibilidade e importância no debate de nas políticas públicas. Para além das instituições “tradicionais” mais ligadas aos modelos antigos de relações entre Estado e Mercado, como a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), o RS, assim como vários outros estados do Brasil, passaram por um processo de modernização no que diz respeito à organização dos setores de propagação de ideologias neoliberais, nesse sentido, partindo principalmente do surgimento e do trabalho dos Think Tanks, conforme enfatiza Gros no trecho abaixo:

Financiados por doações generosas de grandes empresas, os think tanks de orientação liberal produzem conhecimento sobre temas sujeitos à regulamentação pública e formulam projetos de políticas públicas orientados pela doutrina do neoliberalismo, que são divulgados através de publicações e de debates nos meios universitários, na mídia e, sobretudo, nos órgãos de assessoria técnica dos partidos políticos. (GROS, 2010, p.174)

No Rio Grande do Sul, Gros (2010) analisou a participação de dois grandes institutos, sendo eles o Instituto de Estudos Empresariais - IEE⁵ e o Instituto

⁴ Eduardo Leite nasceu em 1985 na cidade de Pelotas, interior do Rio Grande do Sul. Começou sua carreira política muito jovem em 2001 filiando-se ao PSDB, partido o qual pertence até hoje (2021). Leite considera-se um liberal desde sua entrada na política institucional (FOLHA, 2020). O atual governador do RS foi vereador da cidade de Pelotas, deputado estadual do RS (mandato interrompido para assumir a prefeitura de Pelotas), prefeito de Pelotas e atualmente é o governador do estado. Leite sempre teve sua carreira relacionada à jovialidade.

⁵ Instituto de Estudo Empresariais - IEE: “O Instituto de Estudos Empresariais é uma associação civil sem fins lucrativos ou compromissos político-partidários, fundada em Porto Alegre no ano de 1984 por 20 integrantes. O Instituto tem como objetivo incentivar e preparar novas lideranças, com base nos conceitos de economia de mercado e livre iniciativa.” (Instituto de Estudos Empresariais, SEM DATA).

Liberdade - IL⁶. O primeiro é reconhecido por ela por ter grande relação com a política institucional. Segundo Gros:

Em seus primeiros anos de existência, o IEE contava com menos de 50 associados. Em 2009, após 25 anos, contabiliza 170 jovens empresários associados, oriundos de vários segmentos comerciais e industriais do Estado. Ao longo dessas décadas, o programa de formação e “desenvolvimento de competências” na liderança empresarial, exclusivo para os associados, tem sido intenso. É desenvolvido através de eventos semanais, programados para estimular o debate e a troca de experiências, nos quais participam, como convidados, dirigentes de grandes empresas, bancos, federações e associações empresariais; acadêmicos do País e do exterior; políticos; ministros de Estado; embaixadores; e jornalistas, dentre outros. (GROS, 2010, P. 190).

Assim, buscamos observar por meio do posicionamento do governador do estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), sua política frente à pandemia da COVID-19. Para isto, analisamos o conteúdo de suas Lives publicadas na página oficial do Facebook/Youtube do Governo do Estado do Rio Grande do Sul focadas no combate à pandemia.

Sabe-se da ligação de governos PSDB'istas como o de FHC⁷ e Dória⁸ com institutos neoliberais (ROCHA, 2017) e o cunho desta ideologia sobre suas políticas, tendo isto em vista, buscamos compreender e investigar se há, e mais do que isto, como se dá a relação do governo do Estado do RS com institutos neoliberais, assim como a propagação de suas ideologias, diretamente influenciados por estas instituições ou não, focando na análise de conteúdo das lives do governo do Estado, e posteriormente relacionando com o conteúdo averiguado no site dos Think Tanks

⁶ Instituto Liberdade- IL: “O Instituto Liberdade (IL-RS) é uma organização da sociedade civil (ONG), sem fins lucrativos, mantida por contribuições voluntárias de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, sem qualquer vinculação político-partidária e não tem relação de subordinação com organizações nacionais ou internacionais.

O Instituto Liberdade teve suas raízes no Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, que foi criado em 1986 e já desenvolvia atividades autônomas e independentes para a região Sul da Rede Liberal. A partir de 11 de maio de 2004 a sua nova designação como Instituto Liberdade confirma sua posição de liderança no Brasil com a ampliação de sua carta de princípios já descritos abaixo:

O Instituto Liberdade é um think tank por excelência, pois firma-se no mercado local, nacional e internacional como produtor de ideias e construtor de influências.” (Instituto Liberdade, SEM DATA).

⁷ Fernando Henrique Cardoso é um sociólogo e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil pelo PSDB. Seu governo foi marcado pelas privatizações e avanço da liberalização econômica. (BOITO JR., 1996)

⁸ João Agripino da Costa Doria Junior é um empresário e político brasileiro. É ex-prefeito de São Paulo e atual governador do estado da mesma cidade. Liderou o movimento Cansei, um movimento das elites em oposição ao governo Lula. É também considerado um político neoliberal. (PRIETO E LACZYNSKI, 2020).

gaúchos, Instituto de Estudos Empresariais e Instituto Liberal, os mesmos estudados por Gros (2010).

Tendo em vista que para Bourdieu (1993), o capital informacional são meios de poder, que formam estruturas e construções intelectuais, capazes de moldar, transformar ou manter ordens sociais, partimos do pressuposto de que as lives são capitais informacionais estatais, funcionando tanto de forma meramente informacional para com os cidadãos, mas também de forma de modulação das narrativas sobre a pandemia como forma de legitimação da sua gestão. O Estado, neste caso, é detentor do capital informacional, que é responsável por gerir, moldar e distribuir informações essenciais de cunho de “vida ou morte”, agindo diretamente nas racionalidades da população em geral, e, conseqüentemente, em suas ações frente à pandemia.

No Rio Grande do Sul, a pandemia da Covid-19 foi dura, como na maior parte dos locais do mundo. Até o momento de finalização desta pesquisa (Março de 2022), tivemos cerca de 38 mil óbitos e 2 milhões de casos confirmados. Durante o período analisado em nossa pesquisa, que termina na live do dia 05/03/2021, havia pouco mais de 14 mil óbitos no estado e 826 mil casos confirmados (CORONAVÍRUS COVID-19, 2022). Ou seja, em menos de um ano, os números da pandemia mais que dobraram no estado, assim como sua letalidade aparente. Apesar da tragédia representada por esta crise sanitária, o governo do estado do RS, segue com políticas de liberação dos protocolos de segurança, mesmo com uma clara curva acentuada de casos e de óbitos no primeiro trimestre de 2022. Na última semana de finalização desta pesquisa, Eduardo Leite determinou via decreto que as máscaras para crianças de 6 a 11 anos devem ser apenas recomendadas e não mais obrigatórias no RS (ESTADO-RS, 2022), o que inclusive foi criticado pela comunidade científica (GZH, 2022).

Para efeitos de comparação, o estado do RS teve média de incidência (casos/100mil hab.) acima da nacional até o momento, sendo 13710 a incidência de todo Brasil e 19008 a do RS, porém a letalidade é mais baixa, sendo a do país 2,4% e a do estado 1,8%. (CORONAVÍRUS COVID-19, 2022; CORONAVÍRUS BRASIL, 2022). Quando relacionamos a países, o Uruguai atualmente (março, 2022) tem um número de casos semelhantes ao do RS, 844 mil, um pouco mais do que o RS na

realidade, porém não chegam a 7 mil mortes até o momento. No caso de Portugal, país com população e território semelhante ao RS, foram 3,27 milhões de casos, mas apenas 21 mil óbitos, uma incidência muito maior que a do estado gaúcho, mas com uma letalidade muito menor (CSSEGISandData/COVID-19, 2022). No caso de outros estados brasileiros, começando pela região Sul, o RS foi o estado com o melhor (mais baixo) nível de incidência, porém foi o segundo na letalidade. O estado gaúcho também teve uma incidência maior que, entre outros estados, Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), porém uma letalidade maior apenas que, dentre os citados, MG, (CORONAVÍRUS BRASIL, 2022) ou seja, o estado do RS, teve suas particularidades no combate à pandemia, e isto é passível de análise de sua estatística. Não creio que fazer uma análise de números e da letalidade da pandemia tenha sido o objetivo desta pesquisa, porém, é importante desenharmos o contexto social e sanitário deste momento. O RS, junto do Brasil, foram locais que aparentemente tiveram números altos na pandemia, mesmo com algumas comparações em que percebemos o tal estado melhor, por assim dizer, procuramos compreender de que maneiras essa situação foi moldada pela racionalidade neoliberal, já que, como debatemos anteriormente, o neoliberalismo se trata de um modelo global de expansão de racionalidade de mercado, e que, provavelmente, pode ter atuado não apenas no RS, mas no combate a pandemia de maneira geral em todo planeta.

Desta forma, buscamos compreender de que forma a política de Eduardo Leite referente a gestão da pandemia segue a agenda neoliberal, tendo em vista a importância eminente a um momento de calamidade pública. Assim, é necessário evidenciar os posicionamentos daqueles que detêm o capital informacional a respeito da pandemia. Bem como, compreender as nuances que permeiam o discurso da agenda política do governo estadual e seu impacto social.

Mas como analisar e entender as conexões entre a saúde pública e o social? Teriam, as desigualdades sociais, relações diretas com os mais atingidos pela pandemia? Como o atual momento do capitalismo neoliberal influencia na pandemia? Qual a relação do governo estadual do Rio Grande do Sul com as políticas neoliberais e a pandemia?

Para adentrarmos estes questionamentos, dividimos o período de análise

focado em quatro momentos críticos do desenvolvimento da pandemia no estado do RS. Sendo eles: A chegada do vírus (março 2020) ; A implementação da política de bandeiras (maio de 2020); A preparação para as festas de fim de ano de 2020; e o período em que o estado esteve com diversos municípios em bandeira preta (março 2021). Separamos estes momentos pois como referido acima, os consideramos *críticos*, isto é, de acordo com o conceito de Boltanski e Thévenot (1999). Segundo os autores, “momentos críticos (moments critiques), que faz referência, ao mesmo tempo, à atividade crítica das pessoas e à raridade de um momento de crise”, ou seja, um conceito que diz respeito tanto ao objeto de pesquisa quanto a própria capacidade exploratória do pesquisador, ao interior do pesquisador e ao mundo exterior.

Estes momentos de crise, são momentos de ruptura, de percepção do mal funcionamento de situações, momentos, conjunturas, políticas e sociais. Isto pois, segundo os autores, a partir do momento em que problemas sociais podem ser percebidos por parte da sociedade, por alguém, ou seja, percebe-se o mal funcionamento de estruturas sociais por exemplo, a tendência é que o mal funcionamento seja comunicado, compartilhado e externalizados seus sentimentos em relação a tais problemas. Segundo Boltanski e Thévenot, este fato teria explicação no sentido de que, os problemas sociais tendem a ser mais aparentes no momento em que os indivíduos não conseguem mais viver com eles, superá-los, fazendo com que os sujeitos externalizem sua frustração de diversas maneiras.

Desta maneira, pode surgir a crítica, a crítica como fruto do debate a respeito dos problemas sociais. Por isso compreendemos esta pesquisa fundamentada na pesquisa de momentos críticos, momentos estes que foram responsáveis por grande apreensão e discussão da sociedade gaúcha, foram responsáveis pela morte, pela sequelas, por problemas de ordem econômica em uma considerável parte da população. A pesquisa se fundamenta em momentos críticos pois, são dados momentos de crise, de necessidade de repensar a ordem social, o enfrentamento da pandemia, ao mesmo tempo em que se abre o espaço para a discussão, para a crítica, como o fizemos nesta pesquisa.

Portanto, o primeiro momento crítico escolhido, o da chegada do vírus, se mostrou importante de diversas maneiras, entre elas a necessidade de uma

reformulação das prioridades do governo estadual, a formação de equipes de combate e acompanhamento da pandemia, e o início das ações referentes a Covid-19. Da mesma forma, a chegada de um vírus que pode ser mortal é, dentro do conceito que trabalhamos, um momento crítico devido a sua periculosidade inerente.

O segundo momento que escolhemos, a implementação de bandeiras e outras políticas públicas, também se considera crítico devido ao aumento do perigo da pandemia, justamente neste momento, começa a se levar mais a sério os riscos da Covid-19, ao mesmo tempo em que, os números referentes a doença começam a subir com mais velocidade.

O terceiro momento, a preparação para as festas de fim de ano, também é outro momento crítico pois, já era um momento de crise por si só da pandemia, com uma alta nos números no estado, mas poderia considerar um risco ainda maior, tendo em vista as festas de final de ano e os perigos sanitários destas situações.

Já o quarto e último momento, o que de algumas formas poderíamos considerar o mais crítico dos momentos críticos, se deu principalmente em março de 2021, onde os leitos de hospitais do estado já não comportavam mais as necessidades hospitalares da população gaúcha. Foi o momento de maior transmissão e mortes até o momento.

Estes momentos também são considerados críticos por terem sido cruciais para o caminho que a governabilidade tomou a partir deles. Todos estes, foram responsáveis por importantes implementações de políticas públicas e debates com a comunidade, sendo investido em tempo de lives para a população gaúcha.

Adentramos na análise destas lives utilizando análise de conteúdo, com análise temática aos moldes de Bardin (1997). Para isto, é realizada uma análise de cunho qualitativo, buscando relações entre as falas de Eduardo Leite e temáticas pré-estabelecidas metodologicamente de acordo com a discussão teórica e da da pandemia no RS ainda no projeto de pesquisa. Posteriormente foram feitas as análises do material bruto das lives e por fim uma relação das temáticas estabelecidas com a bibliografia referente ao neoliberalismo e aos institutos liberais, As temáticas iniciais foram: Controle Sanitário Estatal/ Normalidade do funcionamento do mercado; Lockdown/ Outros modelos de distanciamento.

Por fim, será feita uma comparação entre o conteúdo encontrado nos sites de

dois dos principais Think Tanks gaúchos, o IEE e o IL, através da maneira como se apresentam, sua ideologia e demais conteúdos disponíveis em seus sites, junto dos resultados obtidos nas análises temáticas do conteúdo das lives de Eduardo Leite. Estes Think Tanks também já foram estudados por Gros (2003 e 2008).

PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do conteúdo divulgado nas lives do governo do estado do RS compreendido como capital informacional do Estado, de que forma a partir das falas de Eduardo Leite como governador, no que tange a pandemia da Covid-19, como se deu a relação entre a agenda neoliberal e a gestão do respectivo governo?

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar a possível influência da agenda neoliberal sobre a gestão de Eduardo Leite no combate a pandemia da Covid-19, a partir de lives do governo do estado do Rio Grande do Sul (capital informacional).

Objetivos Específicos:

Nos propomos a:

Compreender de que forma os posicionamentos de Eduardo Leite, podem ou não ser averiguados, e explicados, através de temáticas presentes nas pautas que se tornaram evidentes no combate a pandemia da Covid-19, sendo algumas delas: Identificar falas que contemplem relações com Controle Sanitário Estatal/Necessidade da normalidade econômica; Lockdown/Outros modelos de distanciamento – Bandeiras da Epidemiologia/ Bandeiras de Mercado - Quando controle epidemiológico de pandemia vira modelo de controle econômico; Liberdade Individual/Risco Coletivo; Responsabilidade Individual/Responsabilidade Estatal;

Controle da pandemia baseado em um suposto conhecimento técnico e sem pluralidade no debate político/ Controle da pandemia realizando o debate plural científico e político, levando em consideração as diversas frentes atingidas pela pandemia.

Relacionar a aproximação, ou influência/semelhança direta ou indireta entre as narrativas de Eduardo Leite e os institutos liberais/Think Tanks gaúchos Instituto Liberal e Instituto de Estudos Empresariais, através de relação entre o conteúdo das lives e os sites dos respectivos institutos, analisando a abordagem e ideologia dos mesmos.

HIPÓTESE

O estado do Rio Grande do Sul, sobre a gestão de Eduardo Leite, aparenta seguir uma gestão neoliberal frente às políticas públicas de saúde e de qualidade sanitária, dando continuidade histórica à lógica de gestão pública neoliberal, semelhante aos apontamentos de autores como Denise Gros (2010), Dardot e Laval (2016 e 2019) e Anderson (1995).

Tendo em vista a prévia observação introdutória a respeito do posicionamento do governo do estado, podemos perceber indicações que corroboram com o apontamento de que o mesmo, estaria criando narrativas de possível controle da magnitude da pandemia associada ao funcionamento das atividades gerenciado por negociações que envolvem administrar a pandemia por regiões do estado e cores de bandeiras, procurando a normalização do clima “emocional”, por meio de uma impressão de funcionamento normal da sociedade frente a pandemia, não adotando medidas mais drásticas de distanciamento social ou lockdown, que foram inclusive, severamente defendidas pelo campo acadêmico das ciências biológicas e da saúde durante a pandemia.

Nesta pandemia, o estado do RS foi pioneiro na política de bandeiras, e surgiu como uma inovação, um modelo de distanciamento que na verdade não fazia lockdown ou, de fato distanciamento nos moldes recomendados pela ciência, mas sim, prezava por brandas medidas de cuidados sanitários específicas, como

redução das capacidades de lotação em ambientes, totens de álcool gel e a obrigatoriedade do uso de máscara em locais públicos, colocando o lockdown como última medida possível, sendo instaurado apenas em bandeira preta, o que na realidade também nem sempre ocorreu. Nos períodos estudados, Estas medidas não foram suficientes para barrar a propagação do vírus e também infelizmente não tiveram uma fiscalização ativa. Entretanto, tais medidas foram elogiadas por diversos setores da mídia e da política, pela maneira favorável como foi positiva às pressões e necessidades do setor econômico no estado, como nos conta o site Pioneiro com matéria de Daros (2020), vinculado a Zero Hora e o Grupo RBS, a política de bandeiras estava:

[...] servindo de base para que outros estados do Brasil traçassem seus próprios sistemas de combate à pandemia e também mantivessem a economia girando — dentro das possibilidades que o momento exige. (DAROS, 2020, Sem página).

Importante comentar que, tendo em vista o clima negacionista instaurado no Brasil, em muito influenciado pelo governo federal e o presidente Jair Bolsonaro, o estado do RS reagiu de forma mais ativa à pandemia do que o país como um todo. Entretanto, como já brevemente relacionado na introdução e como veremos mais à frente, os esforços do estado do RS, em parte, se mostraram ineficazes, ou não tão capazes de solucionar o problema do grande avanço do número de infectados e mortos em seu território. Apesar de terem sido implementadas políticas de distanciamento social mais rígidas, estas duravam pouco tempo e não resistiam à pressão exercida por diversos setores da sociedade, fazendo com que não houvesse um progresso linear no combate à pandemia.

Assim, parece haver uma gestão “neoliberal” da pandemia em que visa constituir uma “normalidade” garantindo o funcionamento das atividades econômicas e adotando medidas para gerir a pandemia ao molde neoliberal. Estas medidas se mostraram sempre presentes e provocaram risco perante a garantia das condições de saúde da população gaúcha. Estes exemplos nos levam a pensar que existe uma influência da agenda neoliberal sobre a política de Eduardo Leite, que pode ter sido influenciada pelos Think Tanks e setores da sociedade ligados às

elites econômicas, ofuscando os movimentos sociais e até mesmo da comunidade científica⁹. Portanto, com esta dissertação de mestrado, pesquisamos como se deu esse processo de gestão do programa de combate a pandemia.

Acreditamos que, a partir da discussão bibliográfica brevemente apresentada é possível tecer, de forma introdutória, relações entre as políticas do estado do Rio Grande Do Sul sobre a gestão de Eduardo Leite frente à pandemia da Covid-19, e as ideologias políticas divulgadas/difundidas pelos Think Tanks gaúchos.

Apresentaremos a seguir a metodologia percorrida nesta pesquisa.

METODOLOGIA

Primeiramente foi efetuada uma revisão bibliográfica para fundamentarmos as políticas de Estado enfatizando a agenda neoliberal no Rio Grande do Sul, assim como a bibliografia já disponível que faz relação com a pandemia de Covid-19.

Desta forma, tivemos a fundamentação teórica necessária para passarmos para análise de conteúdo (Bardin, 1997) das lives do governador Eduardo Leite visando sua interpretação e categorização, referente a bibliografia revisada. Para isto, fizemos uma triagem dos vídeos da página do governador Eduardo Leite, em função de selecionar os vídeos que constituem comunicados da gestão a respeito da pandemia da Covid-19, conforme os 04 momentos críticos: Chegada da pandemia no Estado (Março, 2020); Começo da política de bandeiras (Maio, 2020); Final de ano 2020 e preparação para as festas (Dezembro, 2020) e o ápice da pandemia no RS (Março, 2021).

Neste sentido, visamos compreender quais posicionamentos poderiam ser considerados próximos de uma agenda neoliberal ou não. Neste ponto, também buscamos relação entre o discurso propagado por Eduardo Leite, aqui representante oficial do governo do Estado do RS, e os think tanks gaúchos, assim como, uma possível relação direta entre os mesmos por via de consultoria,

⁹ A qual faz parte da faculdade de Epidemiologia da UFPel, uma das mais relevantes do Brasil, e que chega a trabalhar com a gestão Eduardo Leite, como veremos mais à frente nas análises.

apoio ou apenas compartilhamento.

Nosso objeto principal de análise foram as lives divulgadas no facebook oficial do Governador Eduardo Leite. Com a chegada da Pandemia, Lives/pronunciamentos ou vídeos informativos a respeito do vírus foram vinculados em média uma ou duas vezes ao mês na página do governador. Alguns vídeos com mais de duas horas, garantindo um bom material de análise. Esses vídeos passaram por transcrição a fim de trabalhar com as falas em formato de texto. As lives contemplam um período desde a chegada da pandemia no primeiro trimestre de 2020 até o primeiro trimestre de 2021, conforme apontado acima.

Para análise dos pronunciamentos das lives, utilizamos, como já mencionado, a análise de conteúdo nos modelos descritos por Bardin (1977), efetuando uma análise temática, isto é, uma análise que “recorta o conjunto das entrevistas por meio de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos” (BARDIN, 2016, p.222). Deste modo, visamos com a metodologia em questão, captar “dados segmentáveis e comparáveis” (BARDIN, 1977)

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os <núcleos de sentido> que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 1977, p. 105)

Neste sentido, a análise temática, se difere de outras técnicas de análise de conteúdo por não depender de um recorte de unidades linguísticas específicas e excludentes. Na realidade, a análise se dá por meio de tema, ou seja, “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 105). Desta forma, para ser possível a efetivação da análise de conteúdo temática, são estipuladas três etapas: “a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos” (MENDES, 2018, p.12).

A pré análise, foi resultado do processo de triagem entre os vídeos da página do governo do Estado do RS que se refere ao combate a pandemia da Covid-19. Fruto deste processo e da revisão bibliográfica aqui apresentada, foram formuladas as categorias temáticas, anteriormente apresentadas nos objetivos, as quais os

conteúdos serão submetidos, assim como, em decorrência desta, a nossa formulação da questão norteadora e nossos objetivos. Todo este processo, de categorização e aporte teórico relacionável, foi parte do processo de pré-análise.

A segunda etapa, foi a codificação e análise temática por si só do texto. Nela buscaremos, classificar, quantificar e relacionar nossos dados brutos visando a compreensão dos textos (MENDES, 2018, P.13).

Já na última etapa, interpretamos os dados obtidos na segunda etapa, ou seja, a partir daí, faremos relações e interpretações do material classificado com o aporte teórico trabalhado, assim como, as possíveis não relações e faltas apresentadas. (MENDES, 2018)

Destacamos que, para atingirmos os objetivos propostos no projeto de pesquisa, traçamos algumas variáveis dicotomias do discurso que permearam até então o debate a respeito do coronavírus no Brasil e no RS para realizarmos a pré-análise e seleção do material. Estas variáveis foram:

- Atuação e relação do Estado com o mercado no que tange a saúde pública - Uma abordagem visando a revisão da bibliografia da Sociologia econômica.
- Lockdown/Outros modelos de distanciamento – Bandeiras da Epidemiologia/ Bandeiras de Mercado - Onde controle epidemiológico de pandemia vira modelo de controle econômico, inovação do governo do RS.

Porém, após a pré análise, percebemos mais dicotomias discursivas que poderiam ser adicionadas e que poderiam enriquecer os objetivos para a pesquisa, sendo elas:

Identificar falas que contemplem relações com Controle Sanitário Estatal/Necessidade da normalidade econômica; Lockdown/Outros modelos de distanciamento – Bandeiras da Epidemiologia/ Bandeiras de Mercado - Onde controle epidemiológico de pandemia vira modelo de controle econômico; Liberdade Individual/Risco Coletivo; Responsabilidade Individual/Responsabilidade Estatal; Controle da pandemia baseado em um suposto conhecimento técnico e sem pluralidade no debate político/ Controle da pandemia realizando o debate plural científico e político, levando em consideração as diversas frentes atingidas pela

pandemia.

O campo utilizado para esta pesquisa tratou-se de página do facebook e do youtube do governo do estado do Rio Grande do Sul, com título, “Governo do Rio Grande do Sul”¹⁰, onde há uma frequente atualização a respeito das diversas políticas executadas pelo mesmo. Nesta pesquisa, focamos nos vídeos de atualização a respeito do combate a pandemia da Covid-19. De acordo com os objetivos e a metodologia anteriormente apresentada, dividimos o período de pandemia em quatro momentos para facilitar a seleção de vídeos em momentos críticos da pandemia.

Em março de 2020, foram selecionadas duas lives, uma de 16 de março (disponível apenas no youtube do governo do estado) e outra de 19 de março de 2020, ambas tratando dos primeiros contatos e movimentações do governo do estado do RS para o combate à pandemia. Porém, a live do dia 19 de março, por se tratar de uma live muito próxima da live do dia 16 e de caráter semelhante, foi decidido mudar para a live do dia 03 de abril, um dia após o Ministério da Saúde recomendar uso de máscaras (ACM, 2020), visto que, o conhecimento a respeito do coronavírus crescia mais entre os órgãos brasileiros. Esta live é a primeira após esta recomendação e, neste momento, as máscaras eram ainda caseiras e de pano.

Em maio, foi selecionada uma grande live feita para explicar o distanciamento controlado, a Coletiva Coronavírus 09/05/2020.

A live referente ao final de ano é a que anuncia o plano de vacinação no dia 08/12 e que conseqüentemente, se refere ao combate à pandemia no mês de dezembro, incluindo as festas de fim de ano.

No período em que todo o estado esteve em bandeira preta, seriam analisadas, uma grande live do dia 01/03/2021 e uma subsequente no dia 05/03, de mesmo mês e ano, em que a situação ainda era crítica e se agravava no estado do RS. Porém, as duas lives continham material muito semelhante, e ademais, a live do dia 05/03 continha mais informações a respeito do momento em que o sistema de saúde do estado deixou de ser suficiente, por isso, escolhemos a live do dia 22/02 no lugar da primeira de março, pois esta também trazia um bom panorama dos primeiros meses da pandemia em 2021. Desta forma foram analisadas seis lives em

¹⁰ Um dos vídeos está disponível apenas no canal do Youtube do governo do estado do RS.

sua completude, a qual disponibilizamos um quadro para podermos visualizar com mais clareza junto de seus momentos críticos logo abaixo da explicação dos mesmos nos próximos parágrafos.

Todos os vídeos passaram por uma transcrição para posteriormente seguirmos com os demais procedimentos metodológicos anteriormente citados. O material a respeito das lives/coletivas/pronunciamentos/vídeos informais na página do governo do estado do RS é vasto, dito isto, foi necessária uma triagem para selecionar os principais momentos e materiais a serem analisados.

Na pré análise e seleção dos vídeos utilizados, selecionamos entre março de 2020 a maio de 2021, e dividimos o período da pandemia em 04 períodos de grande importância e críticos para a determinação dos momentos seguintes à crise sanitária. Portanto, para a realização da seleção das lives e enquadramento do conteúdo analisado, estipulamos:

- A chegada do vírus no Rio Grande do Sul (Março-2020);
- O lançamento do programa de distanciamento controlado (Maio-2020)
- O Final do ano de 2020 e consequentemente o período festivo da passagem para 2021;
- Os aproximados três meses em que o estado teve grande parte de suas cidades em bandeira preta no começo de 2021.

Desta forma, buscamos analisar o posicionamento do governador do estado em momentos críticos, conforme discorrido acima referente ao conceito de Boltanski e Thévenot (1999), para o futuro da situação pandêmica no Rio Grande do Sul. Estes momentos, entre outros, foram responsáveis por garantir a qualidade sanitária da população gaúcha, ou seja, foram responsáveis diretos pela saúde da população, seus infectados e suas mortes.

Esses períodos se mostraram potentes em informação, o que já havia sido previamente observado nas redes do governador. Assim justificamos nossa decisão dos momentos da pandemia selecionados, ressaltando sua importância política e social, influenciando diretamente na vida e morte de milhares de pessoas. O período de análise dos vídeos, justamente por serem vídeos que remetem a estes

momentos, que coincidem aos períodos, ou seja, vídeos de caráter informativo e que foram divulgados junto a esses momentos selecionados como definidores para a análise da pesquisa.

Desta forma, as lives analisadas podem ser conferidas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Lives analisadas na pesquisa

Live	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta	Quinta	Sexta	Total: 6 lives analisadas
Data	16/03/2020	03/04/2020	09/05/2020	08/12/2020	22/02/2021	05/03/2021	Total: Panorama de um ano de pandemia
Momento Crítico	Primeiro Momento Crítico	Primeiro Momento Crítico	Segundo Momento Crítico	Terceiro Momento Crítico	Quarto Momento Crítico	Quarto Momento Crítico	Total: Quatro momentos críticos
Duração	00:15:32	00:18:11	01:54:00	00:47:33	00:46:47	01:00:48	Total: 05:02:51

Quanto aos sites dos Think Tanks, foram analisados três sites em sua completude. O site do IEE, o site do IL e o portal do associado do IEE. O site do Fórum da liberdade também foi consultado, mas de maneira complementar devido a informações relevantes referentes a convidados, a sua própria descrição.

Lembrando que, de acordo com nossa hipótese, nossas variáveis foram traçadas a fim de relacionar posicionamentos defendidos pelos Think Tanks do RS, ou seja, a necessidade do funcionamento do mercado mesmo frente a uma situação de calamidade pública, a procura por desfecho rápido porém cientificamente comprovado como ineficiente, modelos de distanciamento que na realidade pouco são eficazes e não barram a circulação do coronavírus, ainda mais com uma população despreparada para o uso de máscaras, que ou não as utilizam corretamente ou utilizam as de baixa qualidade e não recomendadas, em locais de baixa circulação de ar e que, recorrentemente, não tiveram as quantidades de pessoas permitidas realmente de acordo com as necessidades sanitárias¹¹, assim

¹¹ Para compreender, como o simples distanciamento social, sem serem levadas em consideração a capacidade de renovação do ar, as máscaras utilizadas e o tempo de exposição, podem ser

como o deslocamento da lógica de bandeiras de controle da epidemiologia para o controle de mercado.

Quanto a análise das lives, de cunho qualitativo, procuramos encontrar termos, colocações, falas, posicionamentos que se encontrem com as dicotomias pensadas para a pesquisa, não de forma a selecionar apenas os embates que corroborem uma certa direção ideológica, mas sim de direção metodológica, ou seja, todo vídeo, fragmento, frase ou texto proferido que aborde os temas selecionados como pertinentes para a pesquisa (as temáticas presentes nos objetivos), foram utilizados e averiguados. Desta forma, executamos uma triagem inicial nos vídeos da página visando os momentos acima descritos, posteriormente fizemos a identificação quanto ao conteúdo das lives, selecionando apenas as que se referem a pandemia, e posteriormente analisamos o teor da fala presente em cada uma delas.

Portanto, procuramos reconhecer semelhanças entre as narrativas discursivas de Eduardo Leite, através de suas redes sociais, buscamos referências que nos ligassem diretamente a institutos liberais e Think Tanks.

Para a sustentação deste argumento e deste processo entendemos que:

A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para o seu trabalho. (MARCONI E LAKATOS, 1991, p. 158).

Com isto, foi possível analisar o conteúdo das lives de acordo com as variáveis previstas, assim como, concluir se o governador Eduardo Leite, vem seguindo uma agenda neoliberal no combate a pandemia do COVID-19 no Rio Grande do Sul. Neste momento percebemos que este governante já indicava o seguimento desta agenda, assim como possíveis modificações e ponderações em relação a mesma. Concluindo, teremos uma análise da sua trajetória sócio-política enquanto governador frente a pandemia da COVID-19, como ela se formou e o que

perigosos recomendamos Balanchadar; Zaleski; Soldati; et al (2020) e também Jones; Qureshi; Temple; et al. (2020). Apenas o distanciamento social sem controle de demais possíveis interferências como o material das máscaras utilizadas, não seria suficiente para determinar a segurança dos locais. Isto ainda considerando uma fiscalização que obrigasse a utilização das máscaras e o distanciamento.

ela implica.

2. CRISE E NEOLIBERALISMO

Estando na atualidade, em um momento de crise, nos mais variados sentidos, como econômica, sanitária e social, é importante também pensarmos que, talvez estas tensões, mais intensas e mais fortes, levem muitos autores a se questionar quanto ao fim do neoliberalismo, não tendo um papel tão “revolucionário” assim, na realidade. Ao contrário do que se presenciou no começo da pandemia, a necessidade do amparo estatal nem sempre foi suficiente, foi submetido às vontades do grande capital e não demonstrou, até o momento, uma recessão do controle político do mercado, pelo contrário, ao que podemos perceber, talvez ele esteja crescendo.

Entretanto, para Dardot e Laval (2019b), a crise é um modo de governo do neoliberalismo. Apesar da grande insatisfação gerada por essas crises, o neoliberalismo encontrou em sua própria racionalidade, uma maneira de sempre apresentar, as crises, como “falta” da implementação de medidas que a ideologia defende.

Se a austeridade gera déficit orçamentário, é preciso acrescentar uma dose suplementar. Se a concorrência destrói o tecido industrial ou desertifica regiões, é preciso aguçar-la ainda mais entre as empresas, entre os territórios, entre as cidades. Se os serviços públicos já não cumprem sua missão, é preciso esvaziar esta última de qualquer conteúdo e privar os serviços dos meios que precisam. Se a diminuição de impostos para os ricos ou empresas não dão os resultados esperados, é preciso aprofundar ainda mais nisto, etc. (DARDOT E LAVAL, 2019b, SEM PÁGINA)

Esta racionalidade, não dá margem a outro raciocínio que não seja a necessidade incisiva do cálculo, da competitividade aos moldes econômicos para todas as esferas da vida, incluindo aquelas que antes prezavam pela eficiência ao bem público e coletivo, e mais do que isto, toda instituição, pessoa e racionalidade que não siga estes procedentes, está sujeita a exclusão econômica quando não a violência estatal. Para Gros (2008), esta propagação da ideologia neoliberal pelo mundo, é fruto direto do trabalho de Think Tanks, este modelo de instituto que foi amplamente exportado pelos estadunidenses, desde seu surgimento nos EUA e na Inglaterra, para todos os continentes do planeta, tornando-o um “movimento

ideológico internacional”.

Este triunfo da racionalidade neoliberal, implica numa subjetividade de medo e obediência, voltada sempre a manter e propagar a própria racionalidade que silenciosamente o governa. Para Dardot e Laval (2016a):

O assalariado é obrigado a “dar tudo de si mesmo”, mobilizando inteiramente a sua subjetividade. Pois, é preciso que eles façam “voluntariamente” e com “liberdade plena” o que se espera deles, sem ter que lembrá-los o tempo todo sobre o que devem fazer e como devem fazê-lo.

Para atingir esse fim, duas forças são fundamentais. A primeira delas é a da rivalidade. Faz-se os assalariados competirem entre si para incentivá-los a apresentar desempenhos melhores. Trata-se de obrigar as pessoas a “agir livremente” nos mercados assim construídos, de guiá-las na adoção de condutas “racionais” que maximizam os seus interesses, de fazê-las adotar estratégias eficazes. A segunda força é o medo. E esse temor é principalmente aquele de vir a ser mal avaliado por seus superiores. Com efeito, este modo de governo propicia à hierarquia gerencial instrumentos de controle muito precisos, meios disciplinares bem individualizados. Implementa-se, assim, uma “cadeia gerencial” que vai da chefia até o mais humilde dos subordinados, ao longo da qual cada elo é avaliado pelo elo precedente segundo o princípio, ou mais precisamente, conforme a fantasia de uma continuidade absoluta. (DARDOT E LAVAL, 2016a, P.11 E 12)

Quanto a propagação desta ideologia, Dardot e Laval(2019a) afirmam que:

[...] Já não há freio ao exercício do poder neoliberal por meio da lei, na mesma medida em que a lei se tornou o instrumento privilegiado da luta do neoliberalismo contra a democracia. O Estado de direito não está sendo abolido de fora, mas destruído por dentro para fazer dele uma arma de guerra contra a população e a serviço dos dominantes. (DARDOT E LAVAL, 2019a, SEM PÁGINA)

De maneira geral, podemos pensar que, historicamente falando, se analisarmos desde o surgimento do neoliberalismo, as crises tiveram papel fundamental para o seu desenvolvimento. Se o capitalismo já era concebido por manter crises cíclicas, o capitalismo neoliberal se fortalece através das mesmas.

Por isso, de certa forma, alguns pontos do capitalismo foram postos a prova, porém percebemos que as mudanças estruturais estão longe do horizonte, e ao que tudo indica, reformas específicas foram e ainda serão tomadas no momento da pandemia, iluminando o papel específico do Estado neste momento, para posteriormente voltarmos no contexto em que estávamos, ou seja, a um caminho

que de certa maneira, se assemelha mais a um tipo de economia ortodoxa neoliberal. No entanto, poderemos seguir para um neoliberalismo diferente do que conhecemos no Brasil até o momento, mas provavelmente, para isto acontecer, necessitaríamos de mais “acontecimentos marcantes” para determinar mudanças mais drásticas no modelo econômico (CANTU, 2020).

Enquanto isso, a pandemia parecer não ter fim, o Brasil e as demais periferias do capitalismo, seguem tendo dificuldades ao lidar com um sistema de saúde precário e um governo federal que, por ora, atuou de forma negacionista perante a ciência e de pouca efetividade na contenção da pandemia e no suporte aos cidadãos no que tange a políticas públicas e sociais, ao mesmo tempo, o governo federal menosprezou as informações referente ao distanciamento social, uso de máscaras e qualidade sanitária necessária para a diminuição da propagação do vírus, assim como, não proporcionou amparo econômico suficiente para as pessoas sobreviverem em tempos de crise pandêmica, e não necessitarem se deslocar aos seus trabalhos, quando não essenciais, diminuindo a propagação do vírus (RAFAEL, 2020 b e c).

Além disto, as políticas públicas federais foram tão ineficientes para com a propagação da pandemia, que as subnotificações de infectados e de mortes foram problema constante do período, impossibilitando e mascarando a magnitude da situação (RAFAEL, 2020a). Ademais, como um país muito desigual, no caso do Brasil, foi possível observar que a pandemia atingiu mais os grupos historicamente desfavorecidos, os mais pobres e a classe trabalhadora, os não brancos/negros e as mulheres (RAFAEL, 2020 b e c. SANTOS, 2020).

É claro que com a pandemia do coronavírus algumas narrativas rapidamente se tornaram obsoletas aos olhos da sociologia, como por exemplo a de que “estaríamos todos no mesmo barco”¹², na realidade, o que percebemos foi uma clara “lente de aumento” para as desigualdades sociais presentes no país. No Brasil, a situação de populações historicamente marginalizadas, como os não brancos e pobres, foi, e está sendo, muito mais difícil do que a de brancos e de ricos, respectivamente. A pandemia vem atingindo fortemente as comunidades de favelas

¹² Como afirmado por vários empresários no começo da pandemia, incluindo o bilionário bolsonarista e fundador da Centauro Sebastião Bomfim (EXAME, 2020) e que acumula uma fortuna de 1,9 bilhões de reais (2019) (CARTA CAPITAL, 2019).

e periferias, e infelizmente, vem sobrecarregando o Sistema de Saúde brasileiro (SUS), que até o momento, vem remando para conseguir dar conta dos corpos adoecidos ou mortos que se amontoam e alimentam as cifras brasileiras sobre o cenário pandêmico.

Para compreender tal cenário, poderíamos traçar uma relação das obras de autores como Lazzarato (2020), ou de Gottems e Mollo (2020) partindo dos conceitos da teoria de Dardot e Laval (2016 a e b). Este despreparo para lidar com a pandemia não é apenas um “despreparo” ou um “erro”, mas sim uma política de Estado fundamentada sobre os preceitos neoliberais e do capitalismo. Cada vez mais, o debate a respeito da hegemonia da racionalidade neoliberal vem ganhando adeptos na sociologia, e aparentemente, o despreparo dos governos, em suas diversas instâncias, parecem seguir a cartilha do neoliberalismo, que joga a responsabilidade para os indivíduos sem amparo e meios suficientes para suprir suas necessidades.

Sem um protocolo universal em âmbito federal, resta aos estados e municípios administrarem a seu modo a crise sanitária, que é claro, lidam com manifestações políticas, interesses e grupos que se beneficiam do desenrolar dos acontecimentos, assim, cabe a nós entendermos e buscarmos os significados sociais das forças que regem e mantêm o funcionamento da atual conjuntura social estabelecida.

Ainda de acordo com Lazzarato¹³, a saúde no sistema capitalista, especialmente no capitalismo periférico, funciona de forma “just in time”, com “zero camas desocupadas” sem necessidade de armazenamento, de estoque, de preparação para o salvamento de vidas. O cálculo econômico da saúde é baseado no mínimo custo e não no mínimo impacto para com as vidas humanas, desta forma, a saúde pública é uma fonte de biopolítica¹⁴ do Estado (FOUCAULT, 2001), de

¹³ Em entrevista concedida a Bogado (2020).

¹⁴ E mais do que isto, segundo Foucault (2008, p.30) “Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo e que poderemos, parece-me, apreender o que é a biopolítica.” Ou seja, a biopolítica está diretamente ligada ao nascimento do Estado liberal e consequentemente ao estado neoliberal para Foucault. Ou seja, *Bio* de vida, está ligada a políticas, racionalidades e práticas governamentais, de controle da vida no Estado Liberal. A necessidade de controles, manejo da vida pelo Estado. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.” (FOUCAULT, 1982, p. 80).

domínio direto nas vidas, de quem se salva pagando e de quem pode ou não se salvar, um processo de acumulação de Capital fundado na exploração do sofrimento humano (MBEMBE, 2018; SANTOS ET AL, 2020; ARAÚJO, 2020).

Esta relação entre o modo de se pensar empresarial e sua ampliação como racionalidade hegemônica presente em todas as demais instituições, é fruto da mentalidade neoliberal. De Gaulejac (2007), comenta sobre as relações deste tipo de racionalidade com o mal-estar e as doenças dos tempos atuais, o autor intitulou seu livro como “Gestão como doença social”, uma clara associação da noção de problema ou mal-estar relacionados a empresarização do indivíduo para com o mesmo, e claro, para com a sociedade. Isto posto, a racionalidade vigente de gestão de si mesmo e das demais instituições públicas sobreviventes do processo de avanço liberalizante, pensadas agora, como empresas, de acordo com o trecho abaixo, entendemos a transição da racionalidade comercial para uma racionalidade que abrange todas as esferas da vida:

O comércio não é mais apenas um meio para favorecer as trocas e permitir a cada um comprar aquilo que tem necessidade. Ele se torna a própria finalidade da vida humana, seu fim último, sua razão de ser. (DE GAULEJAC, 2007, p.179).

Para irmos mais além, compreendemos que este processo se dá devido à escassez e, por vezes a baixa qualidade, da saúde gratuita e pública disponível, resultado da falta de investimento como parte de uma política que acredita nas responsabilidades de serviços essenciais como tarefa do mercado, assim relegando aos sujeitos a responsabilização da saúde de suas vidas, mesmo quando não há forma dos mesmos arcarem com os valores disponibilizados pelo mercado, e mais do que isto, fazendo com que os mesmos se utilizem da culpa oriunda da racionalidade empresarial e neoliberal, para que entendam a falta de saúde como um processo próprio e individual e sendo necessária uma maior racionalidade econômica para que se atinja o patamar de uma boa qualidade de vida individualmente.

O temor e a culpabilização, oriunda da desconsideração de fatores externos, ligados ao nosso modelo econômico, ou no caso da pandemia da Covid-19, a

simplesmente a própria natureza pandêmica do vírus, que reside em necessitar uma propagação através do contato humano e de terceiros através do ar, leva a necessidade de pagar por recursos privados, é claro, se puderem, isto é, se houver recursos disponíveis para tal, como máscaras, produtos de limpeza, um bom hospital na sua cidade ou bairro, e ainda se formos mais adiante, na liberdade de poder não trabalhar em locais propícios à propagação do vírus, tal liberdade que só foi garantida a aquelas que conseguiram viver com a sua renda não afetada pela pandemia.

Outro problema observado, mais especificamente, no Rio Grande do Sul e no Brasil em função das desigualdades socioeconômicas entre determinadas regiões mais ao interior, é justamente a de localidades com uma falta de estrutura e recursos humanos ainda maior, com uma latente falta de médicos nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, por exemplo (G1, 2021; SOUL MEDICINA, 2020).

Para Lazzarato (2020), esse problema tem origem no próprio capitalismo e nas políticas neoliberais, porém não é fruto exclusivamente destas últimas, mas sim inerente ao capitalismo por si só, uma vez que, o Estado de Bem-estar Social segundo o autor, aparece como uma válvula de escape ao perigo eminente da ameaça comunista. Como fruto da luta de classes nos países capitalistas, a esquerda tomou grandes proporções políticas que moldaram a formatação capitalista para um capitalismo mais brando e garantidor de certa qualidade de vida por meio do Estado, uma vez que a hegemonia do capital estava posta à prova devido ao avanço da confiança popular na esquerda, impulsionada é claro pelo aparente “sucesso”, ou apenas uma alternativa ao capitalismo, pelo bloco soviético durante a guerra fria.

Claro, a partir destes impasses devemos analisar cada situação pela sua própria complexidade, e no caso do Brasil, não seria diferente, já que, além de termos sido um país colonizado, continuamos como um país pós colonizado que inclusive, passou por ditaduras militares determinadas pelo capital estrangeiro (SOUZA, 2013). Nossa formatação no campo da biopolítica e da saúde é de total descaso com a população brasileira, e isto não é de hoje, a pandemia evidencia tais políticas (GOTTEMS E MOLLO, 2020; SANTOS ET AL 2020).

Portanto, neste capítulo discutimos as crises o capitalismo, especificamente

no que diz respeito ao neoliberalismo, a introdução da racionalidade neoliberal que favorece o grande capital e por fim, como esta maneira de agir/pensar dificulta a mobilização, confundindo o que seria seu por direito com uma liberdade de mercado, que por fim, apenas fomenta ainda mais as desigualdades. No próximo capítulo, entenderemos melhor como este processo de individualização da racionalidade neoliberal se dá por meio da Biopolítica, e de que maneira atinge a saúde pública e consequentemente o combate a pandemia da Covid-19.

3. REFLEXÕES A RESPEITO DA SAÚDE, BIOPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO

Compreendemos a partir de Weitz (2006) que as epidemias e as doenças em geral carregam consigo aspectos sociais de conteúdo para a Sociologia, e mais do que isso, os próprios ganhos da saúde nos últimos séculos, e principalmente no Século XX, podem ser compreendidos e explicados a partir de ganhos sociais. Cabe a sociologia, o olhar crítico que consegue conceber a saúde pública não apenas como fruto do avanço tecnicista da medicina, mas sim, a saúde como fruto do bem-estar humano em diversas frentes e suas intersecções, desde a psicológica, a atividade laboral, a qualidade de alimentação, a influência das drogas e da desigualdade social entre tantos outros aspectos da vida social que poderíamos continuar citando.

Weitz (2006) nos mostra como a partir de mudanças estruturais nas sociedades modernas como o acesso à água tratada, a criação dos esgotos separados das áreas comuns, uma boa alimentação e a diminuição da desigualdade social (nos países desenvolvidos, ou industrializados) foram os reais responsáveis pela queda de % de doenças no século XX.

É importante destacar a questão dos países desenvolvidos também pois temos uma Transição Epidemiológica no século XX, ocorrendo nestes locais. Devido a esta melhora na qualidade de vida, e conseqüentemente, na queda das doenças infecciosas, houve uma mudança crucial no tipo de doenças mais aparentes nas sociedades, passando a termos uma sociedade com maior incidência de doenças genéticas e crônicas e menos doenças infecciosas e de parasitas, justamente devido às primeiras serem doenças que costumam aparecer quando a idade já está mais avançada.

Entretanto, para atingirmos esta mudança, esta transformação epidemiológica, é necessário alguns pré-requisitos sociais, entre eles é claro, uma boa renda per capita, mais precisamente 7365 dólares (2005) (WILKINSON, 1996). De antemão, fica claro que há uma diferença entre nacionalidades, tendo países que já completaram a transição, países que estão em transição e países que não começaram a transição para deixarem de serem países com proeminência de

doenças infecciosas e parasíticas para países com maior incidência de doenças genéticas e crônicas.

Neste sentido, para Wilkinson (1996), a desigualdade social é um dos principais fatores-chaves para compreendermos a saúde pelos olhos da sociologia. As sociedades menos desiguais tendem a ter um desempenho melhor na saúde que oferecem a seus participantes, e de fato, estes fatores nos permitem perceber dois pontos interessantes para a pesquisa. O primeiro deles é que uma saúde de baixa qualidade, uma baixa qualidade sanitária, é diretamente ligada a sociedades onde a pobreza é exacerbada e o modelo socialmente estabelecido é o capitalismo, principalmente o menos regulado e guiado pelo Estado num sentido do Estado de Bem-Estar Social, isto porque, as desigualdades sociais não tendem a diminuir, pelo contrário, desde O capital de Marx (2013) sabemos que, o valor do trabalho de todo trabalhador tende a ser sempre desvalorizado na medida em que se cresce a mais valia:

O desenvolvimento da força produtiva do trabalho no interior da produção capitalista visa encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo precisamente para prolongar a parte da jornada de trabalho durante a qual ele pode trabalhar gratuitamente para o capitalista. (MARX, 2013, p. 398-396).

Ou seja, o que Marx quer dizer com isto é que, devido a lógica capitalista, com o avanço e a competitividade do sistema capitalista, necessitam diretamente de uma otimização constante da produção, e conseqüentemente, da diminuição de trabalho necessário para a produção, para obtenção de mais-valor, que influencia diretamente no valor das mercadorias e que conseqüentemente, também influencia na baixa geral dos salários. Este processo de acumulação, é mais minuciosamente descrito no capítulo 10, do volume 1, d'O Capital, mas aqui vou me ater apenas a afirmação de que as desigualdades sociais, quando não estancadas, pelo Estado, por crises ou pela própria manifestação de infelicidade dos trabalhadores, só tende a aumentar no sistema capitalista.

No caso do Brasil, as desigualdades aparecem de forma muito mais violenta e de forma que a lacuna entre os ricos e pobres se dá de maneira mais abissal do que, geralmente, podemos imaginar. Nossas desigualdades mostram muito mais do

que pequenas variações em renda, bairros, e expectativas de vida entre classes, nossas desigualdades representam em muitos aspectos, Vida vs. Morte. De acordo com Souza e Medeiros (2017), a desigualdade de renda no Brasil em 2014 era tão grande que 1% da população mais rica detinha 23% da renda de todo país, já os 10% mais ricos detinham mais da metade da renda brasileira. Os autores ainda nos indicam que estes números só cresceram nos últimos anos, aumentando mais o penhasco da desigualdade entre os ricos e os pobres brasileiros.

Ainda assim, as desigualdades parecem se somar e aparecer de forma cumulativa para determinadas populações brasileiras, como as populações não brancas, não homens, trabalhadores, e LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais). Portanto, para além da renda, Madeira e Gomes (2018), trazem dados do Atlas da violência, e apresentam que em 2014, para cada não negro assassinado, 2,4 pessoas negras morreram no Brasil. Segundo Costa, Carrasco-Gutierrez e Reis (2020), utilizando dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, há desigualdade salarial em todas as grandes regiões brasileiras entre brancos e não brancos, homens e mulheres, tendo efeitos “somatório” das desigualdades quando comparados homens brancos com mulheres negras por exemplo. Para Silveira e Siqueira (2021), de acordo com os dados da PNAD (2015), as mulheres negras recebem entre 51% a 44% menos que os homens brancos, variando de acordo com a idade.

No ano de 2020, a chegada de uma pandemia atingiu o Brasil de maneiras desiguais. Apesar do mito da meritocracia e da igualdade de oportunidades para todos, a pandemia do Covid-19 se mostrou como mais um triste indicador das desigualdades raciais, de gênero e de renda no Brasil, escancarando números de infecções e de mortes assustadoras.

Segundo Oliveira, et. al. (2020):

A enfermagem é uma categoria profissional majoritariamente feminina e negra, que está atuando na linha de frente dos cuidados às vítimas da COVID-19. Por serem mulheres, cumprem uma dupla jornada de trabalho, sendo que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, em torno de 45% da população negra residiam em domicílios sem máquina de lavar, “isso constitui indício de que a população preta ou parda, em especial as mulheres, tem maior carga de trabalho doméstico”. A associação entre estar na linha de frente dos cuidados à COVID-19, a precariedade habitacional e a sobrecarga do trabalho doméstico ampliam

tanto a probabilidade de contágio no domicílio quanto do seu próprio adoecimento. (OLIVEIRA, ET. AL, 2020, sem página).

O excerto acima, exemplifica como as desigualdades sociais se apresentam na realidade da pandemia, e sempre se apresentaram a determinados grupos de forma não uniforme na situação brasileira. Sobre a relação entre as localidades dos casos de Covid-19, sendo de maioria negra ou branca, as autoras pontuam que:

Os estados que ocupavam, na segunda quinzena de maio de 2020, os primeiros lugares no ranking de casos - São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Amazonas e Pará - tinham, no mesmo período, regiões e bairros com índices de letalidade acima da média nacional (5,7%). Em São Paulo, o bairro de Brasilândia, que concentra mais de 50% da população residente negra e a segunda maior quantidade de favelas, registrou, no final de maio de 2020, 4.943 casos de COVID-19 confirmados e a maioria das mortes: 209 óbitos entre confirmados e suspeitos. No extremo oposto da cidade, os bairros centrais apresentam as menores taxas de contaminação e óbito. Os territórios mais pretos da cidade são marcados pela distribuição desigual de leitos de UTI: 60% estão no centro. (OLIVEIRA, CUNHA, GADELHA, CARPIO, OLIVEIRA E CORRÊA, 2020, sem página).

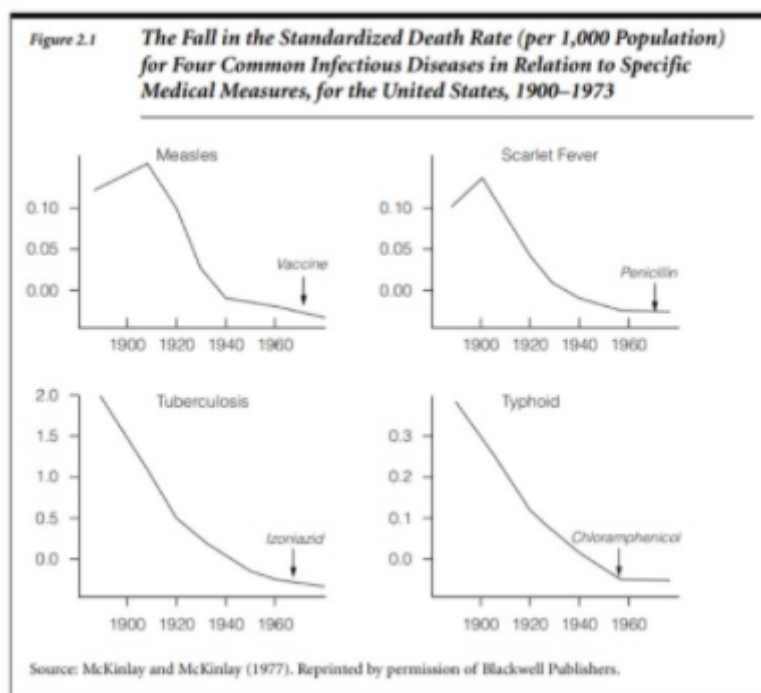
Ou seja, temos, se tratando de um caso de pandemia, literalmente uma desigualdade entre os que vivem e os que morrem. Apesar de os dados acima serem de outros estados que não o RS, sabemos que no sentido aplicado acima, as realidades entre os estados brasileiros são semelhantes, percebermos a lacuna no modelo de biopolítica (FOUCAULT, 2008) para os que detém maior concentração de renda e os que menos detém, os ricos e os pobres respectivamente. Um dado relevante para pensarmos a relação com a teoria de Weitz (2006) que veremos abaixo.

O segundo ponto interessante é o próprio caráter social do papel do Estado como regulador do capitalismo e garantidor da qualidade de vida básica para uma vida saudável. Weitz (2006) deixa claro o papel fundamental do Estado neste sentido quando nos explica que a transição epidemiológica é muito mais decorrente de condições de vida mais saudáveis do que grandes avanços tecnológicos e de tratamentos “avançados”. Na realidade, a maioria das doenças infecciosas começou a diminuir suas aparições, antes do surgimento de intervenções médicas mais avançadas sobre as mesmas. Na realidade, apenas 1/3 do avanço da expectativa de vida humana é atribuído a estes fatores, de resto, as sociedades passaram a

diminuir a contaminação por doenças infecciosas e parasitárias através de melhorias na qualidade de vida como, água tratada, nutrições mais balanceadas, que foram responsáveis por manter também as saúdes físicas mais fortes na resposta imunológica, e residências em situações de melhor qualidade sanitária, com menor incidência de animais portadores de doenças.

A seguir, podemos conferir a queda na mortalidade de quatro doenças infecciosas, sendo elas, Sarampo, Escarlatina, Tuberculose e Febre Tifoide, a partir dos anos 1900 nos Estados Unidos. No gráfico podemos perceber como as principais intervenções médicas como vacinas e remédios efetivos contra as doenças, só vieram a aparecer bem depois do começo da queda de suas mortalidades.

Gráfico 1 - Gráfico Weitz



Fonte: Weitz (2007, p.23)

Para Weitz (2007), utilizando também McKinlay and McKinlay (1977), em grande parte, estas quedas são frutos das medidas anteriores, medidas estas que tiveram um papel fundamental no Estado e é claro da organização de movimentos sociais e dos trabalhadores. É importante lembrar que o Século XX, foi um dos séculos mais importantes em questão de luta organizada de movimentos

revolucionários, não só o mundo se via mudando pelo surgimento de diversos países com caráter socialista, como movimentos de esquerda implodiram em toda parte. Como veremos a seguir, esta “pressão” do lado socialista, forçou muitos países capitalistas a formalizarem um Estado de bem-estar social, garantindo tanto uma renda mais igualitária, quanto condições de vida mais saudáveis.

Por falar nestes países socialistas, Weitz (2007) coloca que, segundo Wilkinson (2005), mais do que os \$7,365 dólares de 2005 eram necessários para o aumento da expectativa de vida alta, apesar do começo da transição epidemiológica “nascer” neste patamar de renda. Para uma boa média de vida é também necessária uma baixa desigualdade social relativa, que se expresse além do número absoluto que representa estes cerca de 7 mil dólares, ou seja, mais uma vez se mostra evidente o papel do Estado para que isto de fato aconteça, é necessária uma manutenção da desigualdade social. Por isso, Weitz cita que após o fim da União Soviética, a expectativa de vida dos países do bloco caiu, em compensação países como a Suécia e o Japão tem uma expectativa de vida maior que a dos Estados Unidos, o país mais rico do mundo, justamente por não terem uma desigualdade social tão abissal.

Também por isso, mais interessante para a saúde pública que única e exclusivamente a renda per capita, é a importância da distribuição de renda igualitária, uma vez que a igualdade social monetária é extremamente atuante sobre a saúde mental dos indivíduos, já que estes, são vítimas constantes de estresse, depressão, ansiedade, entre outras doenças mentais, em sociedades mais desiguais, como veremos a seguir. Doenças mentais tendem a baixar a imunidade, e consequentemente, tendem a aumentar o risco de contágio e periculosidade de doenças, como apresentado por Weitz (2006), utilizando Marmot (2004) e Wilkinson (2005).

Por isso, segundo Weitz (2006) utilizando Wilkinson (2005), países como a Coreia e o Japão, conseguiram também, através de um planejamento que pensasse moradia, educação e melhores ofertas de emprego, melhorar a qualidade de vida de suas classes trabalhadoras, inclusive aparecendo como mais produtivas, e menos tendenciosas ao crime e a violência contra si mesmos e o resto da sociedade, uma contribuição social que agrega a todos. Mais uma vez aparece como fundamental o

papel do Estado como garantidor de qualidades de vida que apenas o mercado não pode gerir, e caso possa, não gere de maneira uniforme a toda sociedade, gerando desigualdades sociais de diversas naturezas.

Na realidade, o que vem sendo apresentado para muitos sociólogos e estudos da área da saúde, é que todas as doenças mentais carregam um caráter social. O estresse, o não cumprimento dos papéis sociais e a pressão em geral, excessiva, a que as pessoas são submetidas no capitalismo, acaba por aflorar diversos tipos de mal-estar e doenças mentais, e mais do que isso, o estresse crônico, também aparece como o principal causador de uma saúde física pobre (WEITZ, 2006). Podemos perceber que a saúde mental e a saúde física, acabam por ser confluentes sobre si mesmas, além de serem ambas, fruto do ambiente social em que estão inseridas.

Além disso, doenças mentais podem ser relacionadas, fruto do aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas, ou causadoras deste aumento, outro fator de risco para a saúde física e mental. Em sociedades mais desiguais, as pessoas também tendem a ter um senso de comunidade mais vago e desconfiado, o que resulta em um aumento do número de vítimas de crimes violentos (WEITZ, 2006, p.24).

Consequentemente, o planeta como um todo nunca se viu longe de epidemias e de grande perigo de doenças infecciosas, na realidade, os países mais pobres nunca começaram a transição epidemiológica, Weitz (2006) frisa os casos Africanos, Asiáticos e da América Latina.

Aprofundando a discussão a respeito da saúde mental e sua influência na saúde física e do resto do corpo, podemos trazer também as contribuições de psicanalistas como Christian Dunker que em entrevista a Edison Veiga, disse que:

A depressão é a forma de sofrimento compatível com o neoliberalismo [...] A ideia de que a produtividade é fator fundamental na apreciação da vida pelo próprio indivíduo e de que as vidas devem ser apreciadas, entendidas e interpretadas como se o eu fosse uma empresa. (VEIGA, 2021).

Dunker (2016), ainda nos afirma que:

Entre os anos 2000 e 2010 emergem duas novas normalopatias¹⁵ neoliberais: a depressão de um lado e as anorexias de outro. A primeira representa o colapso na produção, a segunda no consumo. Os antigos devotos da crença na produtividade trouxeram visibilidade ao fato de que nem todos poderiam entrar no novo sistema reduzido e flexível de produção. O que fazer com os excluídos senão atribuir-lhes uma dificuldade “individual”? A ascensão da salvação pelo consumo torna muito mais visível e problemático alguém que se recusa a comer (ou come exageradamente e vomita como os bulímicos). A ascensão da adequação à produção torna explícito demais aquele que recusa-se a produzir, como o depressivo (ou daquele que acumula ou consome demasiadamente, como o adicto e o acumulador). Notemos que nesse ponto o neoliberalismo também sofreu uma pequena modulação, com a entrada dos discursos sobre a emoção e o talento, com as práticas de coaching e com o marketing orientado para a experiência. Com a assimilação dietética e higienista de novos regramentos na borderline entre saúde e doença, o quadro tende a declinar. Ademais, o empuxo de produção e desempenho vem sendo suplementado por ingestão de substâncias, legais e ilegais, em forma de doping tolerado, senão estimulado em nome de resultados. Afinal por que contentar-se com seu filho que tira 6.0 em História, se ele poderia tirar 7.5 tomando metilfenidato? (DUNKER, 2016, SEM PÁGINA)

Apesar do debate mais relacionado a área da saúde, os questionamentos abordados por Dunker são fundamentais para compreendermos o que queremos dizer quando citamos a dominação da racionalidade liberal sobre todas as esferas da vida humana. A racionalidade neoliberal é segundo Dunker (2016) formadora de patologias específicas. Este processo é importante para compreendermos as dificuldades que o neoliberalismo apresenta para a saúde pública por si só, e mais do que isto, como esta racionalidade é moldadora de diversos desdobramentos durante a vida dos indivíduos.

Ou seja, percebemos uma estreita relação entre o capitalismo neoliberal, através da empresarização do eu, e o agravamento e até mesmo o despertar de distúrbios mentais, estes que como já vimos, estão diretamente ligados à saúde pública, no sentido de que afetam a todos na sociedade. Ao que podemos perceber através destas falas, é que o neoliberalismo se apresenta como um modelo econômico que transborda os limites deste meio e adentra todas as esferas da vida. Ao que percebemos, sua racionalidade atinge inclusive a saúde pública das sociedades, e como debatido acima, sabemos que há uma relação entre saúde

¹⁵ “A princípio, o termo normalopatia pode dar a entender que estamos diante de mais uma classificação diagnóstica dos Manuais Psiquiátricos, tantas vezes criticados em razão da inflação de categorizações que, em alguns casos, acabam patologizando toda vivência que se considere desviante de um padrão. Entendo a normalopatia, por outro lado, como uma espécie de crítica a essa ideia, uma expressão crítica para problematizarmos o normal e o patológico.” (BARBOSA, 2020).

mental e saúde física, e também, uma relação entre condições de vida e saúde. Se não há saúde pública, já há um problema, se não há saúde mental que resguarde a física, o problema se agrava, e com uma pandemia sem resposta do Estado à altura do problema, e partindo de um problema de racionalidade que diminui a magnitude do problema e falsamente despolitiza fazendo acreditar que a saúde pública pode ser obtida de forma individual, o problema se torna ainda maior.

Ou seja, os “sintomas” do neoliberalismo descritos por Dunker (VEIGA, 2021)¹⁶ e que ele chama de “empresa de si” são os mesmos apontados por De Gaulejac (2007) na gestão de si mesmo. De Gaulejac diz que “cada indivíduo deve tornar-se responsável por si próprio, por sua existência social, seus sucessos e também seus fracassos” (DE GAULEJAC, 2007, p.184), ou seja, é notável uma interiorização do fracasso, uma desconexão do sentido do social e de sociedade. O indivíduo existe apenas no interior de si próprio, se desconsidera o imenso e complexo mundo exterior onde estão presentes inúmeros fatores de cunho social ou até mesmo de outras naturezas, como biológico ou geográfico. Temos então um mundo de responsabilidades interiorizadas e focadas no indivíduo.

Concluindo este capítulo, compreendemos assim o biopoder inserido na saúde do neoliberalismo, algo fundamental para podermos traçar as falas a respeito das políticas públicas de enfrentamento da Covid-19 de Eduardo Leite enquanto influenciadas ou não por um modo de fazer política neoliberal. No próximo capítulo discutiremos mais a fundo a racionalidade neoliberal, a expansão da lógica de mercado para outras instituições e porque não indivíduos, que a reproduzem de maneira semelhante a empresas, e portanto, possuem uma percepção dos problemas sociais mediante a inserção do mercado nos mesmos.

¹⁶ Entrevista de Dunker concedida a Veiga.

4. O NEOLIBERALISMO ENQUANTO RACIONALIDADE

Esta interiorização de racionalidades empresariais, remete a um processo histórico como descrito por Denise Gros (2010):

A face mais conhecida do neoliberalismo é aquela que se expressa nos planos econômicos adotados pela maioria dos países capitalistas desenvolvidos desde a crise do final dos anos 70. Quase todos esses planos envolveram desregulamentação econômica e desmonte do Estado de Bem-Estar Social, sobretudo a diminuição do gasto público na área social. Na América Latina, vários países, como o Brasil, promoveram, desde os anos 80, reformas econômicas que também envolveram privatização de empresas estatais, desregulamentação econômica, abertura ao capital estrangeiro e flexibilização da legislação trabalhista. (GROS, 2010, P.173).

O neoliberalismo, nasce fundamentado pelos preceitos liberais clássicos, atualizados com uma maior intensidade e descrença sobre as possíveis participações do Estado na vida pública e no mercado. Não por acaso, ele nasce no pós segunda guerra mundial e se desenvolve na medida em que o estado de bem estar perde força junto com a “ameaça” socialista internacional. Frente a perda de espaço das forças de esquerda revolucionária de linha marxista neste contexto, o neoliberalismo passou a ser percebido e implementado como modelo de mercado ideal e moderno, ao mesmo tempo, que sua racionalidade foi sendo expandida na sociedade (GROS, 2008).

Mas como podemos perceber a diferença deste momento neoliberal, o liberalismo clássico e o capitalismo? Dardot e Laval (2016a) afirmam que:

Temos, então, o direito de perguntar: em que essa fase se distingue dos períodos anteriores? [...] Marx num certo sentido já não disse tudo quando apresentou a exigência de uma produção cada vez maior de valor excedente (ou mais-valor) como a diferencia específica do sistema capitalista? “Produzir valor excedente, sempre em volume maior (Plusmacherei), é a lei absoluta deste modo de produção”. Em suma, não há nada de novo sob o sol da acumulação capitalista, ou melhor, como disse Foucault de um modo farsesco, é “sempre a mesma coisa e sempre a mesma coisa pior” (DARDOT E LAVAL, 2016a, p.1)

Ou seja, neoliberalismo enquanto intensificador da racionalidade de mercado, e expansor da mesma para as demais esferas da vida, ganhou força no

Reino Unido com Margaret Thatcher e nos Estados Unidos da América com Ronald Reagan, mas também na América Latina, implementado pelas ditaduras militares pós década de 1960. Através da violência e repressão ou pelo processo democrático tradicional, o neoliberalismo se tornou hegemônico economicamente no século XX, consolidando também como uma racionalidade, um modelo de vida que transformou as lógicas de mercado em todas as lógicas da vida humana (GROS, 2008).

Este modelo foi responsável por uma grande transformação nos meios de comunicação, nas políticas públicas, nas instituições públicas ou privadas de grande importância como as escolas, universidades e empresas (GROS, 2008). As lógicas de mercado passaram a ser debatidas fora do âmbito interno do próprio meio econômico e de mercado, e migraram para todas as demais esferas subjetivas ou não dos sujeitos, expandindo a racionalidade de mercado como uma racionalidade de vida (GROS, 2010).

Segundo Borges, Barcelos e Rodrigues (2018), são perceptíveis inúmeros processos de empresarização, ou seja, o avanço da racionalidade neoliberal, nas instituições públicas brasileiras e, especificamente, da saúde. É perceptível uma reprodução das lógicas anteriormente reservadas ao jogo econômico pelas demais instituições, que por via de regra seriam destinadas a outros fins puramente do mercado privado, como é o caso principalmente das estatais, cada vez mais privatizadas quando não atreladas a modelos de gerência que não mais prezam o bem público.

Podemos então traçar um paralelo entre as questões apresentadas por Lazzarato (2020), como relacionado na introdução, o *Just in time*, como medida de política pública mediada por princípios econômicos, de maximização do cálculo econômico sem a necessidade da garantia do bom serviço público, e por De Gaulejac (2007) para pensarmos o neoliberalismo. O funcionamento da saúde “*just in time*” é o funcionamento neoliberal da saúde pública.

Para compreendermos esta culpabilização do indivíduo e sua responsabilidade para com sua realidade social, ou seja, a racionalidade neoliberal sobre o indivíduo, De Gaulejac (2007) afirma que:

O desemprego não é considerado como a consequência da defasagem estrutural entre o número de empregados criados pelo sistema econômico e o número de pessoas ativas suscetíveis de ocupar esses empregos. Ele resulta de “falhas de empregabilidade” de uma parte da população e, portanto, de sua “falta de adaptação” diante das necessidades da empresa. Nessa perspectiva, o problema do desemprego será resolvido incitando ou obrigando os desempregados a melhor “gerenciar suas competências”, adquirir aquelas que lhes faltam a fim de se formar da melhor forma possível para se posicionar sobre o mercado de trabalho. (DE GAULEJAC, 2007, p. 184).

Ainda poderíamos ir além no raciocínio e pensarmos que no atual avanço das políticas neoliberais sobre o campo do trabalho, a situação pode ser ainda mais assustadora quando o trabalhador se vê desligado de vínculo empregatício com as empresas maiores e passa a ser um mero negociador com as mesmas enquanto microempresa ou microempreendedor. Ainda sobre a citação acima, notamos como De Gaulejac se refere ao desemprego como “defasagem estrutural do sistema”, ou seja, uma clara discordância entre a análise científica da situação e a subjetividade neoliberal. Tudo é um problema de gestão da minha empresa.

De Gaulejac também afirma que a “realização” neste tipo de sociedade só é capaz perante estar “bem em sua pele”, mesmo enfrentando as situações mais adversas. Esta conjuntura seria a responsável pelo surgimento das deveras técnicas modernas de coaching, por exemplo. Uma forma de gerenciar da melhor maneira a sua própria individualidade. E como já mostramos a construção da subjetividade neoliberal, o autor ainda informa a importância da mesma para que se observem “as contradições sociais [...] apenas como problemas relacionais” (DE GAULEJAC, 2007).

Com esta definição fica claro porque a saúde brasileira funciona de maneira *Just in time* como apresentado por Lazzarato¹⁷. A saúde é vista como um privilégio, ou melhor, fruto da própria ação individual, já que as responsabilidades estão interiorizadas. As condições sanitárias de vida, ou seja, a limpeza do bairro onde moramos, o que comemos, se temos saneamento básico, isto são questões que não são percebidas e apresentadas como direitos, mas sim como privilégios possíveis de serem recebidos mediante êxito individual, ou seja, não há porque haver um Estado garantidor das necessidades básicas no momento em que “eu” devo conseguir

¹⁷ Em entrevista cedida a Bogado (2020).

garantir as mesmas, desconsiderando-se, portanto, as situações adversas do mundo natural e social, e responsabilizando os indivíduos.

Neste sentido, a dissertação visa associar/ discutir saúde, neoliberalismo e a gestão pública do governo do RS durante a pandemia. E assim, perguntamos, o que podemos relacionar com o Covid-19? É perceptível no momento da pandemia, de fevereiro de 2021, que os países que melhor geriram a crise sanitária do coronavírus, foram aqueles países que atuaram firmemente em políticas públicas e sanitárias de controle de propagação e Lockdown (nos moldes dos recomendados pela OMS), testagem da população, identificação dos doentes e seu tratamento/isolamento, e recentemente, a vacinação (AQUINO, SILVEIRA E PESCARINI; ET AL, 2020). Fatores como estes, já têm ampla bibliografia científica que corrobora tais afirmações, no mundo e no Brasil, extensivamente divulgados pela OMS, mas também pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e outras instituições como o Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2020).

Desde o começo da pandemia, o que foi amplamente divulgado pela OMS, é que a necessidade principal era frear a propagação do vírus, ou seja, evitarmos aglomerações de pessoas já que o vírus é transmitido através de secreções. Deste modo, evitar aglomerações significa evitar grande parte dos trabalhos que movimentam o funcionamento da economia, ou seja, adotar as medidas enfatizadas estava fora de cogitação para a maioria dos trabalhadores.

No Brasil, ainda houve um grande poder de propagação de desinformação anticientífica de diversas áreas, incluindo a sociologia e especificamente a sociologia da saúde, uma atuação estatal neoliberal é uma racionalidade que age de forma displicente em favor de uma “normalidade” econômica, mesmo durante um momento de crise social grave. Este talvez seja um dos pontos cruciais para compreendermos o processo de propagação do vírus pelo mundo e no Brasil. Podemos perceber que, em nível mundial, provavelmente tenhamos à nossa frente a primeira pandemia inserida sobre a governabilidade neoliberal. Provavelmente, ao que tudo indica apenas com a revisão bibliográfica já produzida, os efeitos desse processo foram desastrosos, e a racionalidade neoliberal acabou por dificultar os avanços da luta contra a pandemia.

Desta forma o neoliberalismo, enquanto sistema social, não se resume a um modelo puramente de mercado ou econômico nos limites clássicos destes termos, mas sim como modelos de vida e de organização social e que no caso da pandemia, teve um trabalho difícil em relação a ciência, por vezes negando orientações claras de órgãos como a OMS e o CNS, por vezes de forma deliberada como feitas pelo presidente Jair Bolsonaro, e por vezes de maneiras mais brandas, não seguindo plenamente as recomendações científicas amplamente divulgadas pelos órgãos de maior autoridade no assunto de saúde pública do mundo.

Para autores como De Gaulejac (2007), o neoliberalismo passou a criar racionalidades que transformaram organizações de mercado em organizações comuns a vida quotidiana de todos. Um exemplo deste processo é a empresarização da vida humana, ou seja, a introdução de organizações típicas de uma empresa nas racionalidades e ações de todos.

Para Lazzarato (2011), esta racionalidade individualista também é fruto da racionalidade neoliberal, partindo do pressuposto de “desproletarização” das classes trabalhadoras, individualizando as suas lutas e a própria sobrevivência dentro do sistema capitalista. Segundo o autor, este processo se dá de forma a diminuir a noção de socialização dos indivíduos, regredindo o debate no que diz respeito ao bem comum, como é o caso da saúde pública:

Neoliberalismo é uma política cujo sentido e principal objectivo é regressar a estas conquistas políticas para as anular, falsificar, desactivar no que seja possível. Trata-se de substituir todas estas formas de socialização e de mutualização da riqueza e da propriedade, instituindo uma “desproletarização” que passa pelo acesso individual à propriedade. Desproletarização pelo acesso individual à propriedade privada: eis um dos mais poderosos instrumentos de despolitização do neoliberalismo. (LAZZARATO, 2011, p. 38-39).

Ou seja, percebemos que, o avanço das políticas neoliberais, não necessariamente querem dizer o avanço do negacionismo científico ao completo e extremo como podemos perceber no caso dos movimentos e posicionamentos dos grupos apoiadores do governo Bolsonaro. Porém, como apontado por Lazzarato (2011), Foucault (2008) e Gago (2018) (que veremos mais à frente), o neoliberalismo

é inerente a um processo de despolitização, o que não deixa de ser um negacionismo científico das ciências humanas, uma negação da política (BROWN, 2019), assim como, uma necessidade pela separação dos indivíduos enquanto autônomos e competitivos, de forma como uma empresa o faria, o que como consequência torna estes isolados nos cenários das disputas políticas.

Compreendemos que, a princípio, a governabilidade do governador Eduardo Leite em relação a pandemia, tem relações com o neoliberalismo, porque não propõe o resguardar público e geral para a população, ao contrário, se utiliza do cálculo econômico para garantir medidas que protejam em parte as populações durante a pandemia, tentando evitar apenas, o colapso geral da situação.

Se entrarmos no mérito dos melhores países que combateram a pandemia no mundo, ou seja, aqueles os quais conseguiram ter baixos números de infectados e mortos, o Vietnã lidera a lista (UFAM, 2020), justamente por ter sido um país que seguiu as orientações da OMS (UFAM, 2020) e, ao mesmo tempo, conseguiu gerir a crise financeira através de auxílios tanto para pessoas físicas quanto jurídicas, assim como outras iniciativas como a utilização do exército no trabalho de doações de alimentos (FOLHA, 2020). Por outro lado, o Brasil e os EUA, aparecem como os piores gestores da pandemia no mundo (UFAM, 2020). Outros países muito bem colocados como a China e a Nova Zelândia (UFAM, 2020), também foram países que prezaram por vastos auxílios emergenciais (UOL, 2020). Apesar do que ainda poderia se justificar como um “tiro no pé” no sentido econômico, no caso do Vietnã, o país já se recupera economicamente da pandemia, inclusive com maior velocidade do que a união europeia (RFI, 2021) e consegue garantir maior segurança sanitária a seus moradores não vacinados do que uma pessoa vacinada no Brasil (TECMUNDO, 2021).

Dada esta conjuntura, resta aos trabalhadores sem alternativa, a não ser seguir trabalhando em condições sanitárias precárias e sem acesso aos equipamentos básicos de proteção (luvas, álcool gel, máscaras N95), e sem o fator essencial do distanciamento social necessário para a diminuição da contaminação pelo vírus, fazer a economia girar, garantir sua sobrevivência tanto em relação ao vírus, quanto em relação a sua renda, já que, para grande parte da classe trabalhadora brasileira, não há possibilidade de se parar de trabalhar e receber por

um longo período. Assim, todos estão em risco frente a pandemia da Covid-19, risco que pode ser inclusive de morte.

De modo geral, presenciamos uma guerra cultural (GRUN, 2019) no que tange a pandemia, onde há um embate sendo travado para mudar o mundo social, percebendo a luta política como uma luta da prática e também da ordem da teoria, implicando em disputas de capital simbólico, de conhecimento, tanto no sentido de propor uma “visão de mundo” quanto para se mostrar o detentor da visão mais correta da realidade (BOURDIEU, 1997). Este processo é descrito por Bourdieu (1997) em Grun (2019) como:

[...] um dos contenciosos da luta simbólica é o poder do conhecimento, quer dizer, o poder sobre os instrumentos incorporados de conhecimento, os esquemas de percepção e de apreciação do mundo social, os princípios de divisão que, num momento dado, determinam a visão do mundo e o poder de fazer ver e de fazer acreditar que esse poder implica. (BOURDIEU, 1997, P. 222)

Sem informações suficientes a respeito do coronavírus e submetidos a uma grande “bomba” de informações que amenizam a atuação do vírus ou confundiam seus reais métodos de proteção, como por exemplo, a insistência do governo federal e dos “Médicos pela vida” no tratamento precoce, amplamente testado e comprovado (em diversas instituições ao redor do mundo) que não tem efetividade contra a doença (MARTINS, 2021). Aqui a guerra cultural travada pelo presidente e seus adeptos contra a própria veracidade da pandemia e a ciência, encontra a racionalidade neoliberal já estabelecida por diversos setores da sociedade.

Concomitantemente ao trabalho negacionista do governo federal e de parte dos estados e municípios, estava a subjetividade neoliberal atuante nos indivíduos, afirmando uma suposta piora na situação mediante a uma parada da economia, o que negava o debate e não permitia alternativas através do amparo estatal para os problemas econômicos.

Como indicado por Foucault (2008), o capitalismo é um sistema de produção de subjetividades individuais, e por isso, se tratando de neoliberalismo não seria diferente. Desde o começo da pandemia houve pouca mobilização popular das classes médias e mais confortáveis economicamente, para o controle estatal da

situação, muito pelo contrário, a atividade econômica sempre foi estimulada por setores mais avantajados economicamente e colocada num patamar intocável. O governo federal enfatizava que não poderia parar a economia, caso o fizesse, poderíamos viver uma crise maior. Desta maneira, visando uma racionalidade empresarial, há como traçarmos uma relação inclusive referente a noção de bandeiras como metas a serem alcançadas pelos Estado¹⁸, se apropriando de um cálculo econômico como *just in time*, gerindo a saúde pública no limite da necessidade que poderia evitar um colapso total devido à falta de leitos e o grande número de mortos e contaminados. Há assim, um cálculo no sentido de manter a economia do estado funcionando, não “parando” a mesma devido a pandemia, e fazendo um cálculo referente a quantos podem se contaminar/morrer dentro de um cálculo de cunho econômico que preza pela otimização do custo público nos moldes de Lazzarato em entrevista concedida a Bogado (2020).

“Centrado sobre si mesmo, o indivíduo “esquece” de se interrogar sobre o funcionamento global da empresa, particularmente sobre a violência que nela reina” (DE GAULEJAC, 2007, p. 189), ou seja, centrados sobre a nossa própria necessidade de trabalharmos, de ganharmos nosso dinheiro, de conquistarmos nossos direitos, nosso mínimo para uma boa qualidade de vida, fomos responsabilizados pela efetividade ou não destas necessidades, e estando presos neste ciclo, não temos tempo para questionarmos esta lógica e a própria interiorização de problemas estruturais da sociedade, fazendo com que em um momento de pandemia, nem se cogite a ajuda estatal, a paralisação da atividade econômica ou se possa racionalizar sobre os riscos da perpetuação da lógica neoliberal em um momento como este.

Falando em violência, para Lazzarato, a biopolítica e a necropolítica¹⁹,

¹⁸ Não afirmamos aqui que uma política de controle por bandeiras seria necessariamente uma política de reprodução da racionalidade neoliberal. Porém, como veremos a seguir nas análises das Lives de Eduardo Leite, a troca das cores das bandeiras e consequentemente suas especificações no que dizia respeito ao controle sanitário de cada uma, era medido de maneira *just in time*, pois só era subido os controles sanitários a posteriori das pioras no quadro geral da pandemia. Como repetido pelo governador do estado do RS, o foco principal sempre foi não lotar as UTI's, de modo que este era o limite traçado pelo governo, fazendo com que, como veremos a seguir, o estado chegue a funcionar quase que na sua capacidade máxima hospitalar, com um alto número de infectados e mortos, mas só se decreta uma situação de calamidade quando os leitos em UTI's estiverem com lista de espera.

¹⁹ Necropolítica é um conceito criado por Achille Mbembe (2016) que representa “formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte”, e que “reconfiguram profundamente as

conceito cunhado por Mbembe, não são separáveis, a necessidade do controle sobre os corpos e sua utilização como força de trabalho, também carrega um lado de morte, da decisão dos que vivem e dos que morrem, e claro, do medo que esta situação gera (IHU, 2017)²⁰. Para Lazzarato, existe a necessidade da reprodução da vida de igual forma que existe a do fim da mesma, sendo esta lógica dual uma ferramenta de reprodução do capitalismo neoliberal. Para Mbembe (2016):

Propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. (MBEMBE, 2016, p. 146).

Ou seja, é prudente pensarmos como a pandemia pode ser atravessada pelas noções de poder da vida e poder da morte.

Importante traçarmos uma relação com Veronica Gago (2018), a qual propõe uma análise do neoliberalismo “de cima para baixo” e de “baixo para cima”, isto é, para além da análise mais convencional de cima para baixo, averiguando o poderio do grande empresariado, das instituições e do Estado na difusão da racionalidade neoliberal, é necessário também, uma análise de baixo para cima, ou seja, uma análise que parta das classes médias e mais baixas para a compreensão da reprodução da racionalidade neoliberal. Gago, enfatiza que o neoliberalismo contém “tramas vitais que operam produzindo valor, inventando recursos onde não existem, repondo infraestrutura popular ante a expropriação e criando modos de vida que excedem as fronteiras do capital” (VILAÇA E FREITAS, 2020)²¹, ou seja, como a racionalidade neoliberal se instaura entre as classes mais baixas através da própria concretude de suas relações sociais, e não apenas através da governabilidade de um ou outro governo.

O avanço do neoliberalismo, é também impulsionado por uma ordem que demanda racionalidade, individualidade e empresarização do eu, em todas esferas da vida social por uma necessidade de sobrevivência, Gago é enfática neste sentido

relações entre resistência, sacrifício e terror”. O conceito de necropolítica seria importante para a compreensão da atualidade pois “a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte.”

²⁰ Conferência cedida ao Instituto Humanitas Unisinos por Lazzarato em 2017.

²¹ Trecho extraído de entrevista com a autora.

em relação a estas diferenças entre diversos países e seus próprios desenvolvimentos do neoliberalismo, sendo a América Latina responsável por um “tipo” particular, fruto desta metamorfose do processo nas diversas localidades globais e de acordo com cada realidade, isto porque, segundo a autora, sua obra segue um caminho de conversa entre as problemáticas foucaultianas e marxianas, ou seja, o desdobramento da racionalidade neoliberal, e sua modulação a partir das próprias experiências de pessoas e indivíduos, é fruto também de uma estrutura material, “uma dinâmica de captação de oportunidades sob relações de força marcadas pela condição neoliberal” (MAQUINA CRÍSICA, 2016).²²

Esta condição neoliberal, implica numa negociação, num jogo de poder por parte dos “governados”, que desdobra cria e reproduz a racionalidade neoliberal em diversas frentes, justamente devido a sua condição “materialidade de como resolvem a vida dia a dia, tanto as instituições como os grupos e as pessoas” (MAQUINA CRÍSICA, 2019).

Segundo Tumelero e Vernal (2020), a análise de Gago (2018) conclui que: “subjetividades sempre terão relação com práticas, com estruturas (que são práticas articuladas), e com discursos que são sempre dimensões da prática” (TUMELERO E VERNAL, 2020, P. 146)

Por isso cogitamos a importância de entender como a economia deve funcionar e *eu* devo ser responsável pela minha saúde e pelo meu trabalho, sem interferências externas, o meu sucesso e o meu fracasso só dependem de mim. Aqui está centrada a importância do posicionamento do governo do estado do Rio Grande do Sul, a partir da análise de conteúdo, utilizando as problemáticas temáticas citadas na metodologia, pretendemos responder nossos questionamentos a respeito da influência do que a bibliografia acadêmica considera neoliberalismo e traçar uma relação com a própria descrição dos institutos considerados neoliberais.

²² Entrevista com a autora Veronica Gago.

5. OS THINK TANKS COMO CONSTRUTORES DE UM PROCESSO GLOBAL E HEGEMÔNICO

Como já relatado nos capítulos anteriores, o neoliberalismo tomou proporções de racionalidade totalizantes, muito além de uma racionalidade de mercado (ANDERSON, 1995; ARALDI E SVARTMAN, 2019). Assim percebemos uma hegemonia da ideologia neoliberal sobre a vida humana na contemporaneidade (ANDERSON, 1995). Através dos estudos de Gros (2010), percebemos que a divulgação das racionalidades neoliberais é desenvolvida e divulgada em diversas fontes, dentro do próprio mercado de trabalho, escolas, universidades, mas também, pelos institutos/Think Tanks neoliberais. Este processo faz parte de um processo global e o RS não é exclusividade neste quesito.

Desta forma, podemos compreender como a racionalidade neoliberal se aplica nos posicionamentos individuais referentes ao não fechamento do mercado frente à pandemia. Neste momento, o amparo Estatal não aparece como uma possibilidade, sendo descartado o lockdown e o fechamento do comércio justamente pelo medo da falta da possibilidade de se trabalhar, de empreender, de produzir e viver. Porém, como observado, esta lógica só se aplica, devido uma racionalidade neoliberal que descentraliza o poder do Estado da gestão de crises e problemáticas sociais, e encarrega o mercado, com suporte Estatal, para gerir tais momentos.

Os Think Tanks neoliberais, são institutos, na grande maioria das vezes financiados por grandes empresas, com o fim de divulgar e construir ideologia neoliberal. Através dos Think Tanks brasileiros foram criadas grandes editoras responsáveis pela impressão de obras consideradas importantes para a conceituação do neoliberalismo, assim como relações com escolas, empresas e universidades para uma formação de base neoliberal, através de panfletos, palestras e até distribuição de livros. Também recorrentemente são responsáveis por pesquisas sociais/econômicas/políticas privadas e financiadas por empresas com os diversos fins interessantes para a agenda neoliberal dos institutos e da iniciativa privada.

Think Tanks e institutos neoliberais são importantes pois segundo Araldi e Svartman (2019), utilizando Teixeira (2007) os Think Tanks surgem na década de 1960 nos Estados Unidos da América, unindo forças intelectuais ligadas ao grande empresariado norte americano, forças do partido republicano e de movimentos conservadores, no momento de expansão do novo conservadorismo cristão e a expansão da economia neoclássica na academia, a economia que outrora viria a ser cunhada como neoliberal.

Araldi e Svartman (2019) pontuam que:

A relação entre advocacy think tanks e neoliberalismo parece remontar a origem do pensamento neoliberal, na medida em que os principais criadores do pensamento neoliberal entendiam que mercados livres somente poderiam ser alcançados por meio de uma estratégia de cooperação entre elites e de difusão do pensamento para círculos sociais mais amplos do que a academia. Assim, os advocacy think tanks tiveram papel essencial na disseminação das ideias entre políticos, jornalistas e formuladores de políticas (Araldi e Svartman, 2019, p. 321).

Desta forma, os pensadores neoliberais, principalmente guiados e influenciados pelos principais expoentes deste novo liberalismo, Milton Friedman e Friedrich Hayek, propagaram suas teorias por meio de diversas instituições e frentes, tentando atingir ao máximo, veículos de mídia e jornalistas, política institucional, e é claro, os meios educativos. Ainda segundo, Araldi e Svartman (2019), porém desta vez referenciando Jones (2012), apesar do neoliberalismo ter nascido no período entre guerras, e se desenvolvido a partir da década de 1940, ele toma forma e é exportado fortemente na década de 1970 devido a uma falta de “estabilidade do sistema monetário internacional”, agindo então fortemente através de nomes como Ronald Reagan nos Estados Unidos, Margaret Thatcher no Reino Unido, e claro, porque não, na América Latina, a qual além da dependência de praxe já estabelecida entre os países do norte e do sul global, também passaram por um processo de intervenção militar em diversas nações, influenciado pelo governo dos Estados Unidos. A partir então dos anos 1980, o neoliberalismo começa a se tornar o pensamento econômico hegemônico global, expandindo suas limitações acadêmicas.

Segundo os autores acima referenciados, os Think Tanks tiveram papel

fundamental entre o começo do neoliberalismo e os anos 1970, tornando o discurso da ideologia menos acadêmico e mais propício para sua expansão popular. E, claro, o trabalho dos think thanks, e sua disseminação ao redor do mundo, seguiu ocorrendo em diversos momentos e em diversas localidades, justamente tentando seguir com a expansão do pensamento neoliberal, na qual foi bem-sucedida, e que hoje em dia ainda é funcional e positiva para a ideologia.

Nos Estados Unidos, a relação entre *Think Tanks* e a política é amplamente difundida e de conhecimento popular. No caso estadunidense, os políticos e seus gabinetes costumam se aproximar de *Think Tanks* que detenham alinhamento ideológico. É importante perceber que, atualmente, os *think thanks* detêm grande poder político independente da política institucional e Estatal, ao mesmo tempo que, ao se colocarem como institutos de pesquisa e científicos, os institutos conseguem fundamentar/comprovar/embasar posicionamentos políticos, tanto de maneira discursiva para fora da “bolha” política como para a consultoria formalizada. A partir deste momento, há uma influência mútua, assim como pode haver consultoria, quando não, a inserção de pessoal dos institutos nos gabinetes e vice-versa. Segundo os autores, este tipo de relação já pode ser percebida no Brasil (ARALDI E SVARTMAN, 2019).

Araldi e Svartman (2019) também nos trazem a concepção de Belli e Nasser (2014) de que os think thanks, ou institutos neoliberais, que mais se destacam e conseguem ter mais capilaridade na política, são os que conseguem transmitir uma espécie de neutralidade ideológica e partidária, ou seja, estes institutos procuram fazer uma separação entre o que eles consideram como unicamente científico, que seria justamente o seu trabalho, e o jogo político.

É claro que estes institutos estão no jogo político, o qual nem sempre leva em consideração o embasamento científico, entretanto, os Think Tanks parecem aparecer como instituto intimamente ligados a racionalidades e a ciência sem ideologia sempre, como se fosse possível fazer tal distinção, do político sem a política. Esta relação é interessante para pensarmos também como a gestão de Eduardo Leite, sempre se colocou e afirmou dentro das recomendações científicas, longe do negacionismo e longe das “decisões políticas” a respeito do controle e do enfrentamento da pandemia, como o próprio criticou o presidente Jair Bolsonaro

pela sua política de vacinação (REDE BRASIL ATUAL, 2021; JORNAL DO COMÉRCIO, 2020 (a) e (b); EL PAÍS 2020). Apesar disto, o RS e a cidade de Porto Alegre, chegaram a ser considerados o epicentro brasileiro da pandemia, no momento em que o Brasil era o epicentro da pandemia no mundo, por volta da terceira semana de março de 2021 (CUT, 2021; CNN, 2021).

Quando começamos a análise dos vídeos, em agosto de 2021, estávamos ainda longe dos números e recomendações ideais. Até este momento, o RS não vinha tendo um desempenho positivo quando comparado a outros estados, já que é o sexto maior estado em população no Brasil, mas ficou em quinto com mais mortes e quarto com mais casos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021; CONGRESSO EM FOCO, 2021; IBGE, 2020), e nem quando comparado a outros países, pois se o RS fosse um país, e fizéssemos uma média de mortes por 100 mil habitantes, o estado seria o terceiro colocado da lista, com 297/299 mortes²³, um número acima da média nacional de 274 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021), atrás apenas da Hungria com 311 e do Peru com 598 (CONGRESSO EM FOCO, 2021; GAZETA DO POVO, 2021.). Este resultado poderia indicar que, apesar das falas de Eduardo Leite, as decisões políticas foram tomadas, e que talvez pudesse indicar que a ciência não foi plenamente ouvida, mas sim uma necessidade de normalidade econômica em detrimento de um combate mais efetivo.

Percebemos uma ligação entre a jogada política frequentemente utilizada pelos think thanks/políticos e o discurso que pendurou durante a pandemia pelo governo do estado do RS Eduardo Leite. Além de que, nasceu uma ligação forte do PSDB, partido ao qual Eduardo Leite integra e sempre integrou durante sua vida política, e os think tanks neoliberais brasileiros nos anos 1990, e que podemos afirmar que foi plenamente instaurada com Fernando Henrique Cardoso (ROCHA, 2017). Também durante os anos 2000 até o fim da era Dilma, políticos do PSDB tiveram notória participação na atuação do Brazil Institute, instituto vinculado ao Wilson Center (WIETCHIKOSKI, 2018).

Inclusive, quando este grupo, formado pelos políticos PSDB'istas acima citados, se propuseram a fazer uma análise da política externa do Brasil na época,

²³ Número que no final da pesquisa (março 2022) já era de 336,7 óbitos por 100 mil habitantes (CORONAVÍRUS BRASIL, 2022).

ao se referir a relação do Brasil com a América Latina, deixaram claro que o: “[...] Brasil conduzia uma política externa ideológica; sem uma clara orientação e com poucas capacidades (hard power) para exercer liderança na região.” (WIETCHIKOSKI, 2018, p. 93). Detalhes para uma análise na qual, a ideologia política é vista de forma negativa e a noção de gestão, que é fundamental para a racionalidade neoliberal, estão presentes. Mais uma vez, é possível observar a relação de uma procura por separação entre o que seria a ideologia, o teor político das decisões, e o ideal, liberal, “científico” dos institutos, políticos e partidos envolvidos em questão, situação corroborada nas teorias de Belli e Nasser (2014) e nos posicionamentos de Eduardo Leite. Apesar do posicionamento puramente “científico” e “racional” dos Think Tanks, Gros (2010) afirma que: “A face menos conhecida do fenômeno neoliberal talvez seja a de um movimento político-ideológico de alcance mundial.” (GROS, 2010, p. 173).

Outra função importante dos Think Tanks no Brasil são as consultorias para políticos e partidos. Segundo Gros (2010), os institutos neoliberais têm um relevante poder de capilaridade entre a sociedade, e por isso, a política institucional não estaria desligada deste processo. Políticos de grande reconhecimento nacional tem grande envolvimento com os Think Tanks, em uma via de mão dupla de apoio que acaba, quando conseguindo instaurar suas políticas públicas, atingindo a todos brasileiros, e inclusive estão dentro do estado do Rio Grande do Sul, direta ou indiretamente, uma ligação da política institucional com diversos think tanks que atuam desde a sua base, em formações em instituições de ensino até consultoria para grandes políticos.

Por este motivo é importante compreendermos os posicionamentos do governo estadual como capital informacional. Para isto entendemos no sentido de Bourdieu (1993) que:

A cultura é unificadora: O Estado contribui a unificação do mercado cultural ao unificar todos os códigos: jurídico, linguístico e operando assim a homogeneização das formas de comunicação, principalmente a burocrática (por exemplo, os formulários, os impressos , etc.). (BOURDIEU, 1993, pg.7).

Segundo Bourdieu (1993), o Estado é resultado de uma grande

concentração de diferentes tipos de capital, e por isso, o capital informacional se mostra tão importante para a sua formação e reprodução.

O Capital é trabalho acumulado (na sua forma materializada ou sua forma incorporada, encarnada) que, quando apropriado em uma privada, ou seja, com base, exclusivamente por agentes ou grupos de agentes permite-lhes energia social apropriada na forma de reificado ou trabalho vivo.” (BOURDIEU, 1986, p. 241).

Desta forma, o capital informacional presente no conteúdo das falas de Eduardo Leite, compreendermos diretamente o seu posicionamento enquanto governador, mas também, o que o governo do estado do Rio Grande do Sul pretende comunicar a toda população, de que forma é possível modelar, através das palavras, as racionalidades de todos.

El Estado concentra la información, la trata y la redistribuye. Y, sobre todo, opera una unificación teórica. Situándose desde el punto de vista del Todo, de la sociedad en su conjunto, es responsable de todas las operaciones de totalización, principalmente por medio del empadronamiento y la estadística o por la contabilidad nacional, y de objetivación, por la cartografía, representación unitaria, a sobrevuelo, del espacio o, simplemente, por la escritura, instrumento de acumulación del conocimiento (con el ejemplo de los archivos) y de la codificación como unificación cognitiva que implica una centralización y una monopolización en provecho de los clérigos o de los letrados. (Bourdieu, 1993, p. 102-103).

Para compreendermos como este processo influencia construções intelectuais dos atingidos, podemos citar o trabalho de Garcia Parpet (2010), a qual a autora percebeu como a mudança das temáticas de uma revista francesa chamada *Economie Rurale*, transformou a classe de produtores rurais em agrônomos com consciência do seu capital de exploração.

Quanto a relação do neoliberalismo com saúde e políticas públicas, compreendemos então que o Estado brasileiro em geral, incluindo a instância do estado do Rio Grande do Sul vem seguindo a agenda neoliberal apresentada por De Gaulejac (2007) e Gros (2010) e de saúde pública aos moldes de Lazzarato (2020).

Portanto, compreendendo a racionalidade neoliberal ligada aos Think Tanks e podendo ser reproduzida pelos agentes governamentais institucionalizados do Estado, passaremos a uma análise do material disponível nos sites dos dois

principais Think Tanks gaúchos, o IEE e o IL.

6. PELA LIBERDADE - ANÁLISE DOS SITES DOS THINK TANKS GAÚCHOS

Começamos pelo Instituto Liberdade. O IL se descreve em seu site:

Como organização da sociedade civil (ONG), sem fins lucrativos, mantida por contribuições voluntárias de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, sem qualquer vinculação político-partidária e não tem relação de subordinação com organizações nacionais ou internacionais.” (INSTITUTO LIBERDADE, SEM DATA)

Destacamos no excerto, “sem qualquer vinculação político-partidária”. Percebemos que há, como discutido anteriormente, procura pela separação do campo político, e a demarcação como um instinto puramente técnico, racional e que promove os preceitos de que “pensar liberta” como diz o slogan do próprio instituto.

O instituto também se intitula um Think Tank por excelência, tendo nascido como Instituto Liberal em 1986 e passado a se chamar Instituto Liberdade em 2004. Esta transição também é interessante para pensarmos a transição de liberal para neoliberal aos moldes do relacionado por Dardot e Laval (2016a; 2016b) ou Gros (2003;2008).

Apesar do site do instituto não fazer referência ao conceito Neoliberalismo, percebemos que há uma aparente tentativa de se vincular a uma ideia mais ampla, a ideia de Liberdade, ao mesmo tempo em que se proclamam seguidores das escolas anteriormente consideradas propulsoras do neoliberalismo por Anderson(1995). Para isto, vejamos esta transcrição da descrição do IL:

(O Instituto Liberdade) firma-se no mercado local, nacional e internacional como produtor de ideias e construtor de influências. Seu objetivo é promover a pesquisa, a produção e a divulgação de bens educacionais e culturais que demonstrem as vantagens para todos os indivíduos de uma sociedade organizada, com base nos princípios dos direitos individuais, de governo limitado e representativo, de respeito à propriedade privada, aos contratos e à livre iniciativa. O Instituto Liberdade defende o Estado de Direito, a descentralização do governo, a economia de mercado e apoia os empreendedores intelectuais multidisciplinares na produção de análises e recomendações em políticas públicas, seguindo os preceitos da Escola Austríaca de Economia.” (INSTITUTO LIBERDADE, SEM DATA).

Podemos aqui, traçar uma linha entre o que foi descrito por Gros (2003;2008)

e o conteúdo do site, afinal, o Instituto nasce como Liberal, porém passa a ser Liberdade e segue os preceitos da Escola Austríaca. A retomada do liberalismo, dando origem ao neoliberalismo dos Think Tanks. Inclusive, o próprio IL afirma tal direcionamento:

O Instituto Liberdade desenvolve ações permanentes e de longo prazo, produzindo estudos, pesquisas e propostas em políticas públicas; edita livros e publicações; organiza cursos, colóquios, debates, seminários e conferências **disseminando as ideias liberais clássicas entre os formadores de opinião no meio empresarial, jurídico, acadêmico, cultural e político.** (INSTITUTO LIBERDADE, SEM DATA).

Na aba de notícias do IL, a qual infelizmente não era atualizada desde 2020, tínhamos a última publicação chamada “Ayn Rand²⁴ Conference 2019”. A conferência sobre a autora responsável pela criação do Objetivismo, uma corrente de pensamento que dá valor ao egoísmo. O evento foi realizado pelo IL em conjunto do Ayn Rand Institute e o Ayn Rand Center Latin America. Vejamos o que diz a descrição do evento:

Individualismo versus Coletivismo

O conflito ético que afeta a nossa vida.[...]

Cada vez mais o confronto de ideias tem se resumido a questionamentos como: enquanto indivíduos somos um fim em si mesmo, somos livres para florescermos, adquirindo os valores que manterão nossa própria vida e permitirão alcançarmos a felicidade como entendemos que ela deve ser alcançada? Ou somos apenas uma peça de uma grande engrenagem, servindo apenas de meio para produzirmos aquilo que governos ou líderes desejam que façamos em nome de um suposto bem comum? (INSTITUTO LIBERDADE, 2020).

Como percebemos, e pode ser inclusive observado através da filosofia de Rand, o caminho do triunfo da humanidade viria através do momento em que todos nos tornássemos indivíduos independentes.

²⁴ Ayn Rand (1905-1982) foi uma escritora de origem judaico-russa, que fugiu da revolução socialista que formou a União Soviética, devido à origem burguesa de sua família. A autora é uma das responsáveis pela popularização do neoliberalismo no mundo, tendo atuado em diversas frentes defendendo o egoísmo, o capitalismo, a meritocracia e sendo contra o coletivismo.

Em 2020, o então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, compartilhou em seu Twitter a seguinte frase da autora: "Quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada, será tarde demais". O contexto da situação, foi que o ministro teve um vídeo vazado de uma reunião da qual participava e onde falava e se posicionava sobre a necessidade da desregulamentação estatal no agronegócio para “passar a boiada” (FÓRUM, 2020).

For instance, when discussing the social instinct—does it matter whether it had existed in the early savages? We do not judge the value of an automobile by the first chariot ever used in the history of men. Supposing men were born social (and even that is a question)—does it mean that they have to remain so? [...] If man started as a social animal—isn't all progress and civilization directed toward making him an individual? Isn't that the only possible progress? If men are the highest of animals, isn't man the next step?²⁵ (AYN RAND, 1999)

Percebemos um individualismo, evolucionismo e anti coletivismo no pensamento de Rand. Na realidade, todo este texto de seu diário do dia 9 de maio de 1934, é um completo questionamento a respeito do que poderíamos considerar lógico, ético e razoável do ponto de vista humano. Porém, talvez por ser um diário, não é desenvolvido a ponto de esclarecer aonde a autora queria chegar. Podemos perceber que o discurso de Ayn Rand, embasado pelo IL, ao contrário de ser apenas racional ou técnico, é na realidade um discurso ideológico, e mais do que isto, pouco embasado cientificamente, ao contrário, é um discurso que pouco dialoga com a filosofia. Da mesma maneira, Rand tomou o caminho contrário ao da antropologia moderna, considerando os povos primitivos como selvagens, e um tipo de civilização que deveria ser desmistificada e não seguida pela sociedade ocidental.

Voltando ao evento, outro ponto importante de destacarmos é o de que o quarto painel do encontro era formado pelas seguintes pessoas: Yaron Brook, Onkar Ghate, Marcel van Hattem, Gianluca Lorenzon. O terceiro, Marcel Van Hattem, é um político gaúcho, atualmente deputado federal pelo Partido Novo. O quarto, Gianluca Lorenzon é atualmente Secretário de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia. Mais uma vez é interessante percebermos a ligação inerente e inegável dos Think Tanks com a política, apesar de o IL se auto denominar um instituto sem qualquer “ligação político-partidária”. É impossível que um Think Tank, um instituto formado sobre a esfera política para discutir a mesma, que atua junto à política institucionalizada, ou seja, com políticos e instituições

²⁵ “Por exemplo, quando discutimos o instinto social, importa se ele existiu ou não nos antigos selvagens? Nós não julgamos o valor de um automóvel de acordo com a primeira carruagem utilizada na história do homem. Supondo que os homens tenham nascido sociais (e até isto é uma questão) - Isto significa que ele tem que se manter assim? [...] Se o homem começou como um animal social - Não foi todo progresso e civilização que colocou ele em direção de se tornar um indivíduo? Não é este o único progresso possível? Se os *homens* são o maior dos animais, não é o *homem* o próximo passo?” (Tradução nossa).

existentes de nosso estado, seja de fato um órgão não ligado à esfera política partidária. Pelo contrário, vemos que os Think Tanks são por natureza órgãos ligados à esfera política partidária.

Seguindo a aba de notícias, o site conta com dois textos publicados por Bruno Zaffari²⁶, o lançamento de uma série de livros infantis “Desbravando o mundo livre” e por fim, um texto anunciando o concurso das “fotografias da liberdade”.

Diferentemente da academia, o que podemos perceber do IL, é que o instituto não preza pela diversidade de ideais, discussão e revisão científica, o que percebemos ao observar o site é que a discussão “racional e técnica” é focada sobre a ideologia neoliberal, tendo em sua base apenas atores/políticos/escritores que seguem a tal linha filosófica, ou seja, de acordo com o já observado por Brown (2020). O que não é problemático, apenas não é uma expressão pura de racionalidade, de ciência e de liberdade como o próprio tenta transparecer, o que podemos perceber é justamente o contrário, um instituto que atua de forma intrínseca a política e consequentemente a uma racionalidade específica.

Na aba de programação do instituto, os únicos dois eventos programados são um de 2018 e um de 2017, o primeiro “Concurso de artigos” e o segundo “Concurso Fotográfico”, respectivamente. Vejamos a descrição de ambos:

Concurso de artigos: O presente concurso tem como objetivo divulgar artigos com base teórica e acadêmica que abordem a importância da luta contra a corrupção, incluindo os desafios e eventuais sucessos dessa luta. Os melhores artigos integrarão uma publicação impressa a ser lançada em evento que contará com debates acerca da importância da luta contra a corrupção.” (INSTITUTO LIBERDADE, SEM DATA).

Um discurso facilmente maleável, de pouca profundidade teórica e extremamente amplo: O combate à corrupção. Algo aparentemente desejado por todos, que esconde o que de fato se está debatendo, que na realidade, não é explicado.

O segundo concurso:

²⁶ Bruno Zaffari é integrante da família Zaffari, dona, dentre outras empresas, da rede de supermercados Zaffari. De acordo com o próprio LinkedIn (2022) de Bruno, ele trabalhou em diversas empresas, incluindo a Zaffari como diretor. Zaffari também participou de diversas instituições e foi diretor do IEE. O empresário também trabalhou na Zero Hora como articulista, além de contribuir com artigos para o jornal.

Concurso fotográfico: Mais do que um concurso, uma chance de expor o seu olhar sobre a LIBERDADE. As 30 fotos selecionadas farão parte de exposições e serão publicadas em um livro comemorativo, Os fotógrafos ainda levam premiação em dinheiro. As objetivas estão prontas, e você? ” (INSTITUTO LIBERDADE, SEM DATA).

Percebemos mais uma vez que não se discutem autores, teorias e ideias, se discutem conceitos amplos e vagos, neste exemplo, a liberdade. Há um esvaziamento da discussão conceitual. Por fim, podemos perceber outro grande slogan no site: "Promover a cultura da liberdade no sul do país."

O segundo Think Tank que analisaremos, é o Instituto de Estudos Empresariais. Analisamos o portal do associado do instituto e o site oficial do IEE, se descreve quase que da mesma maneira que o IL:

“O Instituto de Estudos Empresariais é uma associação civil sem fins lucrativos ou compromissos político-partidários, fundada em Porto Alegre no ano de 1984 pelo empresário William Ling. O IEE tem como objetivo incentivar e preparar novas lideranças, com base nos conceitos de economia de mercado e livre iniciativa. Uma das principais atribuições do IEE é a formação de lideranças com capacidade empreendedora. Nesse sentido, estimula o debate e a troca de experiências entre os seus associados, para que desempenhem suas funções na sociedade de forma ética e planejada, com persistência e motivação, para conquista do sucesso em suas áreas de atuação.” (PORTAL DO ASSOCIADO, SEM DATA)

Novamente, um discurso sem aporte teórico e conceitual, onde aparentemente se apresenta uma instituição que instiga o leitor a pensar em uma instituição neutra, técnica, e que preza por “coisas que todos querem”. Os valores do instituto são: Liberdade; Responsabilidade Individual; Estado de Direito e Propriedade Privada. O Instituto também conta com um Hexágono da liderança, um planejamento semelhante aos discursos que percebemos de Coaches atualmente, onde são listadas as "competências básicas" do instituto, sendo elas: Integridade Moral; Vitalidade e Motivação; Rede de Relacionamentos; Antevisão; Conquista de Resultados e Comunicação.

Entre estas competências, há mais alguns conceitos vagos como “parcerias autênticas”, “implementação de visão”, “esforço e energia para atingir os objetivos” e “honestidade e ética com todos os públicos; autocontrole e credibilidade”.

De acordo com o site do IEE:

Uma vez por ano, é realizado o Fórum da Liberdade, maior evento de debates políticos e econômicos da América Latina, que já trouxe a Porto Alegre expoentes internacionais da cultura, economia e política, para debater desafios do momento histórico presente. (PORTAL DO ASSOCIADO, SEM DATA).

Infelizmente, não foi possível encontrar fontes que confirmassem que o Fórum da Liberdade seria o maior evento de debates políticos e econômicos da América Latina, apenas de que seria o maior de discussão de ideias segundo a Forbes, como referido em seu próprio site. Na realidade, ao que podemos reconhecer do evento, não aparenta ser maior do que grande parte dos eventos acadêmicos da área da política, economia ou sociologia econômica, apesar de o fórum conter grandes nomes do liberalismo e neoliberalismo brasileiro, além de grandes empresários. Nos últimos anos, por exemplo, passaram pelo Fórum, Sérgio Moro (Ex ministro da justiça de Bolsonaro), o bilionário Jorge Paulo Lemann, e Eduardo Leite em 2019 (FÓRUM DA LIBERDADE, 2020), onde o governador discutiu na abertura do evento as reformas liberalizantes previstas para o estado, incluindo a privatização da CEEE, a qual se efetivou em 2021. No evento afirmou:

Precisamos fazer reformas que ataquem as causas estruturantes do RS. O Estado tem de se abrir, ter a capacidade de questionar o seu papel para saber onde deve estar presente e onde não deve estar (ESTADO-RS, 2019).

No mesmo evento, a primeira presidente do IEE, Giovana Stefani, afirmou: "A sociedade é o conjunto dos indivíduos, e a força de mudar as instituições depende de cada um" (ESTADO-RS, 2019). Este é mais um instituto e fórum com clara agenda política, na qual considerar desvinculá-lo da esfera política partidária seria inviável, de igual forma que o IL. Inclusive, lembramos que a história do governador com o Fórum da Liberdade vem de longa data, desde quando tinha 19 anos (2004) e, como o próprio relembra, foi na edição com FHC (FOLHA(a), 2020), mais um político que, predominantemente, seguiu a cartilha neoliberal no Brasil (SALLUM JR, 1999).

O site oficial do think tank IEE, também consta com uma aba de sugestões de

literatura, sendo eles: Fatos e falácias da economia de Thomas Sowell; Economia numa única lição de Henry Hazlitt; As seis lições de Ludwig Von Mises e A revolução dos bichos de George Orwell.

Finalizando as informações que traremos a respeito do IEE, trago a imagem dos investidores do instituto:

Figura 1 - Investidores IEE

Investidores



Apoiadores



Fonte: Portal do associado (SEM DATA)

Percebemos que os Think Tanks gaúchos têm uma abordagem muito semelhante ao governo do estado no que diz respeito à tentativa de se desvincularem da noção do “político” da “politização”, e a conexão com uma noção de liberdade natural ligada à esfera econômica dos seres humanos, uma liberdade que não pode ser desvincilhada e inerente/inevitável. No próximo capítulo, discutiremos a relação da análise das lives com a análise dos sites dos Think Tanks gaúchos e entraremos mais a fundo na discussão.

7. TE CUIDA, RS - ANÁLISE DAS LIVES DO GOVERNO DO ESTADO

Na introdução, foram delimitadas as etapas metodológicas, e após a nossa discussão teórica e análise dos Think Tanks, passamos então para a análise do conteúdo mais denso de nossa pesquisa, a análise das Lives de Eduardo Leite.

A primeira live analisada, pertencente ao primeiro momento crítico²⁷ considerado para esta pesquisa, foi a live do dia 16 de março de 2020, ainda na semana do primeiro caso confirmado no RS. A live contava com o governador Eduardo Leite, assim como grande parte da equipe e secretários do governo. Nesta live, o governador apresentou a preocupação do estado com a pandemia, assim como o anúncio da criação do Centro de operações de emergência, o qual já existia desde janeiro, porém foi reafirmado pelo governador o convite para a visita ao site do centro.

Logo no 3º minuto do vídeo, o governador afirma que “não há motivo para pânico” e continua:

Não há uma expectativa, de que se contenha, de não termos o vírus sendo disseminado, a questão é *disseminar*, este contágio, no *limite da capacidade da nossa infraestrutura de saúde*, pra atender aqueles casos mais graves. (LEITE, 2020a).

O grifo nosso vem para mostrar como, desde o princípio da pandemia no estado do RS, o governo do estado agiu de forma semelhante à descrita por Lazzarato²⁸ no modelo *Just In time*, diferentemente de outros países e localidades as quais decidiram por barrar o contágio do coronavírus, para zerar a contaminação e retomar as atividades. A disseminação não apareceu como um problema neste primeiro momento, pelo contrário, ela foi prevista no limite da “capacidade da nossa infraestrutura”.

Leite continua:

E para que justamente não haja uma disseminação em massa, e que faça com que os casos graves também cresçam, e consequentemente nosso

²⁷ De agora em diante na pesquisa, todas as referências a momento crítico estão de acordo com o conceito utilizado por Boltanski e Thevenot (1999), ou seja, momentos críticos de acordo com a nossa classificação de acordo com a nossa metodologia.

²⁸ Bogado (2020).

sistema de saúde se veja incapaz de atender, nós estamos passando aí, a esta nova etapa[...]. (LEITE, 2020a).

Ou seja, uma atuação do governo do estado, e um sistema de saúde que funcione com “zero camas desocupadas”, o pânico não precisa existir porque os casos graves não vão exceder o número de camas, porém, para compreendermos ao que Eduardo Leite se refere, precisamos entender, o que significam os casos graves de Covid-19. De acordo com o site da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) do Ministério da Saúde, casos graves incluem:

- febre alta;
 - aumento dos batimentos cardíacos (taquicardia);
 - dor no peito;
 - cansaço;
 - falta de ar;
 - pneumonia;
 - insuficiência respiratória aguda;
 - insuficiência renal.
- (BVS, Sem data).

Os sintomas graves ainda incluem:

Considera-se a Síndrome Respiratória Aguda Grave (Síndrome Gripal que apresente dispneia/desconforto respiratório ou pressão persistente no tórax ou saturação de oxigênio menor que 95% em ar ambiente ou coloração azulada de lábios ou rosto). Para crianças, os principais sintomas incluem taquipneia (maior ou igual a 70 rpm para menores de 1 ano e maior ou igual a 50 rpm para crianças maiores que 1 ano), hipoxemia, desconforto respiratório, alteração da consciência, desidratação, dificuldade para se alimentar, lesão miocárdica, elevação de enzimas hepáticas, disfunção da coagulação, rabdomiólise, cianose central ou SpO2 <90-92% em repouso e ar ambiente, letargia, convulsões, dificuldade de alimentação/recusa alimentar. (Coronavírus-MS, sem data).

Ou seja, os casos graves incluem diversas complicações que podem levar os pacientes à morte, sequelas, e/ou um processo extremamente violento e cansativo de cuidados intensivos, sem tempo previamente estipulado, e que depende da debilidade de cada indivíduo²⁹.

²⁹De acordo com uma reportagem da Veja Saúde (2020), após a possibilidade do paciente sair da UTI, o processo de recuperação conta com um: “Batalhão de profissionais de saúde que vão ajudar a pessoa a restaurar seu antigo desempenho. Fisioterapeutas, fonoaudiólogos, professores de educação física, nutricionistas e terapeutas ocupacionais[...] Para ter ideia da importância desse período de recuperação pós-UTI, os pacientes frequentemente não conseguem mais respirar sozinhos ou tossir adequadamente. [...] A deglutição de alimentos é outro ponto que merece atenção.

Claro, isto levando em consideração um caso em que as sequelas não sejam sérias a ponto de comprometer a recuperação do paciente, até porque segundo um estudo conduzido pela USP tem resultados que

Indicam que 30% ainda possuem alterações pulmonares importantes. Além disso, parte também relata sintomas cardiológicos e emocionais ou cognitivos, como perda de memória, insônia, concentração prejudicada, ansiedade e depressão.” (EXAME, 2021)

Além disto, a Covid-19 em estado grave pode acarretar em outros problemas já que, de acordo com a Fiocruz:

Casos graves de Covid-19 estão associados a um processo de envelhecimento do sistema imunológico e imunodeficiência aguda. [...] A queda na imunidade deixa os indivíduos mais vulneráveis para contrair outras infecções, como as pneumonias bacterianas, que são comuns em pacientes hospitalizados por Covid-19. (FIOCRUZ, 2021).

Definido o que podem ser considerados casos graves e suas consequências na saúde pública, retornemos a live. Eduardo Leite, afirma também que as aulas na rede pública do estado seriam suspensas, procurando reduzir a propagação do vírus, assim como as viagens e os eventos do governo do estado. Eduardo Leite também recomenda que a rede privada de educação tome a mesma decisão da suspensão das aulas, porém, não define como uma obrigação e reafirma:

Insisto, não é motivo de pânico, é uma demonstração para que as pessoas redobrem seus cuidados, para que nós possamos diminuir a velocidade da disseminação do vírus, e assim, não tenhamos os casos complexos dentro da capacidade do atendimento da nossa rede. (LEITE, 2020a).

Parece ambígua a posição do governador, levando em consideração o que podemos perceber serem os casos graves de Covid-19 e suas próprias decisões, o estado procura reduzir a propagação, mas ao mesmo tempo não acabar com a pandemia, sugerindo que isto não seria motivo de pânico, mesmo com os perigos da infecção ao vírus. Concomitantemente, o governo do estado cancela suas aulas

Os fonoaudiólogos precisam garantir que o sujeito consegue mastigar e engolir alimentos sem aspirar parte da comida para os pulmões, o que traria repercussões sérias. [...]O sistema locomotor não fica de fora dessa operação resgate: as sessões de fisioterapia devolvem aos poucos a força, o equilíbrio e a firmeza para que o indivíduo consiga caminhar, erguer os braços e pegar objetos com as mãos”(VEJA SAÚDE, 2020).

presenciais, mas apenas sugere a iniciativa privada que o faça, uma decisão que deveria vir do poder público, aparece como uma possibilidade, uma liberdade da iniciativa privada.

Eduardo Leite reafirma na sequência que a exposição e circulação do vírus irá acontecer no estado, o governador nem chega a considerar que isto seria inevitável³⁰, ele apenas afirma que irá acontecer:

Não é sobre esperarmos não termos casos de coronavírus no Rio Grande do Sul, este vírus vai atingir a população, vai ter uma disseminação, o importante é que aconteça numa velocidade capaz de ser atendidos nos nossos hospitais. (LEITE, 2020a).

Eduardo Leite recomenda que os eventos de mais de 100 pessoas sejam cancelados no estado. Ele frisa que é uma recomendação.

Em seguida, o governador anuncia as políticas em relação aos servidores públicos. Leite afirma que aqueles que apresentarem sintomas ou estiverem voltando de viagem serão encaminhados ao “tele-trabalho”, porém, apenas aqueles que tiverem mais de 60 anos, servidoras grávidas (as quais ele enfatiza que não são grupo de risco porém são importantes por serem “gestantes” pelas suas “crianças”) e também os servidores com doenças crônicas. Servidores da segurança, da saúde e “de órgãos que o estado tem a tutela, o cuidado, com pessoas como a fundação de proteção especial, como a FASE...” (LEITE, 2020a) não estão inclusos.

Aparentemente, a triagem e o isolamento dos servidores, não foi efetuado de maneira correta, eram afastados apenas aqueles considerados de maior risco.³¹

Eduardo Leite afirma que nos próximos dias aconteceriam reuniões com a iniciativa privada e com federações para “trabalharmos encaminhamentos” referentes a jornadas, transportes coletivos e a circulação de pessoas. Leite também

³⁰ Apesar da propagação do vírus ser praticamente inevitável, como discutimos anteriormente, houve casos de países e localidades que conseguiram, por meio de fechamento, testagem e lockdown, zerar a transmissão do coronavírus, inclusive por longos períodos, como China, Austrália e Vietnam.

³¹ Apesar de Eduardo Leite não falar nada a respeito de máscaras e EPI's, estas foram apenas recomendadas pela OMS no início de abril para grupos de risco, suspeitos/infectados e profissionais da saúde (GZH, 2020). Em 5 de junho elas passaram a ser recomendadas a todos, e definiram a importância da N-95 (SUPER INTERESSANTE, 2020). Apesar da demora da OMS, o Ministério da saúde já recomendava desde 02/04/2020 o uso de máscara por todos (ACM, 2020), além disto, a China e grande parte dos países da Ásia, incluindo Coreia do Sul, Japão e Taiwan utilizavam as máscaras desde o começo da pandemia, assim como os cientistas chineses recomendaram a sua utilização pelo resto do mundo (PODER360, 2020).

afirma que o governo enviará à assembleia legislativa do RS, um projeto de lei para a contratação emergencial de servidores na área da saúde.

O governador afirma mais uma vez que não há motivo para “correrias” e que o governo do estado está mantendo a normalidade, apenas reduzindo a exposição das pessoas. Eduardo Leite recomenda a “etiqueta respiratória”, que seria espirrar e tossir em lenços ou braços, lavar as mãos e não levar as mãos às mucosas, o que até então era o recomendado pela OMS. Leite também ressalta a importância de diminuir o contato físico humano como de abraços e cumprimentos de mão, o que também era uma recomendação vigente no momento.

Adentrando o final da live, Leite afirma novamente “neste período, vamos manter hábitos que permitam não haver *disseminação do vírus além da capacidade do nosso sistema de saúde*” (EDUARDO LEITE, 2020a). Após o governador recomenda ambientes ventilados, evitar aglomerações e se estiver com sintomas ficar em casa. Por fim, Eduardo convida o povo gaúcho a seguir estas recomendações.

A segunda live selecionada do dia 03/04/2020, ainda no primeiro momento crítico, já começa com o informe de que houve 365 casos confirmados no RS e 5 mortes pelo coronavírus. A situação já estava se agravando em comparação a primeira live analisada. Eduardo começa a live anunciando a implementação de diversos leitos em diferentes cidades tendo em vista a necessidade do aumento da capacidade hospitalar, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre e norte/nordeste do estado.

O governador também afirma que os empresários incluídos na modalidade Simples, que a cota para pagamento referente aos impostos nacionais, serão prorrogadas nos próximos 3 meses. Leite afirma que a decisão atenderá mais de 200 mil empreendedores optantes do simples, e que esta decisão foi um pedido do governo do estado para o conselho gestor do simples nacional para mitigar os efeitos negativos da pandemia.

Após Leite afirma que conversará na live com a então secretária de planejamento Leany Lemos, e com o então reitor da UFPel e epidemiologista Pedro Hallal. O governador afirma que estas conversas são importantes devido a uma discussão a respeito da criação dos comitês de enfrentamento do coronavírus,

sendo alguns deles o científico, o de abastecimento e logística, o de economia (para ouvir economistas e entidades empresariais) e o comitê de análise de dados, buscando parcerias e criando uma pesquisa “altamente inovadora e inédita no mundo”, a pesquisa de prevalência do coronavírus no estado do RS.

A conversa começa com a Secretária. Leany falando a respeito da importância da ciência, e como o governador vem tratando com seriedade este assunto. Após, ela afirma a importância dos comitês, para todas as áreas impactadas, mas que claro a saúde e a economia são as mais atingidas. A secretária afirma a importância de se trabalhar com os cientistas do Rio Grande do Sul, para projetar como o coronavírus irá se desenvolver no estado ao mesmo tempo que se busca analisar como outros lugares do mundo estão lidando e trabalhando com a pandemia. Após, a secretária fala do grupo que é coordenado pelo Ex-reitor Pedro Hallal e a pesquisa amostral do coronavírus no RS, sua incidência e sua evolução. A secretária afirma como é importante o protagonismo do estado do RS no âmbito nacional e comenta a repercussão da pesquisa no âmbito internacional.

Enquanto Pedro Hallal não começa sua fala, a live informa que a pesquisa tem patrocínios da Unimed, Instituto Cultural Floresta (ICF) e Instituto Serrapilheira³². O então reitor da UFPel, começa após a afirmação do governador de que a universidade de Pelotas havia recebido testes para a pesquisa. Pedro Hallal explica que a pesquisa é de extrema importância e praticamente inédita naquele momento no mundo, pois seria uma pesquisa em tempo real, “como se fosse uma pesquisa eleitoral sequencial”, afirmou o epidemiologista. Isto quer dizer que a partir de um recorte de pessoas separadas por tipos específicos, é possível traçar uma estimativa de grupos maiores de pessoas semelhantes às entrevistadas.

Com esta pesquisa concluída, seria possível contabilizar os casos da

³² Unimed: Grupo de cooperativas médicas que atua, principalmente, na venda de planos de saúde. ICF: De acordo com seu site, são “instituição sem fins lucrativos que acredita que todos os cidadãos têm capacidade e o dever de contribuir para tornar o Rio Grande do Sul um ambiente seguro através da segurança e da educação”, também na área quem somos do site, afirmam que o fim almejado pela instituição é o de garantir um RS mais seguro e educado, incluindo uma polícia melhor equipada. (ICF, 2021)

Instituto Serrapilheira: “Primeira instituição privada, sem fins lucrativos, de fomento à ciência no Brasil, foi criado para valorizar o conhecimento científico e aumentar sua visibilidade. No intuito de fomentar uma cultura de ciência no país, atuamos em duas frentes: Ciência e Divulgação Científica.”(INSTITUTO SERRAPILHEIRA, Sem data).

Covid-19 no RS, o número de sintomáticos e assintomáticos e ainda fazer recortes de gênero, etnia e escolaridade a partir dos dados coletados. Pedro Hallal faz uma fala que dá importância ao trabalho do epidemiologista que vai a campo e através da ciência consegue ajudar a comunidade. O epidemiologista dá ênfase na necessidade de contar os casos de Coronavírus, e com isto poder entender quantos casos não são diagnosticados para cada diagnóstico. A pesquisa também é essencial para se compreender a velocidade do avanço da pandemia no estado.

Ao fim da fala de Pedro Hallal, Leite afirma que acabou de assinar o convênio do governo do RS com a UFPel para a coordenação da pesquisa referida.

Finalizando a live, o governador reafirma a importância de compreender também a prevalência do coronavírus para além dos casos confirmados em internações, e assim, compreendendo a evolução no caso do quadro do RS, seria possível destinar recursos e remanejar os leitos de acordo com a necessidade em todo estado. Assim, o governador finaliza a live.

A pesquisa referida é a EPICOID19 RS, e foi uma pesquisa inédita se tratando da pandemia da Covid-19 no país. O estudo foi vanguardista ao utilizar várias fases numa mesma população. Após o sucesso no estado do RS, o estudo foi expandido para todo Brasil, recebendo mais apoio e divulgação, inclusive do ministério da saúde, que posteriormente decidiu por encerrar por meio de uma decisão do então ministro da saúde Pazuello em julho de 2020, sem aviso prévio aos pesquisadores. Tal fato, resultou inclusive no convite para Pedro Hallal depor na CPI da pandemia no senado federal³³, em busca de possíveis explicações para o cancelamento de uma pesquisa tão essencial para o entendimento da Covid-19 no Brasil.

Segundo artigo publicado pela equipe da Epicovid-RS, o estudo no Rio Grande do Sul teve algumas particularidades. As diferenças de gênero e de cor foram pouco expressivas:

There were no differences according to gender (0.54% in male and 0.61% in female participants; $P = .35$) or skin color (prevalence ranged from 0.55% to 0.68%; $P = .65$). (HALLAL et al., 2021)³⁴

³³ Em sessão no dia 24/06/2021.

³⁴ “Não houve diferenças de acordo com gênero (0.54% no masculino e 0.61% nas participações femininas; $P = .35$) ou por cor de pele (prevalência medida entre 0.55% e 0.68%; $P = .65$).” Tradução

Apesar disto, os epidemiologistas informam no artigo que:

Although we did not find an association between seroprevalence and skin color, the EPICOVID-19 study in Brazil reported a 5-fold higher risk among Indigenous compared with White individuals, with intermediate levels of risk for Black and Brown participants. Systematic reviews have confirmed the association between ethnicity and COVID-19 infections, hospital admissions, and mortality. In Brazil, Black and Brown participants were more likely to present severe episodes. The lack of association reported in our study is likely attributable to the fact that there were very few Indigenous participants in the sample and there was low prevalence of infection in the State up to September 2020, resulting in lack of statistical power to find differences. (HALLAL, et al. 2021)³⁵

Ou seja, a equipe responsável pelo EPICOVID-19, já sabia que apesar de os números não terem representado tão bem neste recorte, a situação era de que provavelmente os mais pobres e os não brancos fossem os mais atingidos, o artigo inclusive cita outros estudos que demonstraram o maior risco dos mais pobres no Brasil e no mundo, o que por via de regra, também deveria ser o caso no Rio Grande do Sul (HALLAL et.al, 2021).

Outra informação importante do artigo é a de que o programa de distanciamento controlado, o programa de mapeamento por bandeiras do estado, que agiu positivamente na redução da propagação do coronavírus no começo da pandemia, porém, após os primeiros meses o modelo se tornou “reativo” ao invés de seu planejamento original de ser “proativo”, ou seja, agir antes da propagação demasiada do vírus. Outros fatores que foram listados como importantes para o crescimento da propagação do coronavírus são (na ordem proposta no artigo): A sensação de segurança gerada pelos primeiros meses de pandemia; A pressão dos empresários e do governo federal para reabrir a economia; As doações para a pesquisa ficaram mais difíceis de serem encontradas; O governo passou a liberar a

nossa.

³⁵ “Apesar de nós não acharmos relação entre a soroprevalência e a cor de pele, o estudo EPICOVID-19 no Brasil encontrou um risco 5 vezes maior entre os indígenas quando comparado aos indivíduos brancos, com níveis intermediários de risco para participantes pretos e pardos. Estudos sistemáticos já confirmaram a associação entre etnicidade e a infecção da COVID-19, internações hospitalares e a mortalidade. No Brasil, participantes pretos e pardos estavam mais suscetíveis a apresentarem casos severos. A falta de associação apresentada em nosso estudo é provavelmente atribuída ao fato de que houve poucos infinitas participantes na amostra e houve baixa prevalência de infecções no estado a partir de setembro de 2020, resultando em uma falta de poder estatístico para encontrar as diferenças.” Tradução nossa.

apelação das cidades contra as cores determinadas pelo modelo para a sua região e por fim as eleições em novembro. Estes fatores levaram a quase todos os pontos positivos encontrados no começo da pesquisa referentes a uma baixa transmissão de COVID-19, serem revertidos nos próximos meses (HALLAL et al., 2021).

O artigo também afirma que, apesar de o programa ter ajudado, com o tempo a situação nas cidades gaúchas foi ficando cada vez mais crítico, da mesma forma que as cores designadas as regiões também iam ficando mais escuras. Apesar disto, o programa deixou de surtir tanto efeito. Inclusive, o artigo informa que até setembro de 2020, o RS conseguiu manter uma boa média quando comparado ao resto do Brasil, porém, a partir deste ponto, já não se poderia dizer o mesmo. De igual maneira, em janeiro de 2021, o RS já tinha números piores do que a média nacional (HALLAL et al, 2021). Por isso, “Determining cause and effect in the association between SARS-CoV-2 and the Controlled Distancing Model is challenging.”³⁶ (HALLAL et al., 2021).

Trazendo o caso do EPICOID-19 brasileiro, encontramos entrevistas com Hallal em que se debateram as diferenças da COVID-19 por etnias e por renda. Segundo artigo publicado na Folha com dados da Epicovid-BR:

Como têm indicado outros estudos, os mais pobres são mais atingidos pela epidemia. No quinto mais pobre da população (os 20% com menor renda), a taxa de infecção era de 4,1% na terceira etapa da pesquisa; entre o quinto mais rico, de 1,8%. A diferença da taxa de contaminação entre mais pobres e mais ricos aumentou entre maio e junho: da primeira para a terceira fase do estudo, passou de 1,1 ponto percentual para 2,3 pontos.

Segundo os dados da Epicovid, a prevalência do vírus é maior entre os que se declararam indígenas: 5,4%, o quádruplo da taxa de infecção de brancos (1,1%) e mais que o dobro dos que se dizem pretos (2,5%). (FOLHA, 2020 (b))

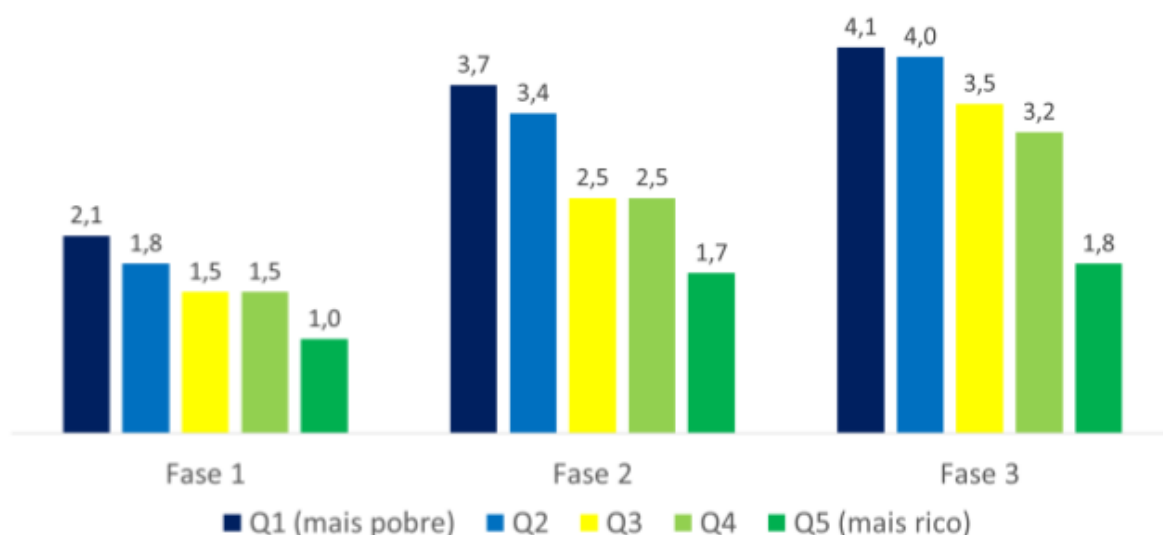
Em dados divulgados pela Universidade Federal de Pelotas após a terceira fase do estudo nacional, podemos visualizar o abismo entre os infectados mais pobres e os mais ricos, assim como entre os indígenas e os brancos:

Em relação ao nível socioeconômico, nas três fases da pesquisa, houve uma tendência linear de maior proporção da população com anticorpos

³⁶ Determinar causa e efeito na associação entre SARS-CoV-2 e o modelo de distanciamento controlado é desafiador”. Tradução nossa.

conforme diminui o nível socioeconômico. Além disso, a diferença entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos aumentou de 1,1 ponto percentual na primeira fase, para 2,0 pontos percentuais na segunda fase e 2,3 pontos percentuais na terceira fase. (UFPEL, 2020)

Gráfico 2 - Infectados por classe UFPel



Fonte: UFPel, (2020).

O documento prossegue:

Em relação à cor da pele autorrelatada, houve maior proporção com anticorpos entre as populações indígenas em comparação aos demais grupos étnicos. A população que se autodeclarou branca foi a que apresentou menor proporção de exposição ao vírus. Ressalte-se que o estudo não incluiu populações aldeadas. (UFPEL, 2020)

Gráfico 3 - Infectados por grupos Étnicos UFPel

Cor da pele	Testados	Positivos
Branca	32.383	372 (1,1%)
Parda	40.088	1237 (3,1%)
Preta	11.304	282 (2,5%)
Amarela	2.446	52 (2,1%)
Indígena *	1.219	66 (5,4%)

Vamos então à live que Eduardo Leite lançou o programa do distanciamento controlado, no dia 09/05/2020 e dava início ao segundo momento crítico. Nesta live estiveram presentes mais uma vez grande parte da equipe técnica do governo do estado, incluindo novamente a secretária de planejamento Leany Lemos, a secretária de saúde Arita Bergman, o procurador geral do estado Eduardo Costa e Pedro Tonon Zuanazzi, diretor do Departamento de Economia e Estatística, órgão que foi criado a partir da antiga Fundação de Economia e Estatística - FEE.

A live conta com um material bruto de quase duas horas, as quais contém uma apresentação breve da situação da pandemia naquele momento, uma explicação quanto a necessidade de um modelo de distanciamento, o lançamento do site³⁷ onde seria possível observar todo mapeamento do RS, o qual seria atualizado constantemente e com a troca de bandeiras semanalmente nos sábados e por fim uma breve coletiva de imprensa para responder eventuais dúvidas.

O que podemos perceber a partir das falas do governador e de sua equipe é que o modelo de distanciamento controlado, utilizando bandeiras para a diferenciação de regiões e consequentemente suas políticas de enfrentamento da pandemia, tentou unir a necessidade de frear o avanço da pandemia com uma redução nos eventuais déficits econômicos causados por uma crise. Logo no começo da live, Leite informa que esteve discutindo com a BRF³⁸ e a JBS³⁹ para decidir maneiras de reabrir os frigoríficos das duas multinacionais do alimento. O interessante é que, em todas as perguntas que se referiam a indústria e a grandes empresas, sempre se falava sobre a necessidade da continuidade da economia e a necessidade de não se correr o risco da perda de empregos.

É claro que Leite, enquanto governador e atrelado às alternativas que lhe cabem parte no referido cargo, não poderia garantir e atuar de uma maneira mais livre como o governo federal, porém, ao que aparenta, oferecer um suporte aos trabalhadores em que pudessem impedir que os mesmos fossem tão expostos, nem

³⁷ saude.rs.gov.br/coronavirus e covid.saude.rs.gov.br.

³⁸ BRF- Um dos maiores complexos agro industriais do mundo, oriundo da fusão da Perdigão com a Sadia (BRF, 2020)

³⁹ JBS - Multinacional brasileira de indústria de alimentos (JBS, 2021).

era uma alternativa ou uma vontade do governo do estado, ao contrário, o governador fala na live que encontrou com o ministro da saúde, Nelson Teich, e com o presidente Bolsonaro e que os mesmos discutiram sobre a efetividade do distanciamento controlado, ou seja, não foi solicitado, pelo menos de acordo com as informações presentes em sua fala, um suporte maior do governo federal que garantisse um funcionamento mais escasso da economia e uma maior segurança a toda população.

No caso dos frigoríficos, Leite ainda afirma que o fechamento destes envolveria no sacrifício de animais devido a uma questão sanitária, as aves seriam inclusive enterradas vivas. É interessante pensar que o desperdício e o bem-estar animal aparecem como um problema no momento em que o frigorífico é fechado, porém, de acordo com o site do Governo do Estado, apenas 462 cestas básicas para populações de baixa renda e vulneráveis e 11 mil para indígenas, quilombolas, comunidades LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais) e povos de terreiro foram doadas pelo governo do RS (ESTADO-RS, 2020).

Entretanto, segundo estudo da própria DEE, o Departamento de Economia e Estatística, instituição ligada à Secretaria de Planejamento e Gestão do governo do Rio Grande do Sul, de janeiro de 2021, “947.112 gaúchos estavam vivendo na definição nacional da extrema pobreza” (DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2021). É claro que estes números dizem também respeito a uma realidade nacional, porém, onde esteve a preocupação real com os trabalhadores e as classes baixas por parte do governo do estado durante a pandemia? As alegações foram sempre da necessidade de não parar a economia para não se perder empregos, porém, o que percebemos foi o contrário, a economia retraindo, empregos sendo perdidos, poder de compra baixando e a pobreza aumentando. Ao mesmo tempo, ao que percebemos nas falas das lives, o governo do estado até este momento estava alinhado com o governo federal, e não havia planos mais eficazes para se amparar os mais necessitados.

A professora do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da UFRGS Gabriela Coelho de Souza explica inclusive que em relação a fome no RS, a situação já é agravada:

Quando falamos em fome, falamos também no produtor que hoje está voltando a passar fome. Quando pensamos na fome e na segurança nutricional, pensamos na agricultura, na educação, onde o governo tem responsabilidade de prover alimentos, na saúde e na assistência social. Essas quatro grandes pastas governamentais, seja do município, do estado, ou do governo federal, estão envolvidas com a questão da fome. O senso comum pensa na fome somente nas grandes cidades e nas pessoas que estão na sinaleira, talvez elas sejam um indicador, mas temos um cenário muito mais amplo quando se pensa na fome (SUL21, 2021).

É interessante perceber que ao longo de toda live, Leite e sua equipe prezam e ratificaram a necessidade do controle das mortes, o cuidado com as vidas e a importância de cuidados especiais para evitar o colapso do sistema de saúde estadual, entretanto, é interessante perceber como o risco é sempre afirmado como um risco necessário para evitar a crise econômica aparente.

Leite afirma em determinado momento da live que:

Não é uma opção aqui entre, libera tudo para ter a economia crescendo, porque se liberar tudo e perdemos o controle da situação e houver um número grande de pessoas contaminadas e mortes, a pressão por fechar vai ser grande, e aí vamos fechar sem ter perspectiva, perdendo o controle da situação, e isso é ruim pra todo mundo. Porque as vidas já vão ter sido perdidas e são irrecuperáveis, e de outro lado a economia também vai se perder. (LEITE, 2020b).

Porém, pouco tempo antes em outra pergunta, Leite foi enfático ao definir que o lockdown estaria fora do planejamento do governo do estado, exceto em uma emergência. Segundo o governador, a bandeira preta seria um momento de alta restrição econômica e do comércio, porém não era planejado pelo governo ter que fechar tudo e acabar com a transmissão do vírus. O governador afirma: “Mais meses para pensar... A gente vai ficar com tudo fechado em todo lugar o tempo todo? Não dá, não é possível, a gente tem que ter um modelo mais racional”. Apesar de esta situação referida assustar e poder parecer inviável, o que se observou em lugares que efetuaram o lockdown foi um fechamento necessário e temporário para barrar a disseminação do vírus. Após conseguir se efetivar o término da disseminação ou parte dela, a economia voltava a funcionar de maneira cuidadosa.

Outros modelos que foram utilizados nos locais onde houve casos de sucesso ao coronavírus, foram os modelos de testagem em massa, para separar e “quarentenar” os confirmados, assunto que até então não apareceu nas lives do

governador. Outro ponto importante é o de que os decretos não foram tão incisivos no controle da pandemia, já que muitos protocolos do distanciamento sugerido pelo programa eram brandos ou de fácil “quebra”, inclusive Leite informa que a partir da data da referida live, toda pessoa em local público seria obrigada a estar utilizando máscara, o que gera duas questões para problematização, a primeira é a de que muitas pessoas não tinham máscaras e também teriam que arcar com este gasto para sua proteção em um momento de crise e pouco poder aquisitivo. De acordo com o site do governo do estado, 51 mil máscaras foram doadas para comunidades indígenas (sem data para referência) e os adolescentes internados na FASE estariam produzindo máscaras para eles próprios e suas famílias (ESTADO-RS, 2020), um planejamento ínfimo para as necessidades do RS.

A segunda questão é a de que o próprio governador afirma que seria difícil garantir que o decreto estaria sendo cumprido e que a população estaria utilizando a máscara em locais públicos (uma decisão tomada um mês e uma semana após a recomendação do ministério da saúde para o uso de máscaras), ao mesmo tempo, Leite não oferece nenhuma alternativa, não aciona os órgãos de segurança pública e sanitária, e não cria maneiras de uma fiscalização efetiva, apenas pede para que a própria população fiscalize e que tome conta do problema, assim como a população fiscaliza os “fumantes em locais públicos”. Aí está um problema central de nossa discussão, a responsabilidade recai sobre a população recorrentemente nas falas do governador, apesar de que, nem mesmo se considerássemos o caso do tabagismo isto seria uma realidade. O governo federal tem programas e atuações pesadas contra o tabagismo desde 1989, no qual se incluem fatores que ajudam a diminuir o consumo do tabaco em locais públicos, neles constam:

Redução da aceitação social do tabagismo; Redução dos estímulos para a iniciação; Redução do acesso aos produtos derivados do tabaco; Proteção contra os riscos do tabagismo passivo; Redução das barreiras sociais que dificultam a cessação de fumar; [...]. (CAVALCANTE, 2005).

Todos estes fatores favorecem com que, quando se estiver em locais públicos, se estranhe pessoas sendo obrigadas a fumar passivamente (ou seja, o ato de inalar fumaça sem estar fumando). Tal processo levou anos de reeducação por meio de diversos meios, o que não funcionou apenas com um pedido à

população sem meios materiais para se educar e se proteger.

Outro ponto importante de debatermos é a questão do conhecimento “técnico”, “científico” e “racional” apresentado por Leite. Recorrentemente estes conceitos são trazidos na bibliografia neoliberal (GROS, 2010), e também nas lives para se justificar o combate a propagação do vírus da pandemia da COVID-19, entretanto, pouco se apresenta referente às equipes técnicas/científicas e universitárias com exceção da equipe de epidemiologia. Apesar do planejamento de distanciamento controlado ter funcionado efetivamente na redução dos níveis de propagação da COVID-19, não houve planejamentos suficientemente capazes de suprir outras demandas sociais como as explicadas acima, tais como a fome, a necessidade da compra de insumos e de EPI’S, o desemprego, e estes assuntos nem foram divulgados e discutidos da mesma maneira nas redes sociais do governo do estado do RS.

Até o momento analisado das lives (maio/2020), o governo do estado tinha um comprometimento com a economia e com as vidas, segundo as próprias palavras do governador, porém pouco se discutiu a respeito do que de fato significa um comprometimento com a economia e com os empregos, pouco se discutiu a respeito da fome, pouco se discutiu a questão da vulnerabilidade das comunidades indígenas, pelo contrário, ao que parece, o compromisso do governo do estado foi firmado com o grande empresariado, o qual já apareceu nas lives, e não com toda cadeia produtiva, incluindo os empregados e trabalhadores.

Retifico que, estes comentários não se referem a questão epidemiológica do programa, as quais estavam ali postas, a pedido do governo do estado para seguir uma agenda específica, comento e investigamos aqui exatamente qual seria esta agenda e o porquê desta atuação. Por que até maio de 2020 o governo do estado parecia alinhado com o governo federal, no sentido de não optar por pressioná-lo por maiores atuações frente à pandemia que pudessem garantir um isolamento com segurança?

Passamos para a quarta live, a referida do dia 08/12/2020 e que da início ao terceiro momento crítico. A live começa com o anúncio da reunião entre o fórum dos governadores e o então ministro da saúde (Eduardo Pazuello). Leite, acompanhado da Secretária de Saúde Arita Bergmann, com menos de um minuto da live, não

mede palavras para elogiar a parceria com o governo federal no combate à pandemia:

É importante deixar claro aqui antes de mais nada, eu fiz esse registro na reunião e faço novamente aqui publicamente: Não faltou nenhum apoio por parte do Ministério da Saúde para o governo do estado do Rio Grande do Sul como também para os outros estados. Houve apoio, houve a disponibilização de recursos, habilitação de leitos, houve disponibilização de equipamentos e insumos, testes e essa parceria com o ministério da saúde, sempre funcionou muito bem para nós atendermos às necessidades da nossa população. Houve evidentemente como todos sabem divergência profunda de política de enfrentamento do coronavírus entre governos estaduais e o governo Federal no que diz respeito ao distanciamento social... Posicionamentos políticos diferentes, ideologias e ideias e entendimentos diferentes sobre o distanciamento, nós não vamos aqui polemizar, mas do ponto de vista de suporte técnico, de suporte de recurso e de suporte em materiais e equipamentos, a parceria com Ministério da Saúde tem sido efetiva e tem sido de bastante resultado em apoio ao estado, aos estados e também aos municípios. (LEITE, 2020d).

Mais uma vez, se evidencia o alinhamento em questão de agenda política do governo federal e estadual. Apesar de Leite afirmar haver "divergência profunda de política de enfrentamento", tudo que é possível observar até o momento de suas falas e do que sabemos do tratamento do governo estadual frente à pandemia, é um alinhamento de postura entre estas duas esferas governamentais. Notamos que, mais uma vez, o governador não falou em nenhuma vez quanto à necessidade de auxílios emergenciais, programas de redução da fome e demais amparos que deveriam aparecer para a "nossa população", como se refere o próprio governador. Ao contrário, para Leite, apesar de uma visão diferente quanto ao distanciamento controlado, "não faltou nenhum apoio por parte do ministério da saúde", uma visão um tanto contraditória, tendo em vista que o governador se referia a sua política como uma política de seguimento da saúde, de seguimento das pesquisas e que tinha lançado contribuído para o lançamento da EPICOID-19 junto às universidades no RS. Afinal, o que seria então o enfrentamento da Covid-19 para o governo do estado? Aparentemente a proteção das vidas não é o que entra nesta agenda, já que, as opiniões diferentes seriam apenas recurso para uma "polêmica", o que importa então, apenas a alocação de recursos para área da saúde independentemente do número de mortos e contaminados? Esta fala parece

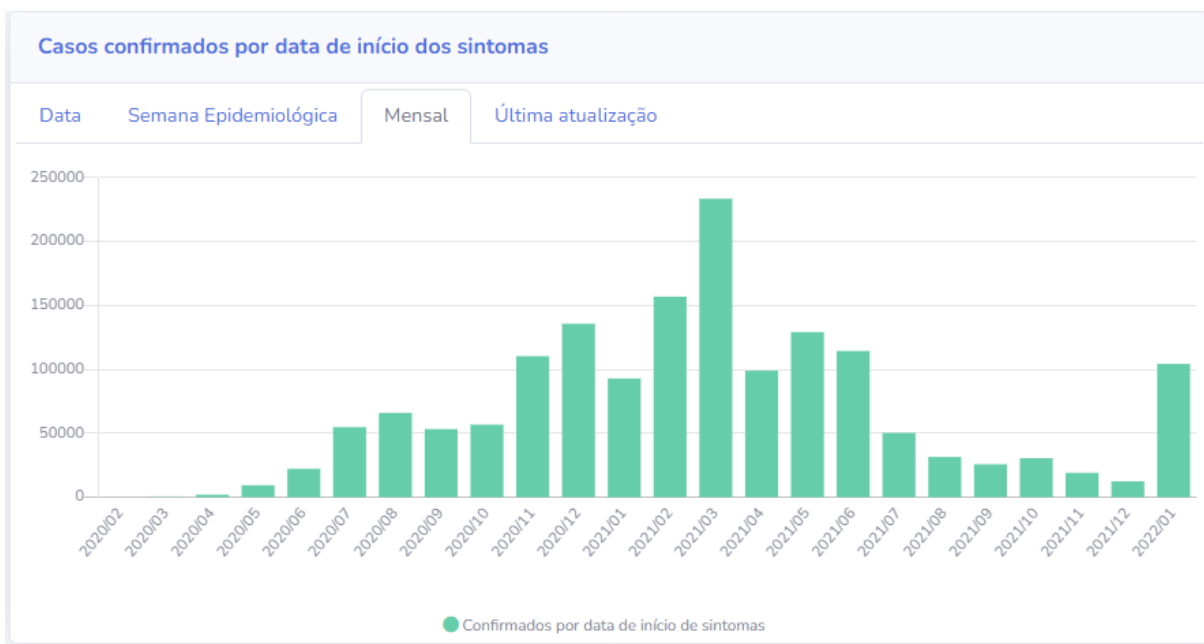
inclusive uma tentativa de minimizar a importância da própria iniciativa e pesquisas as quais Leite afirmava ter lançado para o RS. Diga-se de passagem, dia 02/12/2022, o governo do estado havia anunciado um alerta vermelho até o dia 14 do mesmo mês devido a um aumento no número de contaminações. Dezembro foi o pior mês de 2020, contando 135 mil casos e 2105 óbitos. Confira os gráficos abaixo para compreender a gravidade do mês referido e o que vinha pela frente no RS.

Gráfico 4 - Óbitos por mês



Fonte: Coronavírus - RS (2022).

Gráfico 5 - Casos confirmados por mês



Fonte: Coronavírus - RS (2022).

Podemos perceber que novembro de 2020 já era o ápice do número de casos confirmados no RS em 2020, e nem por isso, o governo estadual mudou o seu enfrentamento a pandemia e a relação com o governo federal. Também é importante salientar que dezembro de 2020 é o começo do pior período da pandemia no estado, culminando em um início de ano em 2021 que foi responsável nos 3 primeiros meses pela morte de mais de doze mil gaúchos, sendo mais de oito mil só no mês de março.

Mais a frente na live, Leite reafirma que vem conversando com Pazuello a algumas semanas sobre a vacinação, porém, mais uma vez sem citar qualquer tentativa de mudança de estratégia frente à pandemia.

Não houve em nenhum momento frustração daquilo que o ministério da saúde se comprometeu a fazer... de aportes de repasse de equipamentos para o governo do estado Rio Grande do Sul, e isso nos dá confiança de que, mais uma vez na questão da vacina, nós teremos esta política de imunização através do Plano Nacional de imunização. (LEITE, 2020d)

Fica evidente a confiança do governo do estado no governo federal e, mais do que isto, um alinhamento quanto a política de enfrentamento da pandemia, isto é recorrentemente lembrado durante a live, que a preferência de Leite está justamente na confiança que o mesmo tem no ministério da saúde, e que ele não

busca alternativas a vacinação que seja por fora do plano nacional de imunização, o que em nenhuma instância estaria incorreto, porém é importante pensarmos na conjuntura daquele momento, como estava o ministério da saúde e o que os demais estados vinham fazendo, neste caso, já havia mobilização por parte de diversos estados, para planos B de vacinação, o que Leite até afirma ser uma opção para o RS caso o desfecho do plano de vacinação seja negativo, porém reafirma ter plena consciência de que confia no ministério da saúde, e que espera um desfecho longe da discussão política do assunto.

Leite também afirma que o ministro da saúde teria dito na reunião que “compraremos todas as vacinas certificadas pela Anvisa de acordo com a *demanda*”, e o governador continua então nas suas palavras:

[...] ou seja, na *necessidade* e na possibilidade, do ponto de vista logístico de distribuir estas vacinas para a aplicação, todas as vacinas que tiverem registro na Anvisa, poderão e serão adquiridas pelo ministério da saúde de acordo com a necessidade. (LEITE, 2020d)

Mais uma vez aparece de forma curiosa os termos “demanda/necessidade”, afinal de contas, no pior período da pandemia, com uma crescente de casos e óbitos no estado e no país, ainda é visto como aceitável e natural que se espere mais demanda e mais necessidade do que a situação já posta na realidade do estado? O *just in time* aparece mais uma vez na fala de Eduardo Leite. Outra questão que seria interessante de ser esclarecida, porém infelizmente não é bem desenvolvida na fala do governador é o que seria a “possibilidade do ponto de vista logístico de distribuir estas vacinas para aplicação”, afinal, estamos falando do plano nacional de imunização e de um modelo que o mesmo afirmou confiar. Perguntamos, então qual seria a falta de possibilidade possível neste cenário?

Mais a frente em sua fala, Leite lamenta a politização do tema da vacinação e afirma que esta situação deve ser analisada pelo ponto de vista “técnico e não político”, também aqui podemos perceber novamente as características da racionalidade neoliberal referida por Gros (2010), afinal de contas, em qual situação, a discussão entre governadores, ministros e gestores a respeito de uma política pública não seria uma discussão política? O que é mais interessante nesta fala é

que para além disto, o discurso de Eduardo Leite está completo de questões técnicas, mas também não técnicas, assim como é claramente tomado por decisões de racionalidades, e por que não, ideologias específicas para a gestão do controle da pandemia. Decidir por parar ou não setores da sociedade como o comércio e as indústrias em detrimento de um controle maior da pandemia, assim como cobrar ou não do governo federal por um suporte maior para a gestão da crise humanitária daquele momento são questões políticas, isto citando apenas dois exemplos, porém é evidente que todo discurso do governador é um discurso político. Para além disso, a racionalidade neoliberal aparece como uma forma de mostrar que, aqueles os quais discursam em seu nome, trazem a “verdade”, a realidade com a sua descrição mais técnica possível. Neste sentido, estes aspectos observados por Gros (2010) são bem semelhantes e recorrentes às falas do governador.

Ao final da live, o governador mais uma vez intensifica a necessidade da população “se cuidar”, nas próprias palavras da campanha do estado que é “te cuida”. Leite reafirma que os hospitais do RS, mais do que dobraram a capacidade das UTI’s no estado pelo SUS, porém afirma que estão com ocupação de 80% e na rede privada quase 100%, ou seja, o sistema estava quase colapsando. Entretanto, o governador afirma:

Nós salientando a importância da população ajudar cumprindo os protocolos, o uso da máscara, higienização constante das mãos, dos ambientes, das superfícies, evitar aglomerações. Nós não somos aqui *alheios ao cansaço que a população tem, e portanto entendemos que ficar em casa não é possível para todos*. Por isso que *demandamos é cuidado*, a campanha do governo do estado é “Te Cuida RS”, se cuidem, reduzam os contatos, reduzam as interações o máximo possível, para evitar que haja uma contaminação de um grupo expressivo de pessoas e assim a gente aumente exponencialmente esta contaminação e consequentemente extrapolemos a capacidade do nosso sistema hospitalar. Por mais esforço que temos feito de ampliação dos nossos leitos, existe uma capacidade, uma limitação de capacidade de ampliação, porque leito não é só cama, respirador, monitor cardíaco, bomba de infusão e os insumos necessários, leito hospitalar é antes de mais nada gente, recursos humanos, profissionais de saúde e existe um limite de profissionais disponíveis. (LEITE, 2020d).

Interessante identificar na fala do governador que, mesmo as beiras de um colapso do sistema de saúde, não há qualquer nervosismo e solicitação de mais recursos ao governo federal, pelo contrário, há confiança, não há mudança na

estratégia de combate à pandemia, e sim há uma manutenção do “pedido” a população para que se responsabilize pela pandemia. Ademais, Leite ainda se refere a dificuldade de ficar em casa como uma questão de “cansaço da população”, o que não é a realidade do RS e do Brasil, onde a maioria expressiva das pessoas não ficaram em casa devido a necessidade de trabalhar diariamente, quando não, para procurar emprego.

Ademais, o governador parece perceber que a lógica, que já era negativa para com a vida dos contaminados, de apenas ampliar os leitos não seria suficiente para barrar um eventual colapso, entretanto, nada é relatado de novas estratégias durante o final da live. É colocado como responsabilidade da população o fato de tantos profissionais estarem na linha de frente da pandemia, e não do próprio poder público, ademais, é descartada a possibilidade de uma menor expansão do sistema de saúde com eventuais medidas de distanciamento mais eficazes, assim como um amparo necessário à população.

Mas o mínimo de *respeito e consideração* que nós devemos apresentar a esses profissionais, é justamente mostrar que estamos todos engajados para que este vírus circule menos. Já vimos tantos relatos de profissionais da área da saúde manifestando a sua frustração de se esforçarem tanto lá dentro do hospital para salvar vidas e aqui fora observar pessoas que infelizmente, sem ter consciência da gravidade da situação que a gente enfrenta, não se cuidam, não cuidam a si, e principalmente expõe os outros riscos também. (LEITE, 2020d)

Poucas frases após este parágrafo, o governador encerra a live. Apesar de esta fala parecer um tanto quanto comum e um desabafo, não estamos nos referindo a uma fala comum, e sim a fala de um governador de estado, uma fala que mais uma vez, responsabiliza a população pelo avanço da pandemia, como se fosse uma consequência das pessoas que não se cuidam “aqui fora” o sofrimento dos profissionais da saúde.

A passagem “estamos todos engajados para que o vírus circule menos”, contém dois problemas fundamentais: O primeiro é considerar que todos teriam as mesmas condições e poder de fazer com que o vírus de fato circule menos, desconsiderando o papel fundamental de um governador nesta situação, que detém de fato o poder político para atuar frente a uma pandemia reduzindo a problemática

da situação;

O segundo problema, é de que o governador não apresentou nenhuma política até o referido momento, para que de fato se fizesse com que o vírus efetivamente tivesse uma queda drástica na sua circulação, ou a cobrou do governo federal para que o fizesse sozinho ou em conjunto.

A frase do governador, “aqui fora, observar pessoas que infelizmente, sem ter consciência da gravidade da situação que a gente enfrenta, não se cuidam, não cuidam de si, e principalmente expõe os outros riscos também”, é problemática. Primeiro que se há um problema de consciência da situação, este é um problema que deveria ser gerido pelo poder público, mais uma vez. Segundo que mais uma vez é desconsiderado, ou ignorado pelo governador o fato de que a grande maioria das pessoas não tiveram a oportunidade de se cuidar e de ficar em casa, as pessoas necessitam se deslocar a seus trabalhos e trabalhar, pegar transportes coletivos e muitas vezes atuar em locais que não seguiam as recomendações sanitárias que deveriam também ser fiscalizadas pelo poder público.

Aliás, no que diz respeito ao transporte coletivo, enquanto fazíamos a primeira seleção de material para a pesquisa, encontramos a seguinte fala na live do dia 22/02/2021, já no começo do ápice da pandemia no estado, em que o governador afirma:

Nós temos aqui uma grande dificuldade, a única hipótese para não ter as aglomerações seria a de não ter as atividades que geram as aglomerações, porque ele é um meio de transporte e não tem como disponibilizar volume de transporte suficiente para que se tivesse o distanciamento que se desejaria nesses veículos, nesses meios de transporte. Portanto é sem dúvida nenhuma uma situação que acaba sendo indesejada, mas inevitável diante das *atividades econômicas* que acabam acontecendo e que estão acontecendo neste momento no estado. Por isso, a gente reforça, *né a demanda que todos usem a máscara ao máximo, evitem contatos e possam também carregar consigo álcool gel, higienizar as suas mãos*, especialmente depois de ter tocado em áreas que são de grande fluxo, muitas pessoas por ali circulando, então que *busquem ter o comportamento que ajude a reduzir os riscos*, mas *não tem como viabilizar no transporte coletivo uma situação de menor ocupação*. Já tem uma *dificuldade de sustentabilidade econômica/financeira dessa atividade* em função da queda no número de passageiros, do ano passado para cá ainda opera com o número *menor de passageiros do que era antes da pandemia*, e menos ainda se consegue viabilizar aumento de número de carros, né do número de veículos disponíveis para o transporte. Então infelizmente é uma das situações que acaba sendo, sem dúvida nenhuma, aquela que gera aglomerações, mas que acabam se tornando inevitáveis, no contexto que nós estamos vivendo. (LEITE, 2021a)

Esta passagem é muito significativa para compreendermos o funcionamento da gestão de Eduardo Leite. O governador foi responsável por reduzir os horários de funcionamento dos trens e ônibus recorrentemente durante a pandemia, ademais, fechou locais de lazer abertos, (apesar de locais fechados serem muito mais perigosos do que abertos, como mostrado nas tabelas em Jones (2020) e alguns estudos relatarem que a porcentagem de número de contaminados ao ar livre em comparação a de locais fechados é de menos de 1% (DW,2021)) como praias, parques e praças, entretanto, considera inevitável que haja aglomerações no transporte coletivo devido às atividades econômicas, as quais não houve, como podemos perceber ao longo das lives analisadas até o momento, tentativas de reduzir drasticamente, por via estadual ou federal. Em seguida, o governador mais uma vez reitera que as pessoas sejam responsáveis pelo seu próprio cuidado dentro do transporte coletivo, algo que é absurdo do ponto de vista sanitário, já que grande parte das pessoas nem tinham acesso a máscara de qualidade suficiente para suportarem a contaminação possível nestes espaços, assim como, os transportes coletivos como o trensurb na região metropolitana de Porto Alegre, passaram recorrentemente durante a pandemia lotados como mostrado inclusive numa matéria do Diário Gaúcho de dez dias antes desta referida live.

Na Estação São Leopoldo, por exemplo, por volta das 7h, os trens passavam lotados.

Gilsonmar de Britto, 60 anos, aguardava sentado pelo trem desde as 6h40min. Alguns já tinham passado, mas ele aguarda por um do modelo acoplado, com maior espaço e, conseqüentemente, onde se sente mais seguro em relação ao risco de contaminação pelo coronavírus. Após 40 minutos, desistiu: pegou um trem simples e dividiu espaço ombro a ombro com outras pessoas, em pé, para não perder a hora no serviço em Porto Alegre.

– Muita falta de organização. O Espaço é grande, mas apertada sempre. Tenho que trabalhar, não adianta – observou. (DIÁRIO GAUCHO, 2021)

Leite ainda afirma nesta live de 22/02/2021, que devido a uma situação crítica da receita das empresas de transporte coletivo, aumentar os carros/horário era inviável devido a uma situação econômica ruim, porém tendo em vista que o transporte público é uma responsabilidade do Estado, e que sendo assim, deve o mesmo garantir as condições sanitárias necessárias e seguras a população, o que

então parece uma esquivada da responsabilidade estatal. Esta questão poderia ser, por exemplo, uma ajuda solicitada ao governo federal, o qual nunca foi cogitado pelo governador, pelo menos no material analisado. Ainda assim, se colocava mais uma vez a economia na frente das necessidades sanitárias da população.

Por fim, Leite considerava apenas, inevitável a situação, isto partindo do governador que bateu na tecla do governo que segue a ciência e a técnica, o governo longe da “politização”, entretanto, o que percebemos é uma racionalidade clara, que preza pela atividade econômica mesmo em consequência da contaminação por COVID-19.

O que podemos perceber a partir destes comentários da live do dia 22/02/2021, mas principalmente no que diz respeito a do dia 08/12/2020, é recorrente o discurso de responsabilizar os indivíduos, permitir com que uma pandemia seja controlada a partir da iniciativa individual e não da mão do poder público, ademais, o governador seguia até este momento na mesma lógica de ampliar a capacidade hospitalar sem realmente criar meios de combate e enfrentamento a transmissão da COVID-19, e por fim, demonstra um alinhamento do governo estadual com o governo federal.

Passamos então para o material completo da live do dia 22/02/2021, entrando no nosso quarto momento crítico, o ápice da pandemia no RS. A fala do governador começa de uma forma mais intimista, sozinho em uma sala bem próxima a câmera. Leite afirma a seriedade do momento e que o sistema de saúde está a beira do colapso, nas palavras do mesmo. A taxa de ocupação das UTI’S no estado era de 86%, o maior nível desde o começo da pandemia, e perigo era de que a curva seguia crescendo e o aumento não baixava a dias, como afirmado pela secretária de saúde Arita Bergmann.

É muito importante que a população compreenda que não se trata aqui de o governo sozinho resolver a questão da pandemia, porque tudo que está ao alcance do governo está sendo feito em termos de estruturação da Saúde, mas é absolutamente insuficiente a sua estruturação, se não houver colaboração por parte de todos para que o vírus circule menos e até que haja a imunização em grande escala da população [...]. (LEITE, 2021a)

Lembrando que esta é a mesma live que ao final o governador fez a fala a

respeito do transporte coletivo no estado. Mais uma vez, Leite reafirma a necessidade de um comprometimento da população, apesar de que, não são dadas as condições para que haja um comprometimento com o distanciamento social.

Leite começa um debate a respeito de que, “se for o caso” nas palavras do próprio, o governo do estado do RS entrará, em conjunto com outros estados, um processo de compras de vacinas que não seriam compradas pelo governo federal e utilizadas no plano nacional de imunização.

O governador afirma que participou de uma reunião com as prefeituras do estado, e que foi questionado por parte do governo do estado a possibilidade de voltar o modelo do distanciamento controlado em que as prefeituras não poderiam amenizar as normas constituídas de distanciamento social ditadas pelo estado, ou seja, que as prefeituras só poderiam acatar as decisões referentes à distanciamento controlado demandadas pelo governo estadual, ou aumentá-las.

Apesar disto, Leite afirma que é governador, e que é necessário que se leve em consideração as escolhas da população nos municípios, e que é necessário o engajamento dos prefeitos. Os prefeitos por sua vez, a imensa maioria, optou por manter a cogestão, ou seja, a possibilidade de que as prefeituras definam protocolos menos rigorosos que os do estado. Que fique claro, o governo estadual, poderia se fosse de sua vontade, acabar com a cogestão no estado, o que, de acordo com a fala do governador, não era a vontade nem do mesmo e nem dos prefeitos.

Ouvindo os prefeitos a sobre a questão da cogestão, ficou claro que não haveria a condição de se ter a suspensão da cogestão neste momento. Nós alertamos para a situação da gravidade que o estado está observando nas internações e leitos clínicos de leitos de UTI, se não há espaço para suspender a congestão que os prefeitos querem poder ter protocolos diferenciados neste momento, fica aqui a eles os gestores locais mais uma vez o apelo que eu fiz também na reunião e com eles: Que façam cumprir os protocolos. (LEITE, 2021a).

Apesar da beira do colapso, a decisão do governo do estado fica mais uma vez no “apelo” à população e apelo aos demais governantes.

Colocamos a estrutura do governo do estado, colocamos a estrutura das nossas forças de segurança ao lado das prefeituras para exercer esse poder fiscalização. Aliás conclamo aqui também a cada gaúcho e cada gaúcha, que exijam dos seus representantes em nível local, que exijam dos estabelecimentos que frequentam, a observação a observância, dos

protocolos estabelecidos e das regras estabelecidas, exigiam das pessoas ao seu redor que não aglomerem, que usem a máscara, exigiam que sejam disponibilizados os itens de higiene necessários para a higienização constante das superfícies, das mãos. Sejam exigentes e controlem o cumprimento do protocolo, das regras em favor de si mesmos, dos seus colegas de trabalho, dos seus amigos, dos seus familiares, porque vivemos sem dúvida nenhuma um momento crítico e precisamos da colaboração de todos. (LEITE, 2021a).

Neste momento cabe a pergunta: O que seria “exigir dos seus representantes” a “observação e observância, dos protocolos estabelecidos e das regras estabelecidas [...] pessoas não aglomerem, [...] exigiam que sejam disponibilizados os itens de higiene necessários”, senão justamente o foco do problema do transporte coletivo do RS? E mais do que isto, lembremos como foi a resposta do governador para tal questionamento, ao final da mesma live, após o questionamento de um jornalista a respeito do tema:

Portanto é sem dúvida nenhuma, uma situação que acaba sendo indesejada, mas inevitável diante das *atividades econômicas* que acabam acontecendo e que estão acontecendo neste momento no estado. (LEITE, 2021a)

Esta lógica é confusa. Aparentemente, a cobrança deve ser direcionada a outros agentes, outros governantes, outras entidades, mas não ao governo do estado do RS, e mais do que isto, se questionado, não há o que possa ser feito devido a uma necessidade econômica. Porém, lembramos através das matérias relatadas anteriormente e estudos, que o transporte coletivo pode ser um local de altíssimo risco de contágio da Covid-19, principalmente quando não bem ventilado, lotado e com pessoas que não utilizam máscaras cirúrgicas ou N95⁴⁰ (FGV-CERI, 2021), ou seja, uma situação muito semelhante à encontrada no RS.

Além disto, o governo do estado, em tentativas de diminuir o distanciamento, reduzia os horários de funcionamento do comércio e do transporte coletivo (inclusive nesta live do dia 22/02/2021), o que acabava gerando mais aglomerações no transporte e nas demais localidades. Esta questão não vem em defesa do comércio

⁴⁰ Mais uma questão que ainda não apareceu nos discursos do governador, a possibilidade de políticas públicas de distribuição e incentivo ao uso de máscaras, e a importância das máscaras de melhor qualidade como as cirúrgicas e as N95, lembrando que, desde quando a OMS recomendou em 06/05/2020 a utilização de máscaras, a organização já tinha definido a importância deste tipo de material no combate a propagação do coronavírus.

24 horas, porém a decisão do governador de parar todas atividades às 20h, foi responsável por aglomerações no transporte coletivo e outros comércios como mercados, situação que deveria ter sido evitada de outras maneiras. Afinal de contas, o que se esperava? Que após longos meses de contatos, a redução de algumas horas no final da noite poderia diminuir efetivamente o crescimento dos casos de coronavírus? Já sabemos devido ao desenrolar da história que não.

É importante que as regras estabelecidas de *limites de ocupação sejam observadas*, e é importante para isso, que *haja fiscalização rigorosa e que se puna de forma exemplar* aqueles que não cumprem os protocolos estabelecidos no nosso modelo do distanciamento, seja a regra que estiver vigorando no município (LEITE, 2021a).

Realmente, há uma clara distinção entre o que é comunicado pelo governador e a forma como o governo do estado agiu de fato. Em sequência, Leite afirma que agora a bandeira preta permite que escolas de educação infantil, e as demais escolas com o primeiro e segundo ano estão liberadas para funcionar, dentro das regras de limite de ocupação e demais regras estabelecidas para o ensino. Mais uma decisão que parece não sair do mesmo local, da mesma fala, do mesmo governador que a alguns minutos alertava para o risco do colapso de todo sistema de saúde, visto que, por motivos semelhantes ao do transporte coletivo, as escolas também podem ser foco de contaminação de Covid-19, tendo em vista máscaras de má qualidade e uma ventilação ruim. Além do mais, como inclusive relatado pelo próprio governador, se corre o risco da fiscalização não ser efetiva e não se cumprir nem estes protocolos necessários para uma mínima segurança nas escolas, ou seja, um momento crítico e difícil, e que aparentemente, não deveria ser cogitada a liberação de nenhum espaço que pudesse aumentar o contágio da Covid-19.

O que nós estamos observando no momento é diferente do que nós observamos nos momentos passados. O vírus tem parecido mais agressivo com as pessoas mais jovens, temos observado uma disseminação mais rápida, um contágio maior e o risco de falta de atendimento é real.(LEITE, 2021a).

A secretária Arita Bergmann também se manifestou quanto ao momento de calamidade:

Nós com todo esforço, né, que fizemos ampliando mais de mil leitos, só nesse mês de janeiro até agora. Já abrimos novos leitos, temos perspectivas de novas instalações, tanto aqui na região metropolitana quanto na região norte mas vai se esgotar conforme eu já disse, seja porque não tenhamos mais equipamentos né, dos 200 respiradores, monitores e camas que compramos e estamos distribuindo, mas é finito essa possibilidade, bem como a dificuldade também em relação a recursos humanos.” (LEITE, 2021a⁴¹).

Ou seja, já era inclusive previsto pelo governo do estado o colapso do sistema de saúde, o fim das UTI's disponíveis. A situação era assustadora, segundo a secretária, mas não podíamos perder a esperança de vencer. “Não pode perder a esperança, o cidadão também é o fiscal” disse Bergmann. Leite também ratificou este comentário:

Bastante importante aqui a manifestação da Arita, ela traz um tanto do que nós temos observado do relato dos hospitais, relatos de situação dramática, relatos de situação *de caos iminente, de colapso iminente*. (LEITE, 2021a).

O governador mais a frente afirma que:

Não existe nenhuma atividade que seja cem por cento segura. Usar a máscara, o álcool gel constantemente, ter ambientes ventilados entre outras ações, não significa cem por cento de segurança, significa diminuição de risco, não existe nada que seja 100% seguro [...] mas a gente trabalha para diminuir os riscos. (LEITE, 2021a)

Ou seja, o governador comprova que tinha conhecimento claro dos riscos de qualquer local, principalmente os locais sem as medidas corretas para a proteção do vírus. Entretanto, o que podemos perceber é que, nem mesmo foram tomadas suficientes medidas efetivas para a diminuição dos riscos, não levadas a sério enquanto políticas públicas. Em seguida, Secretária de Saúde ainda afirma que:

Nos preocupa muito, né, em relação à esse momento, é a rapidez com que as pessoas evoluem para necessidade de um leito... Isso também nos assusta, então nós estávamos com uma fila de espera na regulação de 8, 10 pessoas entre leito clínico e leito de UTI, e de uma hora para outra, essa fila aumentou uma grandiosidade, né, principalmente de pacientes que aguardam leitos de UTI. A nossa regulação tem conseguido, né, fazer o

⁴¹ Apesar da referência se referir ao governador, a fala é de Arita Bergmann. A referência está desta maneira de acordo com a formatação exigida pela norma, em que o autor deve ser citado. No caso das Lives, consideramos Eduardo Leite o autor das mesmas. De igual maneira, as falas seguintes de Bergmann que estiverem com referência a Leite, passaram pelo mesmo processo.

manejo, o encaminhamento e o acesso, até porque hoje estão abrindo dez leitos no Nossa Senhora das Graças, dez leitos aliás são 20, 10 em Guaíba, e no final de semana abrimos leito em Sapucaia, estamos trabalhando muito, mas a velocidade é o que nos deixa mais preocupados neste momento. Então todo cuidado é pouco, então é isso, é o grande apelo que as pessoas *se puderem fique em casa*, porque essa circulação e ao que transmite o vírus... (LEITE, 2021a).

Mais uma vez percebemos que o governo do estado já percebia o colapso iminente que chegaria, e mais do que isto, chegou em uma semana. Percebemos também que a política de dobrar leitos, aumentar leitos, tem o seu fim, ela não consegue suprir o crescimento do contágio do coronavírus. E mais uma vez também percebemos, o apelo de “se puder fique em casa” vindo de uma governante, vindo do poder público, vindo daqueles que deveriam dar as condições possíveis para se poder, de fato, ficar em casa.

Questionado a respeito do fechamento de praias e áreas públicas que permitam o lazer para a população, o governador responde que:

Caso necessário, não hesitaremos em estabelecer medidas mais restritivas para o final de semana, para evitar o comportamento que se deseja evitar que é das aglomerações que se dão de forma irresponsável, por pessoas que infelizmente não tomam a consciência, a imagem do momento nós estamos vivenciando. (LEITE, 2021a).

Importante frisar que neste momento da pandemia, já havia estudos suficientes analisando a propagação do vírus do coronavírus no ar, ou seja, existia meios de saber que as praias não são um foco de transmissão do coronavírus. Entretanto, o governador insiste no fechamento destes lugares, e mais, considera os mesmos “irresponsáveis”, pessoas “sem consciência” (IBIDEM), o que mais uma vez, coloca a culpa da situação na população e de forma errônea e contraditória, visto que, o governo do estado não tomou medidas que impedissem aglomerações de maneira irresponsável em todo estado, em todas as situações da vida cotidiana em nenhum momento da pandemia, apenas mitigatórias.

Após este momento, a próxima pergunta feita na live foi, curiosamente, a do transporte público, anteriormente analisada neste trabalho. Após chamar a população que vai a praias de irresponsável, o governador considera inevitável e inviável as aglomerações no transporte coletivo de maneira muito mais perigosa que

a das áreas de lazer, sendo que, o transporte coletivo, ao contrário de uma decisão sobre ir ou não a uma praia, é uma responsabilidade do poder público, principalmente no que diz respeito do sistema de trens da região metropolitana de Porto Alegre. O governador chega a pedir para que a população no transporte público “evitem contatos”, algo claramente impossível de ser realizado. A live acaba alguns minutos depois, com o pedido de cuidado mais uma vez por parte da população e dos demais governantes do estado.

A última live selecionada é a do dia 05/03/2021 e também pertence ao último momento crítico da pesquisa, uma live feita num período de crise, os leitos de UTI’S covid estavam com uma fila de espera de 25 pessoas no estado e a curva de contaminação e de agressividade da doença necessitando internações seguia crescendo. Era neste momento, o período mais crítico da pandemia no estado.

Gráfico 6 - Crescimento do total de confirmados e suspeitos em Leitos Clínicos e UTI



Fonte: LEITE, 2021b.

Observamos uma crescente assustadora nos meses de fevereiro e início de março, detalhe para a seta que sinaliza onde a curva estava no dia 24/02/2021, dois dias após a live analisada anteriormente a esta, ou seja, já naquele momento, era possível perceber uma curva muito acentuada e um número maior do que todos já

apresentados até então, um número que já chegava próximo do dobro de todos os picos anteriores.

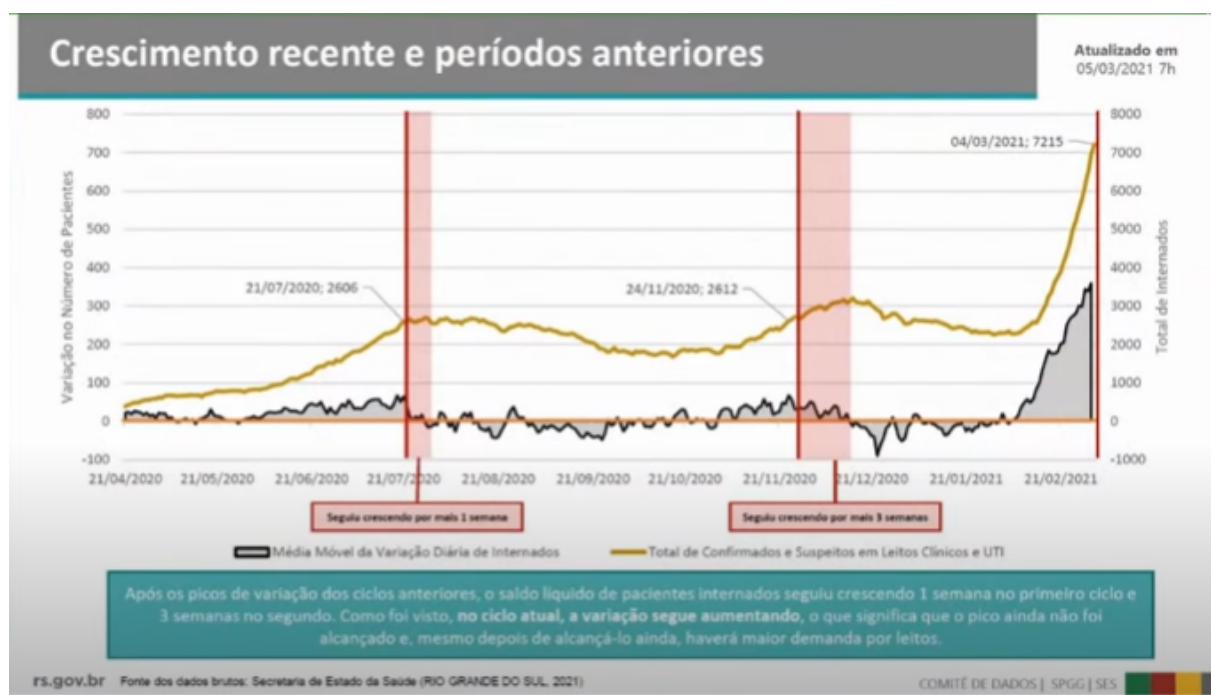
Gráfico 7 - Gráfico crescimento média móvel de 5 dias



Fonte: LEITE, 2021b.

Neste gráfico, temos como visualizar o crescimento das médias, ou seja, quantos leitos a mais eram ocupados diariamente, sendo sempre acima da linha laranja crescimento dos números de casos. Mais uma vez, podemos perceber que no período da live anterior, havia meios para perceber uma crescente muito acima do normal.

Gráfico 8 - Gráfico crescimento média móvel de 5 dias picos

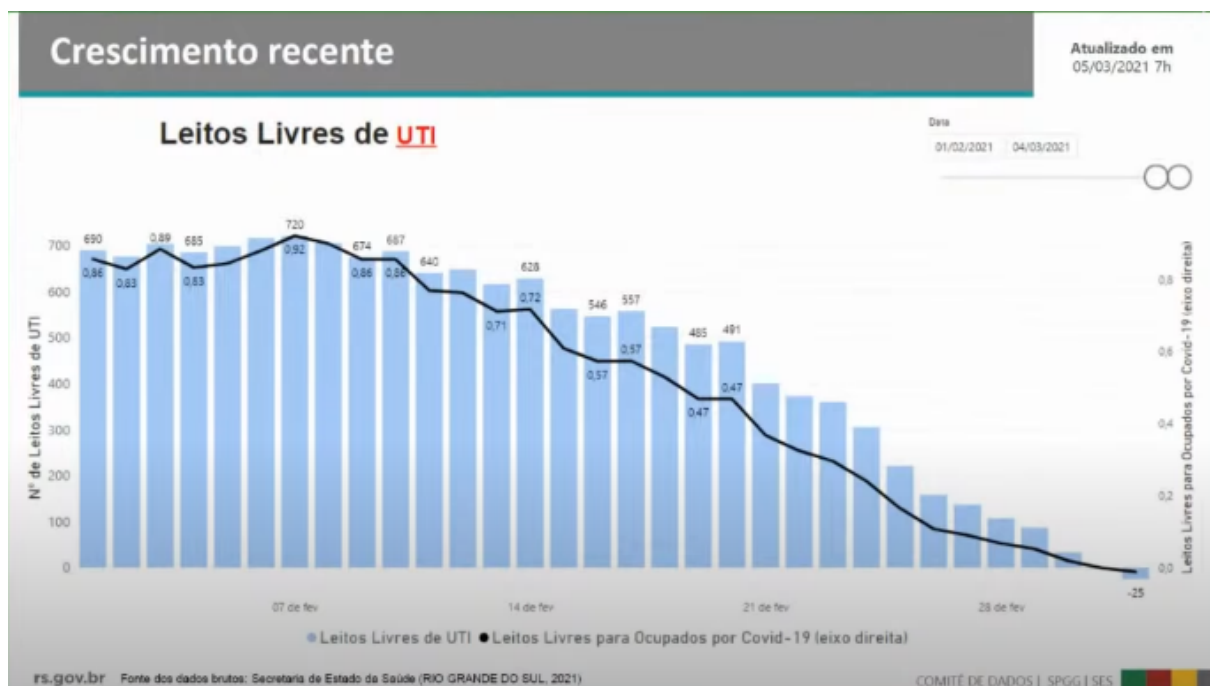


Fonte: LEITE, 2021b.

Neste gráfico por sua vez, podemos analisar quanto tempo duraram os picos da pandemia até o momento. O primeiro durou uma semana, o segundo três semanas, e o terceiro já estava durando três semanas, não estava próximo do seu pico e demonstrava uma crescente muito maior do que as antes observadas tanto de leitos ocupados quanto de casos. Apenas no dia anterior a live, 72 pacientes haviam sido internados em UTI's covid e 197 em leitos clínicos. Para comparação, no primeiro pico eram internados em média 9,6 na UTI e 28,5 em clínicos e no segundo pico 10,2 e 23,4 respectivamente. A taxa atual de crescimento da ocupação de ambos os leitos era 5,4 vezes maior que a dos picos anteriores.

Por fim, o governo disponibilizou o gráfico dos leitos de UTI disponíveis:

Gráfico 9 - Leitos livres de UTI



Fonte: LEITE, 2021b.

Ou seja, era uma situação crítica e que poderia se agravar ainda mais e rapidamente, o verdadeiro colapso do sistema de saúde do estado que vinha sendo discutido.

Até dia quatorze de fevereiro, 0,72 livre para cada leito ocupado. Eram no dia quatorze de fevereiro 628 leitos livres no estado, ou seja, não podíamos entender que oferecesse ali um risco maior como se observou agora e que tem essa situação de leitos esgotados. (LEITE, 2021b)

Infelizmente, devemos corrigir a afirmação do governador. Como observamos nos gráficos e a partir de nossa análise, o governador tinha reuniões semanais com o gabinete de crise para a discussão da situação, assim como, a Sec. de Saúde aparentemente tinha a pandemia como prioridade neste momento. Entretanto, após o dia 14/02/2021, o governador fez a live do dia 22, a qual analisamos neste trabalho, e segundo os próprios dados apresentados pelo governo do estado do RS, já era possível observar um crescimento abrupto e violento no mês de fevereiro, assim como prever que o mesmo seguiria exponencialmente subindo. Aliás, o próprio governador afirma isto na live: “São cerca de 350 leitos a mais sendo ocupados diariamente em média, em média. É isso começou em meados de

fevereiro a crescer fortemente esses casos, essas internações”.

Apesar desta afirmação, dando um zoom no gráfico disponibilizado com o crescimento da média e do número de internações, percebemos que na verdade o crescimento da média do número de internações cresceu rapidamente desde o início de fevereiro, assim como, os números de confirmados em leitos (UTI+Clínicos), conforme a linha preta e amarela abaixo respectivamente:

Gráfico 10 - Confirmados UTI + Clínicos

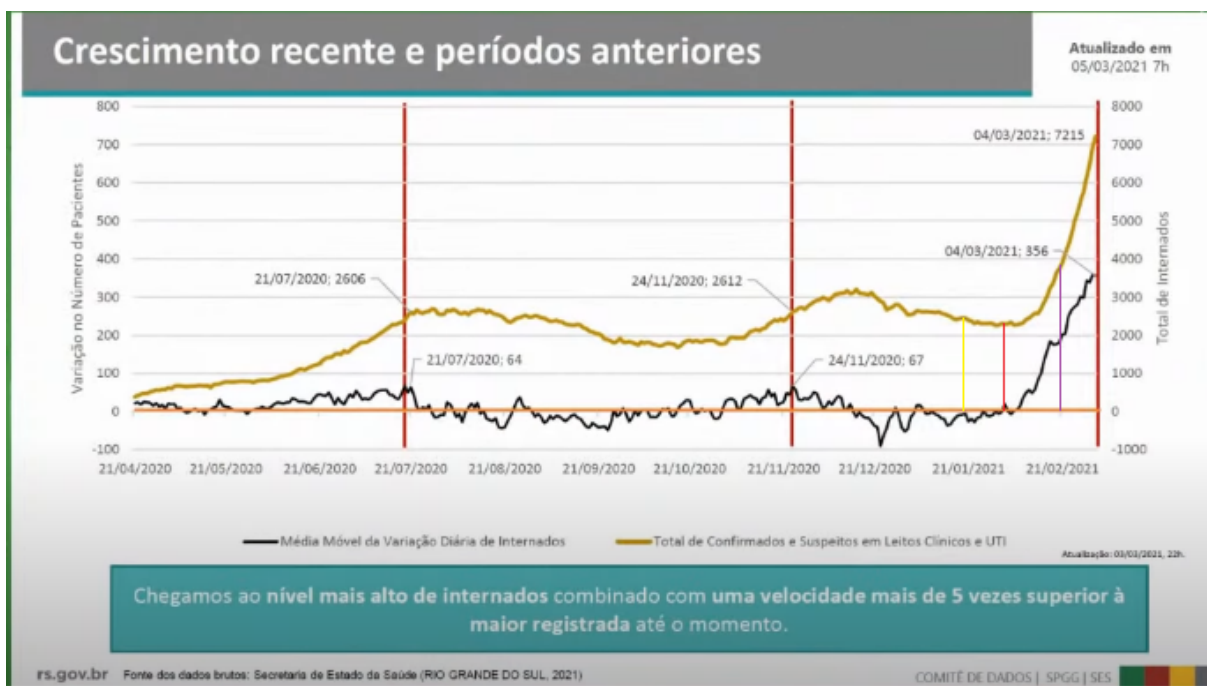


Fonte: LEITE, 2021b.⁴²

Para facilitar a observação, ampliamos o gráfico e marcamos algumas linhas a mais no mesmo. No gráfico abaixo a linha roxa bate no dia 21/02/2021, a linha vermelha é onde acreditamos ser o início de fevereiro e a linha amarela é o dia 21/01/2021. Percebemos que no dia 21 de fevereiro, já batia um crescimento de quase 200 internações diárias de Covid-19, assim como já eram cerca de 4000 internados em todo estado.

Gráfico 11 - Confirmados UTI + Clínicos editado

⁴² Apesar de não ser tão facilmente observado, há um pequeno risco preto na linha laranja para cada data na base do gráfico, ou seja, o dia 21/02 está mais ou menos numa linha reta perpendicular ao caractere “2” que representa fevereiro. O começo de fevereiro estaria provavelmente em uma linha perpendicular onde está o caractere “2” do dia 21.



Fonte: LEITE, 2021b.

21 de fevereiro de 2021, já era o pico mais alto da pandemia no estado até então, tanto no que diz respeito ao crescimento de leitos utilizados diariamente quanto no número de leitos totais utilizados, e é também interessante ver a curva que já se desenhava no gráfico, uma curva muito mais aguda do que nos outros momentos da pandemia. No entanto, na live realizada no dia 22 e analisada neste trabalho, um dia após a data referida e marcada no gráfico, o governador não se referiu a isto e não tomou as medidas cabíveis para frear o crescimento da curva, não foi discutido sobre ser o pior momento da pandemia e sobre já ser muito perceptível o colapso eminente, prevendo uma boa segurança a população. Nos parece que o colapso poderia ter sido evitado.

O governador então passa a falar o que mudaria neste momento através de decreto, seria definida a vedação da comercialização de produtos não essenciais, ou seja, todas lojas e mercados que comercializam os mesmos deveriam, ou fechar, ou proibir a sua venda pelo tempo que durasse o decreto, que provavelmente seria até o dia 21 de março, contabilizando menos de duas semanas visto que o decreto entraria em vigor na segunda 08. Apesar disto, a venda não presencial ainda era permitida.

Outro ponto importante de salientar é que, dia 05/03/2021 caiu numa

sexta-feira, porém, o decreto só valia a partir de segunda, não contabilizando sábado ou domingo, o que mais uma vez, demonstra um atraso no tempo de reação para com a pandemia. No dia 22 retornaria a cogestão no estado e o fechamento das atividades às 20h seguiria até o fim de março. Este aviso e esclarecimento seria importante para os empreendedores do estado poderem ter um norte e um planejamento frente aos próximos dias.

O decreto também fecharia as praias e demais localidades públicas para banho, assim como deveriam ser vedadas as academias de condomínios. O governo também afirma na live que criará um portal online para denúncias de aglomerações e demais quebras dos protocolos da pandemia.

Quero dizer aos empreendedores, que já determinei a nossa Secretaria da Fazenda, observe tudo que estiver ao alcance possível ao estado dentro das normas e das regras federais, sobre apoio no sentido das obrigações tributárias das empresas, aquilo que a gente puder fazer na direção de apoiar de reduzir o impacto ou de dar fôlego para quem empreende, em relação à estrutura tributária no que é demandado, está sendo estudado e organizado pela nossa Secretaria da Fazenda em função do impacto econômico dessas medidas restritivas. Importante dizer que o estado tem algumas limitações especialmente pelas regras federais, o estado eventualmente precisa passar pelo confaz, que ao conselho dos secretários da Fazenda determinadas medidas, mas o que estiver ao nosso alcance possível tanto do ponto de vista legal, quanto do ponto de vista fático, né, financeiro, nós vamos fazer para ajudar setores que estão mais diretamente impactados pela pandemia. (LEITE, 2021b)

Com exceção da segunda live analisada, a de abril de 2020, não encontramos falas como esta em relação às ajudas aos empreendedores, como referido por ele mesmo, ou a pequenos e médios empresários no RS. Lembrando que a ajuda concedida em abril de 2020 foram prorrogações de cobranças de impostos. Ou seja, quase um ano após este momento, no ápice da pandemia, é lembrado, é dito aos empreendedores que se está buscando meios para ajudas tributárias aos mesmos.

De acordo com o Jornal do Comércio, utilizando dados da junta comercial do estado, de março/2020 a abril/2021 mais de “90 mil baixas de diversos tipos de negócios, incluindo, varejo, indústria e serviços. Quase 90% deste volume é de empresas de micro e pequeno porte” (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021). O artigo continua relatando um momento crítico para a economia local, um período de crise

nos estabelecimentos comerciais familiares. Ou seja, percebemos uma baixa crescente e crítica dos pequenos comerciantes e pequenos empreendedores.

Ademais, Leite afirma que “nós vamos fazer para ajudar setores que estão mais diretamente impactados pela pandemia”, o que claramente não aconteceu durante o decorrer da crise segundo as fontes analisadas. A gaúcha ZH (2021) também afirmou que a taxa de desemprego de 2010 foi a maior registrada (desde 2012). Apesar disto, a desigualdade, ou seja, o abismo entre os setores mais ricos e mais pobres no RS, cresceram durante a pandemia (Gaúcha ZH, 2020; G1, 2021), mostrando que, nem toda sociedade foi atingida da mesma maneira.⁴³ Quais seriam os setores mais diretamente impactados pela pandemia senão aqueles que perderam suas ocupações, ficaram doentes ou até morreram? Quando foi debatida a ajuda a estes grupos?

Leite então afirma quanto a uma nova política chamada “Chamar 192”, que transformará ambulâncias comuns de municípios em SAMU, onde 226 municípios que não tem este serviço poderiam ser contemplados. Até o momento da live apenas 50 haviam sido. O estado seria responsável por esta transformação, custeio e contratação dos funcionários nos dois primeiros meses. Este modelo seria importante para transportes de pacientes Covid entre hospitais, mas também para emergências.

Sobre financiamento de leitos: Para garantir a continuidade da operação de 220 leitos de UTI adulto covid, que não tiveram habilitação prorrogada pelo Ministério da Saúde em fevereiro, o governo do estado realiza o pagamento com recursos próprios o equivalente R\$ 1600 por leito e diária, né, diária de cada leito R\$ 1600. São 261 leitos em hospitais de todas as regiões do Rio Grande do Sul. (LEITE, 2021b).

Percebemos a partir da live do dia 1 e do dia 5 de março de 2021, que havia problemas de conciliação entre o governo estadual e o federal. Apesar de não se tratar do foco desta pesquisa, é de conhecimento geral que o governo federal teve uma política desastrosa frente à pandemia, e por isto, mostramos aqui também, que foram feitos esforços, por parte do governo do estado, para suprir necessidades a partir das lacunas deixadas pelo governo federal.

⁴³ No cenário nacional, o número de bilionários brasileiros cresceu, sendo 315 em 2021, com 65 a mais que em 2020 (BRASILDEFATO, 2021), sendo que 19 do total, são gaúchos (FORBES, 2021). Infelizmente, não foi possível encontrar o número de bilionários gaúchos em 2020.

Da mesma maneira, neste momento, o governo do estado do RS já procurava vacinas independentemente, porém, as empresas de vacinas ainda davam preferência às negociações com os governos federais. Leite informa que pede ao governo federal que coloque os recursos possíveis para tentar avançar no processo de vacinação, utilizando a diplomacia e as relações com os demais países que têm boa relação com o Brasil. A demora para a distribuição das vacinas já era percebida e gerava preocupação. Lembramos como foi todo processo e percebemos neste estudo, que a confiança e os elogios ao governo federal duraram até o final do ano de 2020.

Leite também afirma que há um repasse de recursos federais de 17.9 milhões de reais aos municípios que realizam a gestão de seus sistemas de saúde. O governador também afirma que toda informação está disponível no site coronavirus.rs.gov.br, isto incluindo leitos, casos confirmados e também os próprios recursos.

Neste momento, o governo do estado também criava um cadastro online para repor e procurar mais profissionais interessados em participar da linha de frente contra o coronavírus. Até o momento já foram mais de 3 mil inscritos. Apesar disto, era uma situação crítica, onde era difícil gerir espaços possíveis para esta rede, os hospitais também tinham um limite. Havia também a reabilitação de um banco de voluntários com mais de dois mil inscritos.

Em seguida, o governador também retifica que, a segurança pública do estado, está orientada a não permitir a permanência de pessoas em praias, praças e parques. Porém, ainda seria permitida a prática de esportes ao ar livre.

Após, o governador afirma que o setor industrial não vai parar, independentemente de ser essencial ou não, já que, setores não industriais podem estar envolvidos em cadeias produtivas de produtos essenciais, assim como, não seria um setor de natureza que permita aglomerações, diferentemente do comércio. O governador ainda afirma, que as indústrias teriam controle sobre as condições sanitárias dos trabalhadores, o que nós nesta pesquisa, não encontramos comprovação científica, nem de que seria perigoso ou não perigoso o trabalho nas indústrias⁴⁴. Porém, devemos lembrar que uma indústria pode ser foco como

⁴⁴ Segundo o infectologista Francês Eric Caumes, os locais de trabalho foram os maiores focos de

qualquer outro ambiente dependendo das condições, e claro, para que isto não acontecesse seria necessário um controle sanitário do estado para garantir a não transmissão do vírus, o que aparentemente, não foi planejado ou comentado pelo governador.

A seguir, Leite responde quanto aos campeonatos profissionais de futebol no estado, os quais não teriam suas atividades suspensas. O governador afirma que proibir no RS apenas faria com que o jogo fosse realizado em outro estado. Da mesma maneira, Leite afirma que o foco principal era o de prevenir aglomerações, isto é, fazer com que bares e restaurantes não transmitissem os jogos. Assim, o governo do estado determinou que os jogos acontecessem de noite para “reduzir a disposição das pessoas para se juntarem”, o que mais uma vez, não encontramos corroboração científica.

Além disso, devemos lembrar ainda que, futebol não é/era um serviço essencial, e obrigava milhares de trabalhadores a se deslocarem e aglomerarem nas cidades gaúchas, sejam trabalhadores da mídia, da parte técnica dos clubes, policiais, segurança, limpeza também claro, a própria equipe e suas comissões, e também o público que querendo ou não, ainda poderia se juntar para assistir em outras localidades que não as comerciais.

Por fim, o governador reafirma que os leitos de UTI's foram mais que dobrados desde o começo da pandemia, mas não havia como aumentar o número das UTI's de acordo com a velocidade da curva da pandemia. Leite afirma que o recurso que veio do governo federal é muito menor do que o afirmado pelo Bolsonaro e diz:

Nenhum país do mundo resolveu o coronavírus apenas ampliando a estrutura hospitalar porque ela é absolutamente limitada. E é isso que está acontecendo neste momento, a expansão que se fez aqui se trabalha para continuar fazendo não sustenta o nível de crescimento” (LEITE, 2021b)

Infelizmente, parece que o governador percebeu tarde demais, que a política que ele mesmo defendeu e que mostrava ser a maneira com que o RS poderia vencer o coronavírus era insuficiente. Não seria possível vencer o coronavírus

apenas ampliando leitos e tentando manter a curva da pandemia mais baixa do que a disponibilidade de hospitalização, ao contrário do que era afirmado desde a primeira live analisada. Eram necessárias políticas efetivas de distanciamento social, de triagem e de separação daqueles infectados, além de , um amparo à população para que estas políticas pudessem ser efetivadas, políticas que foram pouquíssimo tratadas nas lives. A política defendida pelo governo do estado, se mostrou falha e afirmada pelo próprio governador, que até então, demonstrava que este caminho era possível. Por fim, Eduardo Leite ainda afirma que ficou assustado ao visitar o hospital de Porto Alegre e ver a quantidade de jovens na UTI, e que na realidade a maioria dos leitos estavam sendo ocupados por menores de 60 anos.

A economia sofre, eu sei disso. Nós estamos analisando tudo que possa ser feito para ajudar uma retomada melhor lá na frente e a fazer com que setores econômicos sofram menos agora. Mas as vidas não se recuperam depois. (LEITE, 2021b)

Uma realidade. A economia sofria e o governador sabia disto, porém mais uma vez, não há alternativa apresentada, não se discutem soluções, bem como a questão dos trabalhadores e dos desempregados. Perguntamos novamente: Os desempregados não estariam inclusos nos setores econômicos que mais sofreram durante a pandemia?

Ter esses dois, duas semanas de uma das maiores restrições, para depois com a volta da congestão poder migrar para um protocolo menos restritivo e equivalente ao que nós tivermos acompanhando lá na frente, e podemos Então buscar o retorno das atividades econômicas, já com uma taxa de contágio menor, né em que as pessoas possam então circular um pouco mais” (LEITE, 2021b)

Percebemos que nem mesmo neste momento de caos iminente, o governador parece compreender a importância de zerar ou praticamente zerar o contágio da Covid, o que seria a alternativa de sucesso dos países que melhor se saíram contra a pandemia. O foco foi diminuir o contágio em nível permitindo a retomada e circulação, o mais breve possível.

A live termina em um tom melancólico e um pedido de que a população não aglomere. Para que fique em casa. “Te cuida RS”. Leite ainda afirma que os

números crescerão de mortes/internações crescerão nos próximos dias.

Concluimos que o governador teve uma política fortemente influenciada pela agenda neoliberal e relacionável com a bibliografia disponível a respeito da racionalidade neoliberal. No próximo capítulo, analisaremos o conteúdo disponível nos sites dos Think Tanks gaúchos, IL e IEE. Mais à frente, discutiremos a relação dos Think Tanks com a análise das Lives, e concluiremos com mais precisão as suas relações.

8. A TENTATIVA DE DESPOLITIZAR O POLÍTICO - CRUZAMENTO DAS ANÁLISES

Neste capítulo faremos um cruzamento das análises e um debate mais elaborado a respeito das conclusões que podemos chegar a partir do processo ao qual os materiais brutos foram submetidos. Para isto, gostaríamos de trazer um enxerto que nos possibilita refletir previamente antes de adentrarmos a discussão:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como idéias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. Por exemplo, numa época e num país em que o poder monárquico, a aristocracia e a burguesia lutam entre si pela dominação, onde portanto a dominação está dividida, aparece como idéia dominante a doutrina da separação dos poderes, enunciada então como uma “lei eterna”. (Marx e Engels, 2007, p.47).

Considerando o marco temporal, trazemos esta passagem de a Ideologia Alemã, que muito embora, não tenhamos entrado na discussão marxista durante a pesquisa, creio ser importante para refletirmos, assim como, utilizamos conceitos de Bourdieu (1993) e também Foucault (1996;1982;2001).

Percebemos durante as análises, que durante as falas do Governador Eduardo Leite, o quanto este, considerou as posições da elite econômica gaúcha, da mesma forma, os Think Tanks do estado, principalmente o IEE, que atuam diretamente sobre influência monetária do grande empresariado do estado. Se estas ideias são dominantes no estado, para respondermos tal questionamento, teríamos outra pergunta de pesquisa, porém, é importante salientar que, aparentemente, há uma disputa de narrativas a respeito da pandemia da Covid-19, e dentro delas, no que diz respeito ao governo do RS, foi seguida uma narrativa que favorecia os

interesses econômicos, leia-se do grande empresariado, da região.

É importante lembrar que, tanto para Marx e Engels, quanto para Bourdieu, a disputa de narrativas também é uma realidade de nossas sociedades, isto pois, para os primeiros autores, as distintas classes, através de sua luta, também travam uma disputa pela dominação das idéias e das “forças espirituais”. Já para o sociólogo francês, o capital informacional é amplamente dominado pelo Estado, mas, não se resume a ele, podendo ser utilizado e gerido por aqueles que o dominem. Da mesma forma, Foucault também trabalhava com a disputa de forças em relação aos discursos, para o autor:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.” (FOUCAULT, 2008, P.133).

Para Foucault, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, P.10). Ou seja, há um debate a respeito das normas, das formas como se transforma a história, por isso relacionamos estes autores neste momento.

O que quero evidenciar neste momento da análise, é que, percebemos uma reprodução do discurso neoliberal por parte do governador Eduardo Leite, da mesma forma que, como já esperado, percebemos o mesmo por parte dos Think Tanks. Apesar disto, nem sempre o governador se colocava diretamente como um “seguidor” de linhas de racionalidade específicas, pelo contrário, o governador repetiu em diversos momentos a sua posição com a ala técnica e científica para o combate à pandemia. Porém, como já observamos nos estudos de Gros, Dardot e Laval, e Brown, este discurso que preza pela, aparente, falta de ideologia, é também um discurso fundado sobre uma ideologia e racionalidade específica do momento histórico do neoliberalismo atual, uma racionalidade que prega uma suposta “pureza” do pensamento humano, capaz de não ser atravessado por questões

políticas.

Percebemos em nossa análise das lives do governo do estado, que o governador recorrentemente responsabilizou⁴⁵ os indivíduos, prezou pelo diálogo com a grande iniciativa privada, deu ênfase a necessidade de uma “normalidade econômica” ao mesmo tempo que, não prezou e debateu as necessidades da classe trabalhadora e do pequeno empresariado, assim como, até o final de 2020, não apresentava disputas ou pedidos junto ao governo federal que pudessem indicar uma diferente posição frente ao mesmo. Ou seja, se não houve recursos suficientes para amparar a classe trabalhadora, também não houve, pelo menos no que podemos dizer quanto ao referido nesta pesquisa, busca e interesse por parte do governo do estado em solucionar tal problema.

Não consideramos ser possível classificar Eduardo Leite como neoliberal, acreditamos que isto seria trabalho para uma pesquisa mais aprofundada a respeito de toda dinâmica governamental do político, porém consideramos que Leite teve uma política de forte influência da racionalidade neoliberal frente à pandemia.

Entretanto, salientamos que esta consideração não seguiu exatamente a nossa hipótese, isto pois, principalmente no que percebemos do começo da pandemia no estado, o governo chegou a criar iniciativas de estudos e pesquisas na área da pandemia e seus diversos impactos, da mesma forma, foram buscadas tentativas de mitigar a propagação da doença.

Nos questionamos então, se esta mitigação, mediante uma propagação que cresceu exponencialmente e podia ser observada pelos estudos do governo do estado, funcionou de forma que sustentasse uma normalidade econômica que suprisse os interesses econômicos do empresariado gaúcho. Creio que para tal afirmação, também seriam necessários mais estudos.

O que podemos salientar da análise das lives do governador foi que o governo do estado geriu⁴⁶ a pandemia, calculando mortos/infectados, calculando a circulação do vírus, as necessidades econômicas de cada região, e tendo um debate unilateral apenas com as partes as quais o mesmo considerava “técnicas” e da elite econômica do estado, possibilitando um máximo de ganhos possíveis, na medida

⁴⁵ Utilizo “responsabilizou” não no sentido de culpa, mas no de repassar uma responsabilidade que deveria emanar do poder público.

⁴⁶ Também como gestão empresarial.

em que apenas quando se chegava perto do limite da tragédia, dava-se início a uma luta mais intensa contra o vírus, permitindo assim que o sistema econômico funcionasse com certa “normalidade” e que desse a impressão de que era possível e necessária sua perpetuação neste sentido. A pandemia foi gerida na medida em que possibilitasse o máximo de normalidade econômica, evitando apenas o colapso total dos leitos no sistema de saúde. A pandemia não foi freada pensando na qualidade de vida da população gaúcha, mas pensando na otimização da potência econômica do estado, utilizando seu máximo possível.

O sistema de saúde funcionou no seu limite, uma política de risco pela normalidade econômica, entretanto, como percebemos na análise das Lives, chegou o momento em que esta política se demonstrou ineficaz frente à força da onda da pandemia, e acabou levando a crise nos leitos do estado. Uma tragédia que, lembrando, já teria sido muito problemática mesmo sem uma eventual taxa negativa de leitos, devido ao risco à saúde que a Covid-19 apresenta, levando centenas de pessoas ao óbito e milhões à contaminação que poderia ter sequelas como consequência. Funcionando com o sistema de saúde no limite, a pandemia não gerava uma sensação de caos, pois haviam leitos nos hospitais, ao mesmo tempo se criava uma justificativa para a normalidade econômica, afinal de contas, todos podiam se tratar contra a doença, entretanto, sendo leitos a parte final do tratamento contra a Covid-19, fica claro, observando o caso do Rio Grande do Sul, que a política não foi um sucesso, porém funcionou para o que, aparentemente a política se propunha, manter a economia funcionando sem gerar pânico ou uma crise hospitalar sem precedentes.

Era previsto uma quantidade de infecções, de hospitalizações, e por consequência de óbitos, isto era previsto no limite que ainda houvessem vagas para as hospitalizações. O que o governo do estado deveria fazer, segundo Leite, era ampliar os leitos, reduzir o número de casos graves e gerir a crise, na medida do possível, possibilitando a normalidade econômica, isto de acordo com as suas próprias palavras.

Porém, como lembramos, quando o sistema de saúde colapsou, não foram tomadas medidas drásticas de combate à pandemia, nem neste momento. De alguma forma, a gestão da crise e do momento, já não necessitava nem isto, o que

fez com que, como na última Live analisada, percebemos o governador e a secretária de saúde apelando para a responsabilização individual dos gaúchos.

Tais apontamentos, sugerem fortemente uma relação com a bibliografia de Dardot e Laval (2019 a e b; 2016a) e Foucault (2001;2008) a respeito do neoliberalismo. Foi feito um cálculo, uma racionalização, uma tentativa de equacionar o custo da pandemia, onde de um lado se estava a necessidade da diminuição da propagação do vírus, e do outro a continuidade econômica. De maneira como explicada por Foucault, Biopolítica aparece como governabilidade liberal que preza pelo cálculo sobre as vidas.

Já os Think Tanks, nos apresentaram um material que já havia sido descrito por Gros com bastante semelhança. Entretanto, creio que análise de seus sites foram também importantes para percebermos uma mudança em parte do discurso dos mesmos, no caso do IEE por exemplo, o Hexágono da liderança é um exemplo interessante da inclusão de conceitos até então, não tão apropriados, como conceitos da psicologia, por exemplo, o que se assemelha ao discurso *Coach* da atualidade, que apesar de não ser novo, está muito em voga junto da racionalidade neoliberal.

Também podemos compreender através dos IEE, a relação de Leite com este Instituto, tendo sido um frequentador do Fórum da Liberdade, até se tornar um participante de mesa, ou seja, um sujeito o qual se interessou pelo evento de relevância referente do debate das ideias neoliberais, e posteriormente se tornou um comunicador do mesmo, debatendo as privatizações e a redução do estado, um ano antes da pandemia, assim como, afirmou em entrevista (FOLHA, 2020) seu interesse pelo fórum em 2020, no mesmo ano do começo da pandemia no estado.

Outro ponto importante de cruzamento entre o material coletado nas lives e o dos Thinks Tanks é o esvaziamento do debate científico. Apesar dos institutos e do governador referenciarem a ciência repetidas vezes no material analisado, pouco foi debatido a respeito a partir de uma bagagem acadêmica, de autores e de conceitos.

No caso do governador, o mesmo, de fato, ouviu os epidemiologistas e ajudou a criar com êxito um estudo inédito sobre a Covid no Brasil. Entretanto, pouco se debateu a respeito das consequências humanas, trabalhistas, psicológicas e de renda da população, nisto, a ciência parecia não ser conclamada. Não houve o

suporte necessário de políticas públicas à população gaúcha, e isto mostra uma falta de debate científico e político, o que por si só, é uma decisão política de negação de qualidade de vida para grupos determinados durante a pandemia. Um embate entre a Biopolítica e a Necropolítica, sendo responsável por 633 mil mortes no Brasil, sendo 37 mil destas no RS, um número quase 6 vezes maior que o de mortos no Uruguai (6 mil), país vizinho e de população quase apenas 3 vezes menor que a do estado aproximadamente.⁴⁷

Da mesma forma, os think tanks usaram e abusaram do termo “liberdade” apesar de não adentrar na discussão acadêmica do termo, nem ao menos na filosófica, se pautando em uma ideia vazia da palavra. Ou seja, há um esvaziamento do termo e uma diminuição de seu significado, sendo sugerido por estes grupos como sinônimo de desregulamentação econômica.

Há uma confusão, aparentemente proposital, entre um conceito de vida, de liberdade, intrínseca à esfera econômica, uma visão ideologizada da palavra, e claro, uma visão política da mesma. O que se busca, é um fim, com objetivo de transformação das pessoas, dos sujeitos, em um (atomizado e separado) indivíduo, porém não qualquer indivíduo, mas sim um ser em que a sua humanidade está relacionada com a sua capacidade de se inserir na lógica econômica, mais do que isto, depende dela, e sendo assim esta possibilidade, o mais alto grau de liberdade possível.

Por baixo de todo slogan a respeito do “pensamento”, “liberdade” e “livre mercado”, há uma decisão política, um discurso, uma ideia sendo proposta, a ideia de que se adéquem os indivíduos a lógica do cálculo, da equação, das possíveis perdas econômicas, e assim, se empresariando, todos devemos decidir pelas decisões mais “racionais” e mais técnicas, as mais puras. Uma clara falácia, que mostra que mesmo na tentativa de se pintar algo sem política, o discurso, ou seja o conteúdo inserido nesta narrativa, representa uma agenda específica, e uma agenda que não condiz com as necessidades da maioria da população gaúcha.

Lembramos, para concluir este capítulo, que seguindo Bourdieu (1993) o capital informacional, o qual seu principal detentor é o próprio Estado, é um meio poderoso de moldar, multiplicar e modificar racionalidades, tudo isto, com o poder de

⁴⁷ Até o momento de finalização desta pesquisa, Fevereiro 2022.

se reproduzir em sua própria lógica. Marx e Engels (2007), por sua vez, afirmam que a classe dominante tem o poder sobre a própria estruturação do Estado e seus principais “meios de produção espiritual”. Consequentemente, podemos concluir, da mesma maneira que apresentada por Brown (2020), que o neoliberalismo, em sua completude, aparece como uma lógica global de sociedade, e que o Brasil e o Rio Grande do Sul não se difere desta, pelo contrário, ao que podemos perceber, o empresariado gaúcho é organizado de maneira que patrocina os Think Tanks do Estado, ao mesmo tempo que tem uma boa relação e direta com o governador Eduardo Leite, o qual faz questão de reafirmar isto. O que podemos concluir, é que por mais que haja diferenciações entre o posicionamento de Eduardo Leite e o conteúdo dos Think Tanks, há uma clara semelhança entre os dois, e que aparentemente, fazem parte de uma rede interligada que possibilita o funcionamento de um modelo neoliberal, através do capital informacional, as classes empresariais conseguem incentivar com que a classe política siga as suas necessidades, pelo menos dentro do que a conjuntura permite.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo desta dissertação, discutir e investigar o neoliberalismo, a racionalidade neoliberal sobre a governabilidade de Eduardo Leite, mais especificamente no que diz respeito ao combate a pandemia da Covid-19. Para isto, tomamos como objeto de pesquisa as lives realizadas pelo governo do estado do RS, partindo de uma análise temática para compreendermos de que forma o mesmo atuou frente a um momento de crise sanitária. Relacionamos o conteúdo das lives com o conteúdo disponível nos sites dos dois principais Think Tanks gaúchos, levando em consideração que os institutos são importantes meios de propagação da racionalidade neoliberal e podem funcionar como capital informacional no estado, inclusive trabalhando junto do poder público, como podemos perceber na participação de Eduardo Leite no Fórum da Liberdade para debater a economia do estado.

Para compreendermos o neoliberalismo, passamos por uma análise que contemplou os escritos clássicos sobre o tema como Foucault, mas retomamos, principalmente, com Dardot e Laval, Anderson e Gros, autora que escreveu principalmente sobre o modelo no Rio Grande do Sul e sua relação com os Think Tanks. Também utilizamos Lazzarato para debater uma gestão neoliberal da saúde pública, assim como Dunker e os próprios Dardot e Laval. Utilizamos também Marx e Engels, debatidos por Dardot e Laval, para termos uma percepção mais profunda da atuação do capitalismo e sua dinâmica social. Da mesma forma que foi fundamental para a pesquisa, a compreensão de Brown para compreendermos a atuação do político no neoliberalismo.

Para analisar a pandemia separamos momentos críticos (MC) (BOLTANSKI E THÉVENOT 1999) para o decorrer da mesma, sendo assim selecionadas lives em momentos de importante posicionamento e decisão por parte do governo do estado, formando um cronograma onde tínhamos quatro momentos críticos e seis lives para serem analisadas, duas no primeiro MC da chegada da pandemia no estado, uma no segundo MC com o lançamento do programa de distanciamento controlado, uma no terceiro MC com o planejamento para as festas e final de ano, e duas no quarto MC onde estávamos chegando, e chegamos, ao pico da pandemia no RS.

Percebemos que o governador Eduardo Leite, atuou com políticas de gestão da pandemia fortemente relacionáveis com a bibliografia referente a neoliberalismo e gestão neoliberal da saúde. Também percebemos uma aproximação ideológica entre a gestão do governo do estado e o modelo social proposto e defendido pelos Think Tanks do estado, apesar de haver diferenças entre as duas.

Entre os indícios de racionalidade neoliberal que percebemos nas Lives podemos citar a busca pela responsabilização individual durante a pandemia, a falta do diálogo e do amparo com os grupos de maior risco, como trabalhadores, desempregados, classes baixas, não brancos, população em situação de rua, a busca por uma situação econômica que pudesse permitir o funcionamento em níveis confortáveis para o grande empresariado gaúcho, a fundamentação da discussão sobre um suposto debate “técnico, científico e sem política” mas que todavia nem sempre se mostrou científico e pelo contrário sempre político, a falta de políticas públicas que garantem amparo às populações e reduzissem os riscos a qualidade de vida, um modelo de controle da situação hospitalar semelhante ao *Just In Time* descrito por Lazzarato, um constante equacionamento da pandemia em questões de vidas, infectados e propagação do vírus, mesmo sabendo dos riscos e mortes que a mesma poderia causar versus funcionamento da economia e por fim a não consideração de uma realidade de enfrentamento a pandemia que atuasse criando barreiras à normalidade econômica.

Este *Just In Time*, em uma maneira de manter a normalidade econômica no máximo possível dentro de um limite à beira de uma crise, é o que chamamos neste trabalho de Colapso Iminente. Na realidade, o nome deste título, vem da fala da Secretária de Saúde Arita Bergmann, na live do dia 22/02, em que os relatos que chegavam dos hospitais já eram uma previsão do fim dos leitos disponíveis no estado. Esta política de risco, de atuar de maneira paliativa, remediadora e não de combate a pandemia, cobrou o seu preço, e o que percebemos através deste trabalho é que as decisões poderiam ter sido tomadas de maneiras diferentes, uma abordagem de cuidado humano, solidário, e que tirasse o foco econômico, mesmo que de maneira sucinta, da prioridade do governo, já poderia ter evitado um colapso da maneira que percebemos. Estranhamente, concluo a partir desta pesquisa que este cuidado que priorizasse a vida e responsabiliza o poder público, não apareceu

nas falas do Governo do estado do RS.

Na questão do posicionamento dos Think Tanks em relação a pandemia e a saúde pública, não foi possível encontrar dados referentes ao tema. O que podemos concluir foi que há uma relação de racionalidade proposta pelas instituições e a racionalidade do governo do estado.

Entendemos que o posicionamento do governo do estado pode ser percebido como capital informacional, determinante para a formação da percepção da pandemia, assim como uma ferramenta direta de biopoder, que atuou de forma calculista, de diminuição de custos e maximização possível de lucros (no sentido econômico), e de funcionamento no limite do possível (just in time de leitos) para evitar uma parada no funcionamento do mercado, frente a uma questão de saúde pública, levando com que os números de mortos e contaminados não baixassem, mas sim se mantivessem abaixo de um limite de leitos estipulado pelo próprio governo do estado, e que inclusive, no decorrer do quarto momento crítico de nossa pesquisa, acabou sendo rompido, fazendo com que os leitos hospitalares no estado ficassem com lista de espera e tivéssemos o maior pico de mortes, internações e contaminados da pandemia. De acordo com este momento, há semelhanças com as abordagens neoliberais descritas em nossa bibliografia utilizada.

Classificar Eduardo Leite como neoliberal, não era uma discussão proposta pela pesquisa e não é considerada uma pergunta a ser respondida por este estudo, porém, consideramos que há fortes indícios de relação entre a racionalidade neoliberal e a gestão de Eduardo Leite. Aqui, podemos trazer novamente Brown (2020), para pensarmos em como o que analisamos está relacionado ao neoliberalismo.

Para Brown, é evidente que nenhum neoliberal buscava realmente um Estado fraco, mas sim um Estado forte e neoliberal de sustentação da economia. Um Estado de desunião democrática, forte e técnico mas reduzido ao que poderíamos considerar um Estado Social e redistributivo. Os pobres e trabalhadores, são segundo a autora o “problema mais sério” para o Estado neoliberal.

A menos que sejam enganados, condicionados ou efetivamente marginalizados, os trabalhadores e os pobres vão sempre combater os mercados como injustos em sua distribuição de oportunidades e

Esta dinâmica de batalha, de guerra, de luta de classes, infinita e que surge de interesses distintos entre as diferentes camadas da sociedade, é apagada por uma visão propagada como natural pelos neoliberais, de que as desigualdades, o modelo econômico e social são inerentes à humanidade. Brown (2020), refere-se ainda às distinções entre brancos e não brancos, homens e não homens, entre tantas outras distinções possíveis, em que é feita uma divisão da classe trabalhadora para que se procure o privilégio, o poder através da liberdade e não da igualdade. Ademais, todas estas diferentes linhas de distinção são colocadas como naturais, na expressão da autora *TINA*, do inglês *There's no alternative* (Não há alternativa). Não se propõe o debate, a democracia, mas sim a lógica de mercado como natural, obrigatória e sem alternativa de mudança.

Este tipo de raciocínio, foi recorrente nas falas do governador Eduardo Leite, que após justificar seu plano frente a pandemia, com responsabilização individual e liberdade econômica, demonstrava não haver alternativa a não ser o funcionamento corriqueiro do mercado, como podemos observar em tantos momentos, por exemplo na live em que o governador debateu o transporte público. Para além disto, recorrentemente, o governador não via alternativa de trabalho com o governo federal, de amparo a população, e de lockdown mais severo, esta posição segundo Leite seria, puramente científico e técnico, o que segundo Brown (2020), é um modo de “as políticas pelas quais a racionalidade neoliberal guia a conduta do sujeito tornam-se incontestáveis”.

Apesar disso, houve regulamentações? Sim. Mas lembremos que, a realidade é sempre mais complexa do que aparenta, ainda mais no campo da política, o que há de democracia, ainda é fruto de luta de poderes. Eduardo Leite agiu de forma que freasse a pandemia, mas se quisesse, não poderia atuar como se não houvesse pandemia. Consequentemente, um governador tem uma série de leis e normas de diferentes instâncias que devem ser seguidas.

Por fim, acreditamos ser essencial compreendermos que por trás do esvaziamento dos debates, da fuga da politização, e de uma racionalidade pura inexistente, não há nada se não uma racionalidade política, que seguiu e segue os

interesses de uma classe/grupo específico, isto é, das elites econômicas. Este discurso, fomenta a ideia errônea de que a proposta econômica neoliberal, é a proposta natural da humanidade, ou de sua evolução como proposto por Rand(1999).

Entretanto, através de uma análise sociológica e histórica, podemos conceber a realidade como fruto de relações de força, disputa de poderes, luta de classes, e porque não, de uma disputa em torno de discursos, que como já observamos, seguem agendas específicas. Por mais confusa que pareça, esta tentativa de tornar a política neoliberal em algo natural e não político, não passa de mais uma armadilha discursiva que responde, e reproduz, uma agenda de interesses específicos, com origem, nome e classificação, possíveis de serem analisadas pela sociologia. Portanto, concluímos que a gestão de Eduardo Leite teve forte influência da racionalidade e agenda neoliberal, funcionando como parte da rede de propagação desta lógica.

De acordo com as análises temáticas estabelecidas em nossos objetivos específicos (p.16), Identificamos que Eduardo Leite prezou pela necessidade, consideravelmente, da normalidade econômica, criou o modelo de distanciamento controlado, que apesar de mitigar o avanço da pandemia não foi suficiente e foi por grande parte do tempo seguido como principal medida de combate a pandemia, mesmo prestes ao colapso do sistema de saúde do estado, a busca pela responsabilização dos indivíduos em detrimento de um risco coletivo de responsabilidade do Estado, a falta de efetividade e de busca pela utilização de todos os meios possíveis da máquina pública para o combate a pandemia, incluindo a falta de consideração de um rompimento com o governo federal, e uma repetição do discurso "científico e sem politização", que na verdade deixou de seguir a ciência quando na necessidade da normalidade econômica e nunca deixou de ser político e sem pluralidade, vide a não cooperação com a classe trabalhadora, desempregados, indígenas, quilombolas e outras camadas da sociedade muito atingidas pela pandemia.

Quanto aos Think Tanks, concluímos que Eduardo Leite tem relação com os mesmos, tendo atuado em eventos como o Fórum da Liberdade e se mostrado um apoiador deste. Também percebemos, apesar de diferentes, uma lógica semelhante

no que diz respeito a liberalização econômica, ao individualismo, a desregulamentação da economia por parte do Estado, a busca pelas privatizações, e a noção de liberdade e desvinculação da política institucional pelos Think Tanks e pelas falas do Governador.

10. REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**, p. 9-23. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ACM. Ministério da Saúde defende uso de máscaras caseiras para a população no combate à transmissão do coronavírus. Disponível em: ACM | Ministério da Saúde defende uso de máscaras caseiras para a população no combate à transmissão do coronavírus. Acesso em: 18/01/2022.

AQUINO, Estela M. L. *et al*, Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2423–2446, 2020.

ARALDI, Lucas; SVARTMAN, Eduardo Munhoz, Rede Atlas, think tanks e a construção da liberalização econômica no Brasil: uma análise do Instituto Millenium e do Instituto Ludwig Von Mises Brasil, **Conexão comunicação e cultura**, v. 18, n. 35, p. 317–339, 2019.

ARAÚJO, M. *O que necropolítica tem a ver com a pandemia e com falas de Bolsonaro* [Internet]. TAB Uol; 2020 [acessado 2020 Jul 10]. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/03/o-que-necropolitica-tem-a-ver-com-a-pandemia-e-com-falas-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>.

BALACHANDAR, S.; ZALESKI, S.; SOLDATI, A.; et al. Host-to-host airborne transmission as a multiphase flow problem for science-based social distance guidelines. *International Journal of Multiphase Flow*, v. 132, p. 103439, 2020. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0301932220305498>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

BARBOSA, Rafael Santos. Normalopatia enquanto renúncia de si. 2020. Disponível em: O que é Normalopatia? (rafaelpsi.com.br). Acesso em: 06/09/2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurent. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2016.

BELLI, Benoni; NASSER, Filipe. Ideias de política e políticas das ideias: a paisagem dos think tanks nos EUA e as estratégias de inserção do Brasil no debate global. *Política Externa*, São Paulo, v. 23, out./nov./dez. 2014. p. 153-172.

BOGADO, F. Entrevista com Maurizio Lazzarato. A vida dos humanos sujeita à lógica contável que organiza a saúde pública. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598086-a-vida-dos-humanos-sujeita-a-logica-contavel-que-organiza-a-saude-publica-entrevista-com-maurizio-lazzarato>>. Acesso em: 07/10/2020.

BOITO JR., Armando. Hegemonia Neoliberal e sindicalismo no Brasil. Crítica Marxista , nº 3, São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. The Sociology of Critical Capacity. European Journal of Social Theory, v. 2, n. 3, p. 359–377, 1999. Tradução de Marcos de Aquino Santos. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/136843199002003010>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

BOLZAN, Luis Carlos. Ajuste fiscal e o Sistema Único de Saúde na gestão estadual do Rio Grande do Sul: a política de saúde esvaziada pela ideologia neoliberal. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, 2010.

BORGES, Janiele. BARCELOS, Márcio. RODRIGUES, Marcio. Empresarização da saúde pública: o caso da EBSEH. Revista pensamento contemporâneo em administração, V.12 N.4, 75-90, out./dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. Espíritos de Estado: Génesis y estructura del campo burocrático. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, N°96-97, março de 1993.

_____, Pierre. (1997), Méditations pascaliennes. Paris, Seuil.

BRASILDEFATO. Enquanto fome avança, número de bilionários cresce no Brasil, e seu patrimônio dobra. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/06/enquanto-fome-avanca-numero-de-bilionarios-cresce-no-brasil-e-seu-patrimonio-dobra>. Acesso em: 24/01/2022.

BRF. NOSSA HISTÓRIA. 2020. Disponível em: [Nossa história - BRF Global \(brf-global.com\)](https://brf-global.com). Acesso em: 01/03/2022.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

BVS. Novo Coronavírus (Covid-19): informações básicas. Disponível em: Novo Coronavírus (Covid-19): informações básicas | Biblioteca Virtual em Saúde MS (saude.gov.br). Acesso em: 13/01/2022.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Caderno ODS 1: Erradicação da pobreza. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2021.

CADONÁ, Marco André. A inserção neoliberal: burguesia industrial e a inserção econômica do Rio Grande do Sul no processo de reestruturação do capitalismo durante os anos 1990. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

CANTU, Rodrigo. A pandemia, os economistas e o fim do neoliberalismo no Brasil. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Rio de Janeiro –

Reflexões na Pandemia 2020.

CARTA CAPITAL. Empresários bolsonaristas são oito dos 200 maiores bilionários. 2019. Disponível em: [Empresários bolsonaristas são oito dos 200 maiores bilionários - CartaCapital](#). Acesso em: 01/03/2022.

CAVALCANTE, Tânia Maria. O controle do tabagismo no Brasil: avanços e desafios. Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo) 32 (5) • Out 2005.

CNN. Ministério da Saúde considera região Sul epicentro da pandemia no país. 2021. Disponível em: Ministério da Saúde considera região Sul epicentro da pandemia no país | CNN Brasil. Acesso em: 24/08/2021.

CONGRESSO EM FOCO. Painel COVID-19. 2021. Disponível em: Painel COVID-19 - Estados e Municípios - Congresso em Foco (uol.com.br). Acesso em 24/08/2021.

CONSELHO NACIONAL DE MEDICINA. RECOMENDAÇÃO Nº 036, DE 11 DE MAIO DE 2020. Disponível em: Conselho Nacional de Saúde - RECOMENDAÇÃO Nº 036, DE 11 DE MAIO DE 2020 (saude.gov.br). Acesso em 29/08/2021.

CORONAVÍRUS BRASIL. Painel coronavírus. 2022. Disponível em: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](#). Acesso em: 01/03/2022.

CORONAVÍRUS-MS. Acha que está com sintomas da covid-19? Disponível em: Acha que está com sintomas da covid-19? – CORONA VÍRUS (coronavirus.ms.gov.br). Acesso em: 13/01/2022.

COSTA, M.V.; CARRASCO-GUTIERREZ, C.E.; REIS, C.V.S. Diferencial de Salários por Cor e Sexo no Brasil: Uma Análise por Grandes Regiões. Economia Ensaios v.35 n.1 2020.

CSSEGISandData/COVID-19. 2022. Disponível em: [GitHub - CSSEGISandData/COVID-19: Novel Coronavirus \(COVID-19\) Cases, provided by JHU CSSE](#). Acesso em: 01/03/2022.

CUT. Epicentro mundial da pandemia, Brasil é pressionado a mudar ministro da Saúde. 2021. Disponível em: Epicentro mundial da pandemia, Brasil é pressionado a mudar ministro da Saúde - CUT - Central Única dos Trabalhadores. Acesso em: 24/08/2021.

DARDOT E LAVAL. Anatomia do novo neoliberalismo. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval. 2019a. Disponível em: Anatomia do novo neoliberalismo. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 10/09/2021.

DARDOT E LAVAL. Dardot e Laval: a “nova” fase do neoliberalismo. Outras mídias. 2019b. Disponível em: Dardot e Laval: a "nova" fase do neoliberalismo - Outras Palavras. Acesso em: 10/09/2021.

DARDOT E LAVAL. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. REVISTA O OLHO DA HISTORIA: N. 22 | Abril, 2016a.

DARDOT, P; LAVAL C. Uma nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo; 2016b.

DAROS, Cristiano. Entenda como funciona a definição das bandeiras do Distanciamento Controlado. O pioneiro, 2020. Disponível em: Entenda como funciona a definição das bandeiras do Distanciamento Controlado | Pioneiro (clicrbs.com.br). Acesso em: 17/08/2021.

DIÁRIO GAÚCHO. Trens lotados, álcool gel em falta e lavatórios quebrados: as principais reclamações dos usuários do trensurb. Disponível em: Trens lotados, álcool gel em falta e lavatórios quebrados: as principais reclamações dos usuários do trensurb - Notícias (clicrbs.com.br). Acesso em: 18/01/2022.

DICKEL, Mara Eliane Graeff. O papel do terceiro setor nas políticas ambientais do estado neoliberal: uma análise a partir do Corede centro do Rio Grande do Sul. 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de geografia, UFSM, Santa Maria, 2010.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. O neoliberalismo e seus normalopatas. 2016. Disponível em: O neoliberalismo e seus normalopatas – Blog da Boitempo. Acesso em : 06/09/2021.

DW. É possível contrair o coronavírus ao ar livre? Disponível em: É possível contrair o coronavírus ao ar livre? – DW – 08/03/2021. Acesso em: 18/01/2022.

EL PAÍS. Eduardo Leite: “Ninguém vai pagar para ver quando se paga com vidas”. 2020. Disponível em: Coronavírus: Eduardo Leite: “Ninguém vai pagar para ver quando se paga com vidas” | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 24/08/2021.

ESTADO-RS. Decreto estadual estipula novas regras para o uso de máscara infantil. 2022. Disponível em: [Decreto estadual estipula novas regras para o uso de máscara infantil - Portal do Estado do Rio Grande do Sul](#). Acesso em: 01/03/2022.

ESTADO-RS. Governador destaca, no Fórum da Liberdade, redução da máquina pública. 2019. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/governador-destaca-reducao-da-maquina-publica-na-abertura-do-forum-da-liberdade>. Acesso em: 20/01/2022.

ESTADO-RS. PÚBLICOS DE BAIXA RENDA E VULNERÁVEIS. Disponível em: Públicos de baixa renda e vulneráveis - Portal do Estado do Rio Grande do Sul. Acesso em: 01/01/2022.

EXAME. Estamos todos no mesmo barco nesta crise, diz fundador da Centauro. 2020. Disponível em: [Estamos todos no mesmo barco nesta crise, diz fundador da Centauro | Exame](#). Acesso em: 01.03/2022.

EXAME. 60% dos pacientes que tiveram covid têm sequelas após um ano, diz estudo. Disponível em: 60% dos pacientes que tiveram covid têm sequelas após um ano, diz estudo | Exame. Acesso em: 13/01/2022.

FGV-CERI. Transporte público e a Covid-19: o abandono do setor durante a pandemia. Disponível em: tpc_covid19.pdf (fgv.br). Acesso em: 24/01/2022.

FIOCRUZ. Casos graves de Covid-19 estão associados a envelhecimento do sistema imune. Disponível em: Casos graves de Covid-19 estão associados a envelhecimento do sistema imune (fiocruz.br). Acesso em: 13/01/2022.

FOLHA(a). Da geração do Fórum Social, governador do RS se diz liberal desde os 16. 2020. Disponível em: Da geração do Fórum Social, governador do RS se diz liberal desde os 16 - 05/01/2020 - Mercado - Folha (uol.com.br). Acesso em: 04/09/2021.

FOLHA (b). Só 9% dos infectados por coronavírus se dizem assintomáticos, diz estudo. Disponível em: Só 9% dos infectados por coronavírus se dizem assintomáticos, diz estudo - 02/07/2020 - Equilíbrio e Saúde - Folha (uol.com.br). Acesso em: 13/01/2022.

FORBES. Os maiores bilionários em cada estado brasileiro. Disponível em: Os maiores bilionários em cada estado brasileiro - Forbes Brasil. Acesso em: 24/01/2022.

FORUM. Passando a boiada: Ricardo Salles divulga outdoor para defender política de devastação ambiental. 2020. Disponível em: Passando a boiada: Ricardo Salles divulga outdoor para defender política de devastação ambiental - Revista Fórum (revistaforum.com.br). Acesso em: 20/01/2022.

FORUM DA LIBERDADE. EDIÇÕES. Disponível em: <https://www.forumdaliberdade.com.br/edicoes>. Acesso em: 20/01/2022.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____, M. A ordem do discurso. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, M. O nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAGO, Verônica. A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular. Trad. Igor Peres. 372 p. São Paulo: Elefante, 2018.

GAUCHAZH. Especialistas criticam decisão de Eduardo Leite que desobriga uso de máscaras por crianças até 12 anos . 2022. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2022/02/especialistas-criticam-decisao-de-eduardo-leite-que-desobriga-uso-de-mascaras-por-criancas-ate-12-anos-cl05pj0rm000s017cdbmybg9m.html>. Acesso em: 01/03/2022.

GAUCHAZH. Taxa de desemprego no RS cai no quarto trimestre, mas média de 2020 é a maior da série histórica. Disponível em: Taxa de desemprego no RS cai no quarto trimestre, mas média de 2020 é a maior da série histórica | GZH (clicrbs.com.br). Acesso em: 24/01/2022.

GAUCHAZH. Região metropolitana de Porto Alegre é a mais desigual do sul do país. Disponível em: Região metropolitana de Porto Alegre é a mais desigual do sul do país | GZH (clicrbs.com.br). Acesso em: 24/01/2022.

GAULEJAC, Vincent de. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Idéias e Letras, 2007.

GAZETA DO POVO. Covid-19 no mundo: mortes por milhão de habitantes. 2021. Disponível em: Covid-19 no mundo: mortes por milhão de habitantes | Ranking | Gazeta do Povo. Acesso em: 24/08/2021.

GÖTTEMS, Leila Bernarda Donato; MOLLO, Maria de Lourdes Rollemberg, Neoliberalism in Latin America: effects on health system reforms, **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 74, 2020.

GROS, Denise. Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional. Ensaio FEE. V.29. N, 2 (2008).

GROS, Denise B. Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República. Porto Alegre: FEE, 2003. (Teses FEE, n. 6).

GROS, Denise. Novas formas de ação política do empresariado gaúcho nas últimas décadas. Ensaio FEE. A evolução social. (Três décadas de economia gaúcha, v.3). 2010

GRÜN, Roberto, Modelos de empresa, modelos de mundo: sobre algumas características culturais da nova ordem econômica e da resistência a ela. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 14, n. 41, p. 121–140, 1999.

G1. Estados sofrem com a falta de médicos, muitos contaminados e outros afastados por exaustão. Disponível em: Estados sofrem com a falta de médicos, muitos contaminados e outros afastados por exaustão | Jornal Nacional | G1 (globo.com). Acesso em: 17/08/2021.

G1. Local de trabalho é o maior foco de transmissão da Covid-19 na França, diz especialista. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/13/local-de-trabalho-e-o-maior-foco-de-transmissao-da-covid-19-na-franca-diz-especialista.ghtml>. Acesso em: 24/01/2022.

G1. Região Metropolitana de Porto Alegre tem mais 283 mil pessoas na zona da pobreza por causa da pandemia, diz boletim da PUCRS. Disponível em: Região Metropolitana de Porto Alegre tem mais 283 mil pessoas na zona da pobreza por causa da pandemia, diz boletim da PUCRS | Rio Grande do Sul | G1 (globo.com). Acesso em: 24/01/2022.

GZH. OMS passa a recomendar o uso de máscaras caseiras para toda população. Disponível em: OMS passa a recomendar o uso de máscaras caseiras para toda população | GZH (clicrbs.com.br). Acesso em: 13/01/2022.

HALLAL, Pedro et al. Slow Spread of SARS-CoV-2 in Southern Brazil Over a 6-Month Period: Report on 8 Sequential Statewide Serological Surveys Including 35 611 Participants. American Journal of Public Health **111**, 1542_1550. 2021.

IBGE. ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO COM DATA DE REFERÊNCIA EM 1º DE JULHO DE 2020. 2020. Disponível em: estimativa_dou_2020.pdf (ibge.gov.br). Acesso em: 24/08/2021.

ICF. O nosso propósito. Disponível em: <https://institutoculturalfloresta.org.br/o-nosso-proposito/>. Acesso em: 13/01/2022.

Instituto de estudos empresariais. Impacto. Sem data. Disponível em: <https://iee.com.br/dados-de-impacto/>. Acesso em: 20/01/2022.

Instituto de estudos empresariais. Quem somos? Sem data. Disponível em: <https://www.iee.com.br/quem-somos>. Acesso em: 06/09/2021.

Instituto Liberdade. O instituto. Sem data. Disponível em: Instituto Liberdade - Pensar Liberta. Acesso em: 06/09/2021.

INSTITUTO SERRAPILHEIRA. Quem somos. Disponível em: Quem somos - Instituto Serrapilheira. Acesso em: 13/01/2022.

JBS. Quem Somos. 2021. Disponível em: [A JBS - JBS - Alimentamos o mundo com o que há de melhor](#). Acesso em: 01/03/2022.

JONES, Daniel S. Masters of the Universe: Hayek, Friedman and the Birth of Neoliberal Politics. New Jersey: Princeton University Press, 2012.

JONES, Nicholas R; QURESHI, Zeshan U; TEMPLE, Robert J; et al. Two meters or one: what is the evidence for physical distancing in covid-19? BMJ, p. m3223, 2020. Disponível em: <<https://www.bmj.com/lookup/doi/10.1136/bmj.m3223>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

JORNAL DO COMÉRCIO. Eduardo Leite explica o distanciamento controlado: não é volta à normalidade. 2020 (a). Disponível em: Coronavírus - Eduardo Leite explica o distanciamento controlado: não é volta à normalidade (jornaldocomercio.com). Acesso em: 24/08/2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. Governadores reagem a anúncio de Bolsonaro sobre vacina chinesa. 2020 (b). Disponível em: Política - Governadores reagem a anúncio de Bolsonaro sobre vacina chinesa (jornaldocomercio.com). Acesso em 24/08/2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. Quase 90% dos negócios que fecharam as portas no RS são de micro e pequeno porte. Disponível em: Economia - Quase 90% dos negócios que fecharam as portas no RS são de micro e pequeno porte (jornaldocomercio.com). Acesso em: 24/01/2022.

LAZZARATO, Maurizio. A era do homem endividado e a financeirização como forma contemporânea de guerra. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572884-a-era-do-homem-endividado-e-a-financeirizacao-como-forma-de-guerra>>. Acesso em: 07/10/2020.

LAZZARATO, M. O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal. São Carlos: Editora UFSCar, 2011.

LEITE, Eduardo (a). 1 vídeo (15 minutos). Governador Eduardo Leite faz pronunciamento sobre o Corona Vírus . Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: [Governador Eduardo Leite faz pronunciamento sobre o Corona Vírus - YouTube](#). Acesso em: 05/03/2022.

LEITE, Eduardo (b). 1 vídeo (1 Hora e 54 minutos). Coletiva Coronavírus 09/05. Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=318450345790075. Acesso em: 05/03/2022.

LEITE, Eduardo (c). 1 vídeo (38 minutos). Atualizações sobre o coronavírus no Rio Grande do Sul. Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=268676060818500>. Acesso em: 05/03/2022.

LEITE, Eduardo (a). 1 vídeo (46 minutos). Live de atualizações coronavírus (22/02). Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5SxRpbhMxM&t=20s>. Acesso em: 05/03/2022.

LEITE, Eduardo (d). 1 vídeo (47 minutos). Plano para vacinação Covid-19 (08/12). Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: [Plano para vacinação Covid-19 \(08/12\) - YouTube](#). Acesso em: 05/03/2022.

LEITE, Eduardo (b). 1 vídeo (60 minutos). Coletiva governador Eduardo Leite (05/03). Publicado pelo canal do Governo do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: [Coletiva governador Eduardo Leite \(05/03\) - YouTube](#). Acesso em: 05/03/2022.

LINKEDIN. Bruno Zaffari. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/bruno-zaffari-4a3bb81b>. Acesso em: 10/04/2022

MADEIRA, Zeldia e GOMES, Daiane Diane de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. Serviço Social (133).

Setembro-Dezembro 2018.

MAQUINA CRÍSICA. O neoliberalismo é, hoje, um paradoxo que dilui a fronteira entre em cima e embaixo, exploração e resistência. Entrevista com Verónica Gago. 2016. Disponível em: O neoliberalismo é, hoje, um paradoxo que dilui a fronteira entre em cima e embaixo, exploração e resistência. Entrevista com Verónica Gago. (maquinacrisica.org). Acesso em: 06/09/2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARMOT, Michael G. 2004. The Status Syndrome: How Your Social Standing Directly Affects Your Health and Life Expectancy. London: Bloomsbury.

MARTINS, Thays. Sensação de proteção por "tratamento precoce" causou mais covid, diz estudo. Correio Braziliense. 01/03/2021. Disponível em: Sensação de proteção por "tratamento precoce" causou mais covid, diz estudo (correio braziliense.com.br) . Acesso em: 01/03/2021.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl. O capital- Livro 1. 1 ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.

MBEMBE, A. Necropolítica*. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32 | dezembro 2016.

MBEMBE, A. *Necropolítica* São Paulo: n-1 edições; 2018.

MENDES, Daniele C.B. CONSIDERAÇÕES ELEMENTARES DA METODOLOGIA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISA QUALITATIVA NO ÂMBITO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 3, p. 4-15, 1. Sem. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. COVID 19 NO BRASIL. 2021. Disponível em: Covid-19 Casos e Óbitos (saude.gov.br). Acesso em: 24/08/2021.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2020, v. 36, n. 9 [Acessado 9 Agosto 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00150120>>

PARPET, Marie-France Garcia. A construção intelectual dos mercados agrícolas: uma sociedade francesa dos economistas agrícolas e a revista *Economie Rurale*. Mana, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 75-97, abril de 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132010000100004&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 28 de nov de 2019.

CORONAVIRUS COVID 19. Painel coronavírus RS. 2022. Disponível em: [SES/RS -](#)

[Coronavirus \(saude.rs.gov.br\)](https://saude.rs.gov.br). Acesso em: 01/03/2022.

PIAUI. HANOÍ VENCE OUTRA VEZ. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hanoi-vence-outra-vez/>. Acesso em: 06/09/2021.

PODER 360. Porque em alguns países se usa máscara e em outros, não. Disponível em: [Porque em alguns países se usa máscara e em outros, não \(poder360.com.br\)](https://poder360.com.br). Acesso em: 13/01/2022.

PORTAL DO ASSOCIADO. Disponível em: <http://www.portaldoassociado-iee.com.br/institucional>. Acesso em: 20/01/2022.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira; LACZYNSKI, Patrícia. São Paulo à venda: ultraneoliberalismo urbano, privatização e acumulação de capital (2017-2020). GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 24, n. 2, p. 243–261, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/168529>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo *et al.* COVID-19: monitoramento de síndromes respiratórias e óbitos domiciliares no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e914998044–e914998044, 2020

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo *et al.*, Effect of income on the cumulative incidence of COVID-19: an ecological study, **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, p. e3344, 2020b.

RAFAEL, R. M. R., et al. Epidemiology, public policies and Covid-19 pandemics in Brazil: what can we expect? *Revista Enfermagem UERJ*, 28, e49570. 2020 c.

RAND, Ayn. *Journals of Ayn Rand*. 1 Edição. New York: Plume. 1999.

REDE BRASIL ATUAL. Movimento Vacina Já cobra 'lockdown' no Rio Grande do Sul em 'contraponto à barbárie bolsonarista'. Disponível em: [Movimento Vacina Já cobra 'lockdown' no Rio Grande do Sul em 'contraponto à barbárie bolsonarista' - Rede Brasil Atual](#). Acesso em: 24/08/2021.

RFI. Países asiáticos e africanos se recuperam mais rápido da pandemia que Brasil e UE. 2021. Disponível em: [Países asiáticos e africanos se recuperam mais rápido da pandemia que Brasil e UE \(rfi.fr\)](https://rfi.fr). Acesso em: 06/09/2021.

ROCHA, C. O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil. *Millcayac - Revista Digital de Ciencias Sociales*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 95–120, 2017. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/millca-digital/article/view/1020>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SALLUM JR, Brasílio, O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo, *Tempo Social*, v. 11, n. 2, p. 23–47, 1999.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos *et al*, Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 2, p. 4211–4224, 2020.

SILVEIRA, L.S.; SIQUEIRA, N.L. Segregação ocupacional e diferenciais de renda por gênero e raça no Brasil: Uma análise de grupos etários. *Revista Brasileira de estudos de população*. 38. 2021.

SOUL MEDICINA. A falta de médicos no interior. Sem data. Disponível em: A falta de médicos nos hospitais públicos do interior do Brasil (soulmedicina.com.br). Acesso em: 17/08/2021.

SOUZA, Diego Oliveira de. A DITADURA CIVIL-MILITAR E OS INVESTIMENTOS NORTEAMERICANOS NO BRASIL (1965-1984): A PARTICIPAÇÃO DO CAPITAL PRIVADA E A BUSCA POR GARANTIAS ECONÔMICAS E POLÍTICAS. *História em Revista*, Pelotas, 59-72, v. 19, dez./2013.

SOUZA, P.H.G.F.; MEDEIROS, M. The concentration of income at the top in Brazil, 2006-2014. WORKING PAPER n° 163 novembro, 2017.

SUL21. Fome no RS é maior nas regiões de grandes latifúndios, diz pesquisadora da UFRGS. Disponível em: Fome no RS é maior nas regiões de grandes latifúndios, diz pesquisadora da UFRGS - Sul 21. Acesso em: 01/01/2022.

SUPER INTERESSANTE. OMS, finalmente, passa a recomendar uso de máscara. Disponível em: OMS, finalmente, passa a recomendar uso de máscara | Super (abril.com.br). Acesso em: 13/01/2022.

TECMUNDO. O não vacinado no Vietnã está mais seguro que o vacinado no Brasil? 2021. Disponível em: O não vacinado no Vietnã está mais seguro que o vacinado no Brasil? - TecMundo. Acesso em: 06/09/2021.

TEIXEIRA, Tatiana. Os think tanks e sua influência na política externa dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TUMELERO, Náina Ariana Souza; VERNAL, Javier Ignacio, A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular Resenha da obra de Verônica Gago, **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, v. 6, n. 2, p. 144–148, 2020.

UFAM. Pesquisa identifica melhores países no combate à covid-19. 2020. Disponível em: Pesquisa identifica melhores países no combate à covid-19 (ufam.edu.br). Acesso em: 06/09/2021.

UFPEL. EPICOID19-BR divulga novos resultados sobre o coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.epidemioufpel.org.br%2Fuploads%2Fdownloads%2F214ffa68edb9a123189cdd73e7a7eaa0.docx&wdOrigin=BROWSELINK>. Acesso em: 13/01/2022.

UOL. AUXÍLIO E LOCKDOWN. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/paises-resistem-a-covid-dando-dinheiro-para-empresas-e-cidadaos/#end-card>. Acesso em: 06/09/2021.

VEJA SAÚDE. Como é a recuperação dos casos mais graves de coronavírus? Disponível em: Como é a recuperação dos casos mais graves de coronavírus? | Veja Saúde (abril.com.br). Acesso em: 13/01/2022.

VILAÇA, Mônica; FREITAS, Bárbara, A POTÊNCIA DOS FEMINISMOS NA LUTA CONTRA A RAZÃO NEOLIBERAL NA AMÉRICA LATINA, **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO**, n. 52, p. 231–245, 2020.

WEITZ, R. The Sociology of Health, Illness, and Health Care A Critical Approach (2006). Belmont, CA, USA. Thomson Wadsworth. Disponível em: <https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/15562/mod_resource/content/0/WEITZ%20R.%20The%20Sociology%20of%20Health%20Illness%20and%20Health%20Care_%20A%20Critical%20Approach%20%282006%29.pdf>. Acesso em: 06/10/2020.

WIETCHIKOSKI, Luciana. A atuação internacional do Brasil no Século XXI: as visões dos principais think tanks estadunidenses (2003-2016). 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/186008>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

WILKINSON, Richard G. 1996. Unhealthy Societies: The Afflictions of Inequality. London: Routledge.

WILKINSON, Richard G. 2005. The Impact of Inequality. London: New Press.